

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**

**MARGEAR O OUTRO: VIAGEM, EXPERIÊNCIA E NOTAS DE EUCLIDES
DA CUNHA NOS SERTÕES BAIANOS.**

NATHÁLIA SANGLARD DE ALMEIDA NOGUEIRA

**Niterói
2013**

NATHÁLIA SANGLARD DE ALMEIDA NOGUEIRA

**MARGEAR O OUTRO: VIAGEM, EXPERIÊNCIA E NOTAS DE EUCLIDES
DA CUNHA NOS SERTÕES BAIANOS.**

**Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História da
Universidade Federal Fluminense, como
requisito parcial para obtenção do título
de mestre.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Hebe Mattos.

Niterói, RJ

2013

NATHÁLIA SANGLARD DE ALMEIDA NOGUEIRA

**MARGEAR O OUTRO: VIAGEM, EXPERIÊNCIA E NOTAS DE EUCLIDES
DA CUNHA NOS SERTÕES BAIANOS.**

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Hebe Maria da Costa Mattos Gomes de Castro
(orientadora)

Prof.^a Dr.^a Giselle Martins Venâncio

Prof. Dr. Leonardo Affonso de Miranda Pereira

Prof.^a Dr.^a Carolina Vianna Dantas
(suplente)

À minha mãe, meu sanhaço azul, a quem entrego todo o meu bem-querer.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, a professora Hebe Mattos, por ter acolhido minha pesquisa, me presenteado com a sutileza do seu olhar, sua lucidez intelectual e uma delicada paciência, entremeadas às margens da liberdade.

Aos professores Giselle Venâncio e Leonardo Pereira, pela generosidade da leitura e pelas preciosas sugestões, fundamentais para o amadurecimento da minha pesquisa.

Aos professores do PPGH, em especial, à Martha Abreu e à Verónica Secreto, por reafirmarem meu encanto pela História e acenarem para uma inspiradora prática docente: leve e emancipatória.

Aos colegas e companheiros do mestrado, pelas prosas acadêmicas ou não, e, sobretudo, pela admiração que o trabalho de vocês me desperta.

Ao meu tio Antônio, a quem devo o gosto pelos causos e a gratidão pela torcida incondicional.

Ao Leonardo Pavone, meu pouquinho de saúde, meu descanso na loucura.

À Ana Carolina Pereira, à Clara Carvalho, ao Daniel Gonçalves, à Katarina Pitasse, ao Luiz Gustavo Vieira, à Patrícia Reis e à Samia Mounzer, essas andorinhas altaneiras que dilatam os limites da matéria sonhável. Muito obrigada pelo carinho com que ouviram meus devaneios e desassossegos, desde o momento em que apareceram e maravilharam minha travessia.

À minha mãe, Marta, pelos afagos, pelo remanso, pela cumplicidade e pela confiança, que clareiam meus dias e reabilitam minha paz.

“Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou.”

“Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”

João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: veredas*.

Resumo:

Esta dissertação propõe remontar a feitura d'*Os sertões*, de modo a recuperar as imagens traçadas por Euclides da Cunha a respeito das terras agrestes, desde sua mocidade aos escritos posteriores. Assim, preliminarmente, serão analisadas as oscilações euclidianas em torno do sertão, entre uma tônica idílica, nos poemas e artigos da juventude, e uma atordoante, nos registros ulteriores, marcados por leituras científicas. Em seguida, a partir de sua estada na Bahia, cruzando-se um "ter estado lá" e tendências do pensamento científico e histórico à época, pretende-se avaliar a centralidade do contato do autor com as coisas e pessoas deste canto de um Brasil ignoto e perceber como o exercício de um olhar etnográfico converteu a viagem em impulso e embrião para sua obra-mestra, o que se ambiciona corroborar em função do cotejo entre sua caderneta, suas correspondências enviadas ao jornal *O Estado de S. Paulo* e o livro em questão. Por último, estuda-se o mecanismo de tradução da alteridade sertaneja, perdida em recônditas trilhas, onde haveria o mais genuíno, anacrônico, aterrador e vigoroso Brasil.

Palavras-chave: Euclides da Cunha; sertão; olhar etnográfico; alteridade.

Abstract:

This dissertation aims to reconstruct the made of *Os Sertões (Rebellion in the Backland)* in order to rescue the images built by Euclides da Cunha on the wild lands, from his youth until his late writings. Firstly, we analyze Euclidean variations on the backlands: something between an idyllic accent, during the poems and essays of his young years, and the dazzling tone of the scientific readings of his late works. Secondly, taking into consideration Cunha's staying in Bahia and contrasting the experience of "having been there" to the scientific and historical thoughts of that moment, we evaluate the centrality of the author's contact with people and things that belonged to an unknown part of Brazil, trying to understand how an ethnographic eye converted his voyage into the seed of his master piece. To do so, we collate his notes and letters to the newspaper *O Estado de S. Paulo* and the *Rebellion in the Backlands*. We finally study the translation of the backland people's otherness, which was lost in the remote roads where the most genuine, anachronistic, terrifying and vigorous Brazil could be found.

Key-words: Euclides da Cunha; backlands; ethnographic eye; otherness

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
Um (in)certo sertão	10
“Roteiro todo da viagem, aos poucos para se historiar”: os passos da pesquisa	14
I. ORA IDÍLICOS, ORA TERRÍVEIS: OS SERTÕES EUCLIDIANOS E SUAS OSCILAÇÕES	18
Versando viagens e sertões: sensibilidade romântica nas primeiras impressões de Euclides da Cunha	18
Dos sertões dos sonhos ao “arraial maldito”: o enquadramento do olhar pelas <i>sciencias</i>	28
II. VIAGEM AO ARRAIAL: A ESTADA DE EUCLIDES EM CANUDOS E A EXPERIÊNCIA COM O “OUTRO”.....	44
Sobre as notas da travessia.....	44
Sobre o olhar, o testemunho e a experiência nos sertões baianos.....	81
III. AS SINUOSAS VEREDAS DA TRADUÇÃO DA ALTERIDADE SERTANEJA.....	98
A escrita d’ <i>Os sertões</i> : notas sobre o estilo de um narrador sincero e dividido	98
Um agreste labirinto: a ambivalente tradução euclidiana da brasilidade sertaneja ..	100
A religiosidade no agreste segundo Euclides da Cunha: predicados dissonantes e refluxo no tempo.....	108
CONCLUSÃO.....	115
FONTES	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121

INTRODUÇÃO

Um (in)certo sertão

(...) longe, longe, até ao fim, como o sertão é grande...

João Guimarães Rosa

A fala de Riobaldo, no romance de João Guimarães Rosa, desvela um sentido recorrente da palavra sertão: espaço longínquo, incerto, vasto. Em sua etimologia, *certão* seria uma corruptela do vocábulo *muçeltão*, a designar interior, sítio apartado do mar, em princípio, sem vínculos com traços de secura e esterilidade. Outros filólogos atribuíram sua gênese ao termo latino *desertanu*, mais colado à ideia de agreste¹.

Entre os séculos XVIII e XIX foram atravessados por bandeirantes e viajantes naturalistas, que, apesar de imbuídos por motivos diversos, adentraram o território, ou para conquistá-lo, expandir fronteiras, ou para maravilhar-se e pesquisar seu aspecto belo, pitoresco e, mais tarde, terrivelmente, sublime.

Na tradição literária oitocentista, o imaginário romântico evocou a nostalgia da vida no seio ameno da natureza, zona por excelência da autenticidade, por ressentir-se da perda dos valores comunitários e dos atropelos impostos pela civilização. No Brasil, este ímpeto de reencontrar a natureza pura direcionou-se aos sertões, onde se cria possível resgatar tradições e retornar ao passado.

Identificada, portanto, com o ambiente rural, com o campo, a representação das paragens sertanejas, todavia, não foi sempre idealizada, convivendo com perspectivas depreciativas, a enxergarem a inferioridade étnica de sua gente, sua inadequação ao progresso e seu estado de barbárie.

Ora lido como original, ora como domínio da selvatiqueza, os sertões apareciam quase sempre referidos como o contrário da cidade. Essa dualidade entre as esferas do rural e do urbano, essencial à época em que se almejava construir a nação brasileira, repercutiu, segundo Luciana Murari, na fundação de um gênero definido, a literatura regionalista, na última década do século XIX. Para a autora, este florescimento devia-se ao impacto da modernização sobre os quadros rurais e acoplava tanto o repertório do naturalismo e sua inspiração nos pressupostos deterministas geográficos, quanto a

¹ NEVES, Erivaldo Fagundes. “Sertão recôndito, polissêmico e controvertido”. In: KURY, Lorelai Brillhante. (Org). In: *Sertões adentro: viagens nas Caatingas (séculos XVI a XIX)*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, 2012.

sensibilidade romântica, com sua incessante procura pela singularidade da cor local, na contramão das pressões civilizacionais. De acordo com Murari,

É a partir do processo de modernização, de seus valores e ritmos particulares, e de sua percepção do tempo e do espaço, que a literatura regionalista deve ser compreendida, em sua pretensão de registro de culturas obsoletas e condenadas ao desaparecimento, e na criação de um sentimento de autenticidade que as transformava em acervos privilegiados para a observação etnográfica. O regionalismo contribuiu ao mesmo tempo para a permanência de uma visão da realidade brasileira a partir do exterior – a observação aristocrática do “homem de letras” -, desta vez voltada não para a representação da diferença do país em relação à Europa, mas para as suas próprias diferenças internas².

Este cenário fornece indícios para reconstruir a trajetória de Euclides da Cunha e suas sinuosas apreensões do sertão, algo sobre o que esta pesquisa irá se debruçar. Entre 1883 e 1884, escreveu uma série de poemas, intitulada *Ondas*, em que prestava deferência à natureza e ao passado, em detrimento da cidade e das agruras do presente, claramente embebido na temática sentimental romântica. À medida que entrou em contato com leituras científicas, mormente a partir de 1885, no curso preparatório da Escola Politécnica, no Largo de São Francisco, no Rio de Janeiro, e, em 1886, na Escola Militar da Praia Vermelha, passou a agregar um instrumental teórico que pintava de modo mais sombrio as telas oníricas dos sertões na mocidade, sem, entretanto, deixar de oscilar em concessões à emotividade romântica. Anos depois, em 1897, foi enviado pelo jornal *O Estado de S. Paulo* para cobrir os lances da guerra de Canudos, ocasião em que teve a oportunidade de projetar um olhar empírico para os sertões, constantes em seus registros já na juventude.

O desembocar da literatura regionalista faz remontar desde as linhas do romantismo de José de Alencar, em *O sertanejo* (1875), e seu toque heroicizante do espaço e de seu homem, às incursões de Afonso Arinos, em *Pelo sertão* (1898), conjunto de artigos publicados em revistas e jornais e no romance *Os Jagunços* (1898), o qual trazia o drama de Canudos e os contos de Coelho Neto, em *Sertão* (1897), em que paira uma reflexão sobre esses “outros” da nação brasileira. Destacam-se esses três autores, dentre tantos a se embrenhar pelas veredas literárias do sertão, devido à projeção que tiveram na valorização do sertanejo e de suas manifestações ditas primitivas, eleitas para definir as raízes da nacionalidade e, também, por estarem emaranhados nas malhas da intertextualidade de Euclides da Cunha, em sua obra mestra *Os sertões*. Leopoldo Bernucci, em *A imitação dos sentidos*, sondou as confluências e

² MURARI, Luciana. *Natureza e cultura no Brasil*. (1870-1922). São Paulo: Alameda, 2009, p. 196.

os processos imitativos de que Euclides se valeu para confeccionar seu texto, desnudando, por exemplo, a quase repetição do traçar físico do sertanejo e do gaúcho de Alencar, com as mesmas tintas de bravura, em Euclides. Afonso Arinos, por sua vez, teria ressoado em detalhes, como na imagem de um inferno dantesco no artigo *Campanha de Canudos (O epílogo da Guerra)*, publicado em 9 de outubro de 1897, no *Comércio de São Paulo*, replicado em correspondência de Euclides a *O Estado* e n' *Os sertões*. Outra similitude estaria na forma de descrever o fanatismo do arraial e o arrebatamento causado por Antônio Conselheiro³.

Não adstritos à literatura, entre o romantismo, o naturalismo e a feição mais específica do regionalismo, os sertões ensejaram debates no campo historiográfico oitocentista. Na década de 1870, o redimensionar da figura do bandeirante esteve atrelado à tentativa de se formatar uma história por dentro, em que o peso do litoral fosse balanceado pelo do sertão e os desbravadores das matas interiores ganhassem relevo, desligando-se da imagem de anti-herói inculcada pela visão monárquico-indigenista. Contribuíram para esta rotação a produção historiográfica de Capistrano de Abreu e aquela levada adiante por intelectuais paulistas, em especial os republicanos. Capistrano, impulsionado por uma operação histórica assentada nas bases do cientificismo positivista e do determinismo geográfico, intentava esclarecer a interação entre o colonizador e o meio físico, esboçando, sobretudo em seus artigos da *Gazeta de Notícias* dos anos 1880, um programa de história territorialista, atribuindo centralidade à luta territorial, ao confronto do homem com o meio e, em decorrência, à participação dos bandeirantes nesta abertura em direção ao interior. A historiografia paulista, propagada, sobretudo, pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em finais do século XIX, também mobilizou o bandeirante como símbolo identitário, combinando-o, preponderantemente, com um apelo republicano e demarcando sua distinção no tocante à interpretação monárquica⁴.

Danilo Ferreti mostra como o comprometimento desta historiografia paulista estreitou laços com a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, órgão criado em 1886, para promover o reconhecimento geológico das áreas de cultura cafeeira. Neste

³ BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995, p. 65-84.

⁴ FERRETTI, Danilo Jose Zioni. *A Construção da paulistanidade: Historiadores, identidade e política em São Paulo (1856-1930)*. São Paulo, 2004. Tese de Doutorado em História Social, FFLCH, USP; Id. Euclides da Cunha historiador: a reinvenção do bandeirante em os Sertões. In: *Revista de História*, n. 160, São Paulo, junho de 2009.

projeto, assumiu papel de destaque o engenheiro Teodoro Sampaio, baiano, negro e monarquista, responsável, em grande medida, pela divulgação desta ideologia da paulistanidade. Ressalte-se que Teodoro Sampaio, amigo de Euclides da Cunha, publicou, entre 1895 e 1900, diversos artigos na revista do IHGSP, nos quais, além de enaltecer o bandeirante na ocupação das terras tropicais, reconhecia a formação de um tipo racial distinto, o bandeirante, para o qual confluíram o indígena e o branco, forçando uma adaptação ao meio e amoldando um sujeito bravo e enérgico. Tema tão em voga na segunda metade do Oitocentos e causador de grande embaraço na definição da nacionalidade, a miscigenação emergia em Teodoro Sampaio a partir de um temperamento de sua negatividade, elegendo como símbolo nacional – e convergindo com Capistrano de Abreu e Euclides da Cunha, por exemplo - esse mestiço de branco com indígena, o caboclo, o habitante dos sertões.

O termo sertão adquiriu, assim, uma ampla gama de sentidos, abarcando, comumente, quase todo o interior do Brasil, representado como o avesso do urbano, da cidade, da civilização. Trata-se, em suma, de uma categoria fluida, que agrega uma dimensão mais simbólica do que propriamente geográfica. Esta sucinta reflexão sobre o espaço-sertão no século XIX priorizou recortar aspectos que dialogam com Euclides da Cunha: de José de Alencar, referência não confessada, mas cuja influência se sente no traçado romântico dos sertões e de sua gente, nos poemas da juventude e também nos textos posteriores, embaralhada em suas notas de campo, durante a viagem à Bahia, e nas páginas d'*Os sertões*. De Arinos e Coelho Neto, um sertão experienciado, em que transitam vaqueiros, jagunços, vivamente representados. De Capistrano de Abreu e Teodoro Sampaio, o projeto de uma escrita da história a partir dos recantos do Brasil, cujas trilhas teriam sido vigorosamente abertas por bandeirantes, que, mesclados aos indígenas, coloririam o tom caboclo da nação. Evidentemente, outros autores e representações convergiram para o pincelar dos sertões realizado por Euclides da Cunha. Por ora, essas pistas foram apresentadas, apenas para esquadrihar um plano geral do qual se depreende, acima de tudo, uma distância entre o sertão-mar, em que o primeiro se delineia como o *locus* de uma “outra gente”, de um “outro” Brasil, mais profundo, mais insólito, mais solitário. Ao longo desta pesquisa, espera-se que outros rastros sejam desvelados.

“Roteiro todo da viagem, aos poucos para se historiar”: os passos da pesquisa

Após, ligeiramente, bosquejar o que se entendia por sertões na literatura e historiografia oitocentista, cabe, agora, evidenciar o objeto desta pesquisa. O presente estudo visa a refletir acerca das distintas apreensões de Euclides da Cunha sobre os sertões e sua gente, tendo como ponto de inflexão sua experiência em campo, na Bahia, no ano de 1897.

Esta dissertação propõe remontar às imagens traçadas por Euclides da Cunha a respeito das terras agrestes, desde sua mocidade aos escritos posteriores, de modo a recuperar sinais relevantes para a feitura d'*Os sertões*. Sobre este decantado livro, em que concorreram um “ter estado lá” e tendências do pensamento científico e histórico, à época, pretende-se analisar a centralidade do contato de Euclides com as coisas e pessoas deste canto de um Brasil ignoto e perceber como o exercício de um olhar etnográfico converteu a viagem em impulso e embrião para *Os sertões*, o que se ambiciona corroborar a partir do cotejo entre sua caderneta, suas reportagens reunidas no *Diário de uma expedição* e o livro em questão.

Antes de apontar o caminho a ser percorrido, algumas breves notas: não obstante a extensão e a diversidade de perspectivas da fortuna crítica de Euclides da Cunha, seus poemas, sua caderneta de campo, assim como a série de reportagens e telegramas enviados a *O Estado de S. Paulo* durante sua estada na Bahia constituem a face menos óbvia de seus escritos sobre esta porção ignota do Brasil. Sua obra mestra, *Os sertões*, foi apropriada como um cânon da cultura literária, fundando uma importante matriz de interpretação acerca da formação histórica do país⁵, sem, contudo, ser destinado o mesmo empenho analítico às fontes acima citadas, as quais, além de instigantes, são inescapáveis, caso se intente ampliar as possibilidades de compreensão deste livro.

Do ponto de vista historiográfico, embora seja de ampla divulgação a existência de uma caderneta de campo, costuma-se, apenas, mencioná-la, sem que se empreendam leituras mais densas. Especulam-se, aqui, duas justificativas para o menor número de estudos sobre a caderneta: primeiro, o retumbante sucesso d'*Os sertões* teria apequenado o interesse pelo caderno. Talvez, considerada uma fonte menor, porque reticente, não definitiva, teria sido abafada pelos estudos mais sistemáticos da principal obra de Euclides. Outra hipótese seria a própria publicação de Olímpio de Souza

⁵ *Os sertões* figura, frequentemente, em listas como o principal livro para uma compreensão histórica e sociológica do Brasil. Consultar, dentre outras, a pesquisa publicada em: Revista Veja. Rio de Janeiro: Editora Abril, edição 1.367, nº 47, 23 de novembro de 1994.

Andrade que por conter comentários teria inibido novas pesquisas, como se as notas ao fim da edição exaurissem a complexidade da matéria-prima d' *Os sertões*.

Quanto aos poemas, que, aqui, se almeja analisar, tem-se como premissa teórica uma confluência entre a literatura e um esforço de representação do real. Longe de se reduzir a literatura a uma cópia da realidade palpável, percebe-se nela potencialidades que transbordam o simples decalque ou o mero delírio da ficção. Feito este adendo, acerca das referências bibliográficas, os principais interlocutores em matéria da poética euclidiana são Leopoldo Bernucci e Francisco Foot Hardman.

No que concerne aos registros de campo, as citações deste trabalho foram extraídas de sua transcrição integral por Olímpio de Souza Andrade, em 1975, pela editora Cultrix. Fez-se esta escolha porque a reprodução, embora não se constitua no texto mesmo, não trai o original e não prejudica a formulação das hipóteses aqui aventadas. Eventualmente, porém, serão indicados sinais da materialidade da fonte, como a letra corrida e o não acabamento das páginas.

Descobriu-se, ainda, a partir do *In Memoriam de 1919*, publicação rara do Grêmio Euclides da Cunha, em decorrência dos dez anos de morte do autor, outro canhenho que Euclides levava consigo, bastante híbrido, porque contém informações diversas das coisas daquele sertão baiano. Entretanto, por ora, não foi possível consultar o original, abrigado na Casa de Cultura Euclides da Cunha, por seu acesso vedado ao manuseio e a fotocópias.

As reportagens redigidas na Bahia e enviadas a *O Estado de S. Paulo*, no total de 31, foram todas checadas no acervo *on line* do Estadão, conquanto, na pesquisa, as citações façam remissão à organização de Walnice Nogueira Galvão, pela Companhia das Letras e indiquem a data da escrita e não de sua publicação.

Realizadas essas considerações, cumpre apresentar os passos da pesquisa, estruturada em três capítulos. No primeiro, ao abordar o tema da viagem e dos sertões na poesia de Euclides da Cunha, notadamente no caderno *Ondas*, procura-se sondar os traços de sua sensibilidade romântica, expressos, sobretudo, na edenização da natureza. Os registros da mocidade, contidos em poemas, artigos e cartas, apontam para imagens pré-dadas pelo romantismo, que demarcaram os contornos de um sertão idílico, avesso ao desvirtuamento ocasionado pela civilização. Euclides ao absorver as lições românticas, elegeu a natureza como espaço genuíno, onde o exercício da liberdade seria mais pleno e o eu-lírico poderia se desprender das rédeas da civilização. A viagem, por

propiciar esse contato, se apresentava como remédio para o *mal du siècle* e seu sonho de refúgio se direcionava, especificamente, aos sertões.

Embora Euclides não tenha se desprendido plenamente de sua sensibilidade romântica, seus escritos posteriores aos poemas de *Ondas* se reconfiguraram, embaralhando diversas perspectivas. A natureza foi redimensionada sob as lentes da ciência e meio e homem, este agora definido conforme a concepção de raça, imbricaram-se, decisivamente, na maior das lutas: aquela pela acomodação aos padrões civilizatórios. Para esta perspectiva, contribuiram as leituras de viajantes e teóricos deterministas, cujos debates sobre raça, progresso e civilização foram cruciais no Oitocentos. A fim de compreender a permeabilidade euclidiana às teses científicas, será examinado, ligeiramente, o quadro da *intelligentsia* brasileira no final do século XIX, com ênfase em alguns caracteres e leituras, para, em seguida, situar o autor fluminense neste cenário e entender sua trajetória, sem, contudo, exauri-la como fruto unívoco de uma conjuntura.

No segundo capítulo, serão examinados os meandros da presença de Euclides em campo, período durante o qual elaborou registros que serviram de matéria-prima para a confecção de seu livro mais célebre. Neste momento, os principais referenciais teóricos serão o de James Clifford, para elucidar os sentidos da experiência etnográfica, no final do século XIX, e de François Hartog.

Por intermédio do pedido do diretor do jornal *O Estado de S. Paulo*, Euclides foi enviado como correspondente, para cobrir os eventos da guerra de Canudos. Partindo do Rio de Janeiro, em 03 de agosto de 1897, com a quarta e última expedição, chegou a Salvador, no dia 07 do mesmo mês. Alcançou Canudos, em 16 de setembro, onde permaneceu até 03 de outubro, tendo embarcado a 16 deste mês de volta para o Rio de Janeiro. Em todo o trajeto, que abrangeu, além da capital baiana e do arraial, Alagoinhas, Queimadas, Tanquinho, Cansação, Quirinquinquá e Monte Santo, Euclides anotava quase tudo que lhe rodeava em dois cadernos de bolso. Um deles, localizado na Casa de Cultura Euclides da Cunha, em São José do Rio Pardo, contém não apenas dados provenientes da Bahia, mas também uma variedade de assuntos, datados de 1893, e teria sido abandonado, com inscrições cada vez mais escassas no decorrer de sua permanência no arraial. O outro, abrigado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foi priorizado por Euclides para despejar um grande fluxo de

informações, em folhas descontínuas, com rascunhos de correspondências ao jornal, telegramas, fatos do conflito, caracteres da natureza e da população.

Nesta etapa da dissertação, serão analisados os indícios de sua observação, depreendidos de duas cadernetas de campo, rastreados nas entrevistas a moradores, nos dados obtidos com informantes, na listagem de vocábulos, no elencar de hábitos locais e na descrição da aparência física da população. Esses aspectos configuram sua aproximação com o exercício de um olhar etnográfico e foram, ainda, imiscuídos ao detalhamento das espécies vegetais, das ondulações do terreno, das variações do clima e de notícias da guerra.

Parte-se, aqui, do pressuposto de que as notas acerca da cultura sertaneja, de sua relação com o meio e dos desenvolvimentos do conflito de Canudos sugerem uma segmentação em eixos temáticos a desvelar, além de uma mirada seletiva, os rudimentos de teses e as direções que vinham sendo pensadas para o futuro livro.

Ademais, interessa perquirir as estratégias retóricas em que Euclides construiu sua presença e assegurou a legitimidade do seu relato, notadamente nas correspondências, rascunhadas nos cadernos, para *O Estado de S. Paulo*. Ao asseverar a primazia do contato e da visão direta, Euclides dialogava com uma perspectiva historiográfica que contestava a circunscrição da operação histórica ao exame de arquivos, sustentando sua ampliação com pesquisas de cunho etnográfico.

Seu olhar etnográfico confrontou-se, não raro, com imagens prévias, oriundas da poeira dos arquivos, de suas consultas a manuais, tratados e relatos de viajantes. Por isso, norteia esta pesquisa o perscrutar da tensão, nos escritos euclidianos, entre a realidade prefigurada e aquilo que seus olhos puderam constatar, alargando-se as possibilidades de análise de seu deciframento da alteridade sertaneja.

Por fim, o terceiro capítulo almeja discutir o modo como o autor-viajante decodificou o “outro”. Neste sentido, confrontar-se-ão a alteridade e a ambiguidade no olhar euclidiano, ponto que conduz ao debate acerca da maneira como conferiu inteligibilidade e traduziu a gente do sertão, para onde se embrenhou, física e cognitivamente. Assim, as chaves de leitura empregadas, mobilizando o aporte teórico de François Hartog, serão a da retórica da alteridade, da dimensão de tempo e as ambivalências entre arcaísmo e modernidade daquelas terras apartadas, mas representativa de um “outro” ser brasileiro.

I. ORA IDÍLICOS, ORA TERRÍVEIS: OS SERTÕES EUCLIDIANOS E SUAS OSCILAÇÕES

Versando viagens e sertões: sensibilidade romântica nas primeiras impressões de Euclides da Cunha

Il n'y a d'homme complet que celui qui a beaucoup voyagé, qui a changé vingt fois la forme de sa pensée et de sa vie. (...) pensée, philosophie, religion, caractère, tout est plus grand, tout est plus juste, tout est plus vrai chez celui qui a vu la nature et la société de plusieurs points de vue. (...) et si mon esprit s'est agrandi, si mon coup d'œil s'est étendu, si j'ai appris à tout tolérer en comprenant tout, je le dois uniquement à ce que j'ai souvent changé de scène et de point de vue. Étudier les siècles dans l'Histoire, les hommes dans les voyages et Dieu dans la nature, c'est la grande école. (...) Ouvrons le livre des livres; vivons, voyons, voyageons. Le monde est un livre dont chaque pas nous tourne une page; celui qui n'en a lu qu'une, que sait-il?

Lamartine

Tu connais cette maladie fiévreuse qui s'empare de nous dans les froides misères, cette nostalgie du pays qu'on ignore, cette angoisse de la curiosité? Il est une contrée qui te ressemble, où tout est beau, riche, tranquille et honnête (...). C'est là qu'il faut aller vivre, c'est là qu'il faut aller mourir !

Baudelaire

Perfazer caminhos, encontrar o outro, descobrir a si. Vaivém no espaço e o presenciar de momentos transitórios. As viagens assumem o significado de propiciar um contato com as coisas do mundo e, por isso, se equivalem a experiências, as quais, comunicadas a interlocutores ou vertidas em papel, são preservadas e ampliam-se para além dos lampejos dos olhos.

Figura-se, assim, o viandante como um sujeito que, por ter acumulado aprendizado, está apto a tecer histórias e transmitir o vivido. Desta forma, há um imbricamento entre mobilidade e capacidade narrativa, como se depreende em célebre ensaio de Walter Benjamin sobre o narrador: “ ‘Quem viaja tem muito o que contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe”⁶. Por outro

⁶ BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 198.

lado, parece ser pressuposto de uma grandiosa trama a sensação de “não estar de todo”⁷, de desenraizamento, deflagrada por estas travessias e passagens⁸.

No final do século XVIII e meados do XIX, as viagens ganharam contornos de empreendimento científico, cujo intento, inserido no ideário iluminista, era a produção de conhecimento acerca dos distintos povos, suas peculiaridades e natureza. As expedições realizadas neste contexto impulsionaram, sobretudo, os europeus a embrenharem-se na vastidão de terras incógnitas e remotas, a fim de lhes coletar dados físico-geográficos, sociais e culturais. O olhar municiado dos naturalistas em movimento e dos artistas que os acompanhavam atendia aos anseios organizadores e classificatórios enciclopedistas, correspondendo a um projeto epistemológico de deciframento do outro⁹. Cruzar territórios implicava, pois, agregar saberes acadêmicos, promover a educação dos cidadãos, alavancar os índices de progresso e civilização, motivos pelos quais as viagens eram estimuladas pela política dos Estados europeus.

A perspectiva instrutiva destes deslocamentos, traduzida em lições de história e ciência, explica, em parte, a atenção que seus relatos suscitaram no público letrado. Ademais, a possibilidade de aproximar-se do diferente, por intermédio da leitura de notícias alheias sobre o desconhecido e, por conseguinte, de experienciar sem uma presença e encantar-se sem um “estar lá” contribuía para a repercussão do gênero. Não eram desinteressadas, portanto, iniciativas como a de elaboração da *Bibliothèque Universelle des Voyages*, publicação principiada em 1833, conforme se nota nas palavras de seu editor, citado por Manoel Salgado:

As viagens são a escola do homem, ele não dá um passo sem aumentar os seus conhecimentos e ver recuar diante de si o horizonte. À medida que avança, seja através de observações próprias, seja lendo os relatos de outros, ele perde um preconceito, desenvolve o espírito, apura o gosto, aumenta a sua razão acostumando-se ao altruísmo. E tanto por necessidade quanto por justiça em relação à humanidade, sente-se a cada vez impelido a se tornar melhor, dizendo

⁷ SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 21.

⁸ Segundo Walnice Nogueira, em alusão a V. I. Propp, “sem afastamento, ou seja, sem viagem, não há épica”. GALVÃO, Walnice Nogueira. “Anseio de amplidão”. In: CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Edição especial, comemorativa do centenário de *Os sertões*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, números 13 e 14, dezembro de 2002, p. 163.

⁹ Sobre o cunho investigativo que as viagens adquiriram entre o último quartel do século XVIII e início do XIX, em oposição à perspectiva anterior, notadamente colonialista e exploratória, cf.: FERREIRA, Maria de Simone. *Museus imperiais: uma viagem às Imagens do Brasil na narrativa de Carl von Koseritz*. Rio de Janeiro: Cassará Editora, 2012, p. 58-62; GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação”. In: *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, vol. 7, nº 2, Rio de Janeiro, julho/outubro, 2000.

a si mesmo segundo o filósofo inglês Tolland: o mundo é a minha pátria, e os homens são meus irmãos¹⁰.

O trecho acima mencionado corrobora a constatação de que às viagens era imputada uma concepção de aprendizagem via experimentação. Contudo, por vezes, apenas era referido como autêntico o sorver da realidade operado diretamente, através da observação pessoal e intransferível. Era o caso, por exemplo, do elogio de Rousseau, em *Emílio ou Da educação*, à empiria, ao estabelecimento de uma relação estreita com a natureza circundante e à dispensa das mediações e representações, no processo educacional.¹¹

No plano da literatura, igualmente se atribuía um potencial de alargamento dos horizontes às viagens. Entretanto, como assinala Flora Süssekind, se nas empreitadas científicas, os sujeitos partiam intelectualmente constituídos, dispostos apenas a averiguar e expandir suas habilidades e domínios, nos romances de formação, as personagens em trânsito visavam a satisfazer uma expectativa de instrução, de aprimoramento espiritual e moral, proporcionados pelo diálogo com o mundo¹². No *Bildungsroman*, o percurso auxiliava a despertar o autoconhecimento e a consciência do engastamento do homem no tempo, ou seja, de sua existência eminentemente histórica¹³.

Por seu turno, trajetórias erráticas também povoaram a imaginação dos românticos, porém acrescidas de uma nota de escapismo no tempo e no espaço. A negação da realidade prosaica apontava para uma aversão ao ambiente civilizado burguês e aos inconvenientes do incremento industrial, a qual culminava em um abandono nostálgico do presente em direção ao passado, ou em uma evasão ao seio da natureza, pura e materna. Assim, no Romantismo, era recorrente a representação de figuras que, insatisfeitas com o sedentarismo, lançavam-se para novos perímetros e, convertidas em andarilhos, procuravam um país, um recanto dos sonhos.

As linhas em digressão acima traçadas permitem desvendar os múltiplos sentidos conferidos ao tema da viagem na biografia e na obra de Euclides da Cunha. As

¹⁰ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Op. cit., 2000.

¹¹ PAIVA, Wilson Paiva de. “A formação do homem no Emílio de Rousseau”. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 33, nº 2, p. 323-333, maio/agosto, 2007; ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da educação*. São Paulo: Difel, 1973; SÜSSEKIND, Flora. Op. cit., 1990, p.48; 77-78.

¹² SÜSSEKIND, Flora. Op. cit., 1990, p. 110.

¹³ Em especial, sobre *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, ver: DUARTE, Pedro. *Estio do tempo: romantismo e estética moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 59-69.

andanças almeçadas ou efetivadas foram objeto de poemas, cartas, artigos e contos, desde a juventude aos instantes que precederam sua morte trágica¹⁴. Apareceram, todavia, embaralhadas: de fuga do real prático, em especial, em sua poesia, à fonte de pesquisa, por meio da leitura de viajantes ou de suas próprias jornadas pela imensidão da *terra brasilis*; de obrigação patriótica de desbravar a nação à conformação de caráter e provação nas adversidades.

Nascido em 20 de janeiro de 1866, na Fazenda Saudade, município de Cantagalo, no estado do Rio de Janeiro, Euclides da Cunha, após poucos meses, passou algumas temporadas em Teresópolis, para desfrutar de um clima mais favorável à tuberculose de que ele e sua mãe eram portadores. Ainda jovem, acostumou-se a lares efêmeros e chegou a morar em Teresópolis, São Fidélis, Rio de Janeiro e Salvador. Depois, exigências profissionais ou outros volteios do destino ocasionaram novas mudanças, resultando em sua estada em Campanha, cidade ao sul de Minas Gerais, São Paulo, Canudos, São José do Rio Pardo, Santos e Manaus.

Os primeiros registros de Euclides já expressavam o inquietar-se de um espírito andejo. Apesar da convenção da não-correferencialidade entre poeta e eu-lírico, não é aleatória a constância da tópica da viagem em seu caderno de 78 poemas e 13 notas, intitulado *Ondas*, escrito entre outubro de 1883 e julho de 1884, ao término do qual Euclides tinha 18 anos, conquanto, na capa do mesmo, mais tarde adicionaria ter 14 e 15 anos¹⁵. Logo no título, de acordo com Leopoldo Bernucci e Francisco Foot Hardman, menos do que evocar o mar, Euclides sugeria a fluidez e a volubilidade, em oposição ao estático¹⁶. Isso se ratifica, como se verá à frente, em sua preferência, desde a mocidade, não pela praia, ou pelo litoral, mas por sua alteridade, o sertão.

Aqui, para pensar esses poemas como fonte para a história e justificar seu emprego nesta pesquisa, assume-se a premissa de que a literatura opera uma representação da condição do homem, enredado social e politicamente. Não se trata,

¹⁴ Euclides morreu em tiroteio com Dilermando de Assis, em 15 de agosto de 1909. Cf.: VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha - Esboço Biográfico*: Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha. CARVALHO, Mário César; SANTANA, José Carlos Barreto de (Orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹⁵ Na abertura de *Ondas*, segue a anotação: “Eu tinha 15 anos. Contém, pois, a tua ironia, quem quer que sejas”. E, no frontispício original, também à mão: “14 anos de idade. Observação fundamental, para explicar a série de absurdos que há nestas páginas”. Sabe-se, no entanto, que, à época, a idade de Euclides era outra. Uma hipótese não confirmada seria que esta datação eximi-lo-ia de certa puerilidade de sua poesia.

¹⁶ Cf.: Nota prévia a *Ondas*: CUNHA, Euclides da. *Poesia reunida*. BERNUCCI, Leopoldo M.; HARDMAN, Francisco Foot (Orgs.). São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 29-30.

pois, de opor a literatura à realidade, deslocando-a para o espaço simplista da fantasia, nem de transformá-la em seu decalque, mas de buscar compreender como seu esforço de representar a realidade corresponde à representação da historicidade da experiência de estar no mundo. Esta orientação teórica ganha ainda mais sentido, caso se dimensione a perspetivação do contexto social em que Euclides escreveu seus poemas: no século XIX, a consciência da pertença inescapável ao tempo histórico desdobrava-se numa distinta reflexão da história na literatura, em que aquela deixava de ser mero pano de fundo, para se tornar ela própria um motivo de representação¹⁷.

Assim, no caso de Euclides, almeja-se torcer este eu-lírico, para sondar mais do que uma ficção, uma *persona*, mas para desvelar o engastamento no tempo deste homem que, ao falar, deixa entrever um pouco da sua experiência de estar no mundo.

Deste modo, neste caderno, Euclides delineava para si a imagem de um escritor arrebatado pelos instantes, cujos versos ágeis e pretensamente livres seriam sintomas de sua efusão e torrencialidade, característica à qual retornaria, ao longo de sua epistolografia e cadernetas de campo.

Leitor de Gonçalves de Magalhães e de outros letrados centrais para o Romantismo no Brasil, como Gonçalves Dias e Fagundes Varela, aos quais dedicou alguns de seus poemas¹⁸, incorporou em sua poética algumas opções estéticas da época, tais como o enlace com a história, o tom nostálgico e o descritivismo da paisagem¹⁹.

Quanto às travessias pela história, podem ser brevemente citados os poemas *Tiradentes*, *Dantão*, *Marat*, *Robespierre*, *Saint-Just*, *Eu sou republicano*, *A queda da Bastilha*, *Cenas da escravidão*, *Madame Roland*, *Obscurii lucis (Os Farrapos)*, nos quais, ao entoar sua apologia às lutas republicanas, seus ataques à monarquia, seu repúdio ao regime escravocrata e uma louvação de heróis nacionais e de grandes feitos das personagens da Revolução Francesa, Euclides deixava desvelar as inclinações ideológicas de um jovem estudante, tocado por preleções de história e por poetas como

¹⁷ AUERBACH, Eric. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

¹⁸ Euclides empregou algumas linhas de Gonçalves de Magalhães como epígrafe ao seu poema *Fazendo versos* (1886), no qual se percebe, a partir do elogio à espontaneidade da escrita e da expressão de sentimentos do eu-lírico, a sua profissão de fé romântica. Por seu turno, Fagundes Varela aparece nas epígrafes de *Fatalidade* e *A estátua equestre*, bem como no poema a ele dedicado, *Varela*. O outro poeta foi homenageado em *Gonçalves Dias (ao pé do mar)*. Cf.: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2009, p. 60, 87, 114, 170, 420.

¹⁹ A respeito das opções estéticas dos românticos no Brasil, em especial entre os primeiros, nas décadas de 30 e 40 do século XIX, ver: SÜSSEKIND, Flora. Op. cit., 1990, p.18-19.

Victor Hugo, Lord Byron e Castro Alves, leituras que perpassavam sua rede de sociabilidade, no Colégio Aquino²⁰.

No que tange aos versos que evocavam a nostalgia, processava-se uma viagem no tempo. A percepção de sua volatilidade, embebida de elementos passadistas e de uma saudade irrefreável da infância, se desnuda nas estrofes abaixo selecionadas de *Tristeza e Uma tela do Passado*:

E é nessa hora, a delirar- cansado -
- Preso nas sombras de um presente escuro -
- E sem sequer um riso em lábio amado -
Que eu choro -, triste, os risos do passado,
Que eu adivinho os prantos do futuro!...²¹

Passaram-se dous anos
Quando por fim voltei da insípida cidade
Senti - triste - se erguer dos passados arcanos
De minh'alma - a saudade...
Senti no coração uma agonia estranha...
- Marchei para a montanha, -
O passo trêm'lo, incerto
- Trazendo o abismo aos pés, na frente a imensidade –
Cheguei... tudo deserto!
Um rígido desmaio
Torceu-me a alma ao ruir de todos os sonhos meus...
Ó santa habitação – ‘stavas perto de Deus
‘Stavas perto do raio!...²²

Neste último poema, afastar-se da “insípida cidade” e beirar a natureza são condições para uma epifania. Há, aqui, como em tantos outros textos de Euclides, um *fugere urbem* impregnado a revelar uma inadequação aos ditames civilizacionais. Acossado pelo convívio urbano e pelos avanços técnicos, a postura romântica euclidiana enxergava com amargura e melancolia o embate entre o progresso e a natureza não lapidada, com o predomínio daquele na domesticação das paisagens.

No artigo *Em viagem*, publicado no jornal *O Democrata*, em 4 de abril de 1884, Euclides discorreu sobre a beleza do entorno do Rio de Janeiro, embrutecida pelos artifícios implantados em nome do desenvolvimento:

²⁰ Acerca do período de Euclides no Colégio Aquino, o qual preparava para o ingresso nas escolas de ensino superior no Império, como a Politécnica e a Militar, cf.: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1996, p. 34; VENTURA, Roberto. Op. cit., 2003, p. 41-48.

²¹ “Tristeza”. Id. Ibid., p. 75.

²² “Uma tela do passado”. Id. Ibid., p. 192-193.

(...) uma idéia triste nubla-me este quadro grandioso – lançando para a frente o olhar, avisto ali, curva sinistra, entre o claro azul da floresta, a linha da locomotiva, como uma ruga fatal na fronte da natureza... Uma ruga sim, sim!... Ah! Tachem-me muito embora de antiprogressista e anticivilizador; mas clamarei sempre e sempre: – o progresso envelhece a natureza, cada linha do trem de ferro é uma ruga e longe não vêm o tempo em que ela, sem seiva, minada, morrerá! (...) Tudo isto me revolta, me revolta vendo a cidade dominar a floresta, a sarjeta dominar a flor!²³

Essa apreensão reminiscente e edênica da natureza não foi, contudo, inaugurada por Euclides da Cunha. O deslumbramento com a vegetação, as águas e o céu e o ensejo para cantá-los faziam parte do ideário artístico romântico, empenhado em gravar a cor local nas primeiras manifestações literárias do Brasil como nação.

A tematização do espetáculo da natureza americana já havia sido apregoada nas formulações de Ferdinand Denis, em seu *Resumo da história literária do Brasil*, publicado em 1826, alicerce crucial para o programa do Romantismo nos trópicos, e deixou rastros em um processo cultural que, ao desencadear a individuação das letras pátrias, objetivava forjar um universo simbólico para a nacionalidade brasileira²⁴. Seus passos foram seguidos por Domingos José Gonçalves de Magalhães, um dos fundadores da *Revista Niterói*, lançada em 1836, cujo primeiro volume contava com seu *Ensaio sobre a história da literatura do Brasil*²⁵. Neste texto, Gonçalves de Magalhães sustentava que a essência da nacionalidade deveria decorrer da influência da natureza brasílica e de sua capacidade de imprimir um temperamento nacional e atuar como inspiração para uma literatura própria.

Euclides parece ter absorvido esses ensinamentos, ao eleger a natureza como sua verdadeira musa, como espaço genuíno, onde o exercício da liberdade seria mais pleno

²³ “Em viagem”. CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. COUTINHO, Afrânio (Org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. I, 1996, p. 567.

²⁴ Para o papel da escrita da história e da literatura românticas na construção da identidade nacional, ver: GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional.” In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 1, 1988, p. 5-27. Sobre a tematização da natureza como pressuposto para a originalidade das letras no Brasil, no século XIX, ver: SCHWARCZ, Lília Moritz. “Natureza como paisagem: imagem e representação no segundo Reinado.” In: *Revista USP*, São Paulo, n.58, junho/agosto 2003, p. 6-29.

²⁵ Este ensaio seria recuperado por Gonçalves de Magalhães, quase 30 anos depois da *Revista Niterói*, e republicado, em 1865, sob o título *Discurso sobre a história da literatura do Brasil*. A respeito da *Revista Niterói*, fundada, além de Gonçalves de Magalhães, por Francisco de Sales Torres Homem e Manuel Araújo Porto Alegre, cf.: FRANCHETTI, Paulo. “Gonçalves de Magalhães e o Romantismo no Brasil”. In: *Revista de Letras*, São Paulo, vol. 46, jul./dez. 2006, p. 113-130; GONÇALVES, Márcia de Almeida. “Histórias de gênios e heróis: indivíduos e nação no Romantismo brasileiro.” In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. (Orgs.) In: *O Brasil Imperial*, vol. III: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 427-463.

e o eu-lírico poderia se desprender das rédeas da civilização. A viagem, por propiciar esse contato, se apresentava como remédio para o *mal du siècle* e seu sonho de refúgio se direcionava, especificamente, aos sertões. Por isso, essas paragens são tão frequentes no caderno *Ondas*, convertidas, ora em desertos, ora em florestas, nas quais abundavam água e beleza. De certa forma, coincidiam no poeta e no eu-lírico o fascínio de quem idealiza de longe, o encantamento apartado de um “estar lá”. Abaixo, algumas estrofes de *Eu quero... e Na selva*:

Eu quero à doce luz dos vespertinos pálidos
Lançar-me, apaixonado, entre as sombras das matas
Berços feitos de flor e de carvalhos cálidos
Onde a poesia dorme, aos cantos das cascatas...
(...)
Eu quero, da ingazeira erguida aos galhos úmidos,
Ouvir os cantos virgens da agreste patativa...
Da natureza eu quero nos grandes seios tímidos
Beber a Calma, o Bem e a Crença – ardente, altiva –
Eu quero, eu quero ouvir o esbravejar das águas
Das asp’ras cachoeiras que irrompem do sertão...
- E a minh’alma, cansada ao peso atroz das mágoas,
Silente dormir no colo da soi’ção...²⁶

Ir lá bem longe – nos seus seios flóridos
Divinos – cheios de uma vida imensa
Beber, trememente delirante e ávido
- Uma outra vida – inspiração e crença...
(...)
E quero, apenas, na floresta extático
Ouvir cantar as juritis agrestes!...
(...)
Longe dos homens, de seus vis escárnios.²⁷

A natureza glorificada era, pois, desenhada na contramão dos vícios da cidade. Poeta dos ermos, Euclides dirigia seus devaneios escapistas aos sertões, onde a solidão do “eu” encontrava as solidões interiores do país. Precisamente no poema *Depois do trabalho*, o eu-lírico exaltou não só o meio, mas também sua gente laboriosa, que, apesar da feição grosseira, era íntegra e digna. Atente-se:

Era um quadro divino – o sertanejo rude
A fronte – aonde nunca ardeu do mal a febre,
De suores coberta - , as pér’las da virtude, -
Erguento caminhou ao mísero casebre...²⁸

²⁶ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2009, p. 66-67.

²⁷ Id. Ibid., p. 109-110.

²⁸ Id. Ibid., p. 101.

Deste modo, tracejava-se um perfil do sertanejo como virtuoso, emblema da correção moral. Esta perspectiva ressoava a dicotomia entre vida civil e natural, defendida por Rousseau, da qual o homem mais próximo desta última despontava como modelo lógico moral a ser seguido. Ao contrapor o “bom selvagem” à experiência ocidental, o filósofo genebrino, simultaneamente, refletia sobre os reveses do progresso e oferecia a possibilidade de um desvio ao acesso supostamente incontornável ao “estado de civilização”²⁹.

O enaltecimento do sertão e dos valores de seus habitantes não se restringiu, no entanto, aos poemas da juventude de Euclides. Em sua epistolografia, há diversas confissões de sua aspiração de desfrutar da companhia “mais feliz” dos sertanejos e de encetar viagens que o conduzissem para os desertos brasileiros, mais originais que as cópias mal engendradas da Europa, nas zonas urbanas.³⁰ Resume essa idealização a correspondência ao médico Bueno Brandão, a quem conheceu quando morou em Campanha: “Este dia 28 de abril tem ainda para mim a qualidade de recordar a minha chegada nesta formosa Campanha, aonde fui parar bruscamente, deixando o seio impuro de uma velha capital em desordem pela sociedade mais nobre do sertão”³¹.

Se os delineamentos do sertão não se isentariam de contrastes na produção de Euclides, oscilando, constantemente, entre cenário onírico, sobretudo nos poemas da mocidade, e espaço sublime e conflitante, a partir do recrudescimento de leituras científicas, as menções às viagens e à intenção de percorrer o país, por seu turno, gravaram-se de maneira regular em muitos textos do autor. Seu ímpeto de peregrino, modo como chamava a si mesmo, justifica as numerosas referências a sua existência árabe, a sua profissão errante³² e esclarece o motivo por que, mesmo após sua ida a

²⁹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.” In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 47-54.

³⁰ Para uma referência positiva dos sertanejos e críticas ao meio civilizado, cf.: “A Porchat – Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1892”; “A Porchat – Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1893”; “A José Veríssimo – Guarujá, 6 de setembro de 1904”; “A José Veríssimo – Guarujá, 24 de junho de 1904”; “A Domício da Gama – Manaus, 1905 (sem indicação de dia e mês)”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 37-38, 57, 230, 207-208, 255.

³¹ “Ao amigo dr. Brandão – São Paulo, 28 de abril de 1896.” Id. Ibid., p. 95.

³² Em suas correspondências, eram comuns essas alusões ao seu estilo de vida nômade, chegando a se comparar ao mito de Judas *Ahsverus*, por acreditar estar condenado a vagar, eternamente. Cf.: “A João Luís – São Paulo, 19 de novembro de 1895”; “A João Luís – São Paulo, 8 de dezembro de 1895”; “A João Luís – São Paulo, 23 de abril de 1896”. Id. Ibid., p. 89-90, 90-91; 92-94.

Canudos e o sucesso obtido com a publicação d'*Os sertões*, em 1902, Euclides perseverava na empreitada de lançar-se Brasil adentro, mormente, à região amazônica, candidatando-se, inclusive, à missão de reconhecimento do Alto Purus, em 1904.

Para Walnice Nogueira, a vontade de internar-se pelo país consubstanciava um dever patriótico que contribuía para o processo de configuração de caráter do próprio autor-viajante. Nogueira recupera Antonio Cândido, para quem a literatura brasileira do século XIX assumia a feição de forte devoção à pátria. Logo, no caso de Euclides, tratava-se de um compromisso de conhecer a nação, em uma aventura varonil, e trazer, para o litoral, notícias sobre as maravilhas da paisagem e sobre sua gente esquecida, os rudes patrícios da *terra brasilis*³³.

Declarando sua insatisfação com o mundo urbano, sempre oposto à pureza acolhedora da natureza, suas hesitações entre melancolia e otimismo e sua “perpétua ânsia do belo”³⁴, Euclides admitia ser um romântico incorrigível e quase extemporâneo. Em carta a Oliveira Lima, dizia:

Reivindico (...) o belo título de último dos românticos, não já do Brasil apenas, mas do mundo todo, nestes tempos utilitários. Julgo, entretanto, que hei de me arrepender muito, mais tarde, desta vaidade... Em todo caso, se no decorrer deste ano não se me abrir de novo a trilha do deserto, terei de dar outro rumo à vida...³⁵

Essa seção, ao abordar o tema da viagem e dos sertões na poesia de Euclides da Cunha, procurou sondar os traços de sua sensibilidade romântica, expressos, sobretudo, na edenização da natureza. Esses registros da mocidade apontam para imagens pré-dadas pelo Romantismo, que demarcaram os contornos de um sertão idílico, avesso ao desvirtuamento ocasionado pela civilização. Longe de apreender Euclides em uma única estética, ou impor-lhe amarras analíticas, objetivou-se, ao resgatar seus poemas, face menos óbvia do autor, explorar a complexidade de seus escritos e de sua trajetória intelectual. Assim, buscaram-se nas leituras por ele empreendidas, algumas ulteriormente descartadas, outras prolongadas, e nas expectativas inscritas em sua poética e epistolografia, pistas para decodificar as futuras tensões oriundas entre a realidade prefigurada e aquilo que seus olhos puderam, de fato, constatar.

³³ GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. cit., 2002, p. 169-170.

³⁴ “A Escobar – Lorena, 27 de novembro de 1903.” In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 191.

³⁵ “Ao amigo Dr. Oliveira Lima – Rio, 25 de maio de 1908.” Id. Ibid., p. 362-363.

Dos sertões dos sonhos ao “arraial maldito”: o enquadramento do olhar pelas ciencias

Por isso a História vai veloz como uma seta
Atrás do seu futuro, atrás do seu destino.

José Isidoro Martins Junior

Embora Euclides não tenha se desprendido plenamente de sua sensibilidade romântica³⁶, seus escritos posteriores ao caderno *Ondas* se reconfiguraram, embaralhando diversas perspectivas. A natureza foi redimensionada sob as lentes da ciência e meio e homem, este agora definido conforme a concepção de raça, imbricaram-se, decisivamente, na maior das lutas: aquela pela acomodação aos padrões civilizatórios.

Para a permeabilidade às teses científicas concorreu seu ingresso, em 1885, no curso preparatório da Escola Politécnica, no Largo de São Francisco, no Rio de Janeiro, e, em 1886, na Escola Militar da Praia Vermelha. Esta foi um dos importantes centros de irradiação de ideias positivistas, evolucionistas e republicanas. O positivismo de Auguste Comte, por exemplo, tinha no professor Benjamin Constant³⁷, um porta-voz da inexorabilidade de leis que se acreditava regerem a sociedade.

Antes de abordar as leituras operadas por Euclides e a singularidade de sua percepção e de seus escritos que precedem a viagem a Canudos, no tocante à natureza, à raça, ao sertão e ao progresso, será esboçado um sucinto quadro da intelectualidade brasileira, no final do Oitocentos.

De modo mais geral, o contexto intelectual³⁸, à época, estava repleto de novas discussões e questionamentos acerca do modelo político vigente, do regime de trabalho adotado no país, da religião, dos vínculos entre Estado e Igreja, da literatura. Esta ebulição estava em consonância com a emergência de uma renovada elite intelectual e profissional que, abrigada em variadas instituições científicas, em um horizonte de

³⁶ Cf.: BERNUCCI, Leopoldo. “Euclides e sua *Ars* poética.” In: *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Fase VII, ano XV, nº 59, abril-junho, 2009, p. 179- 199; VENTURA, Roberto. Op. cit., 2003, p. 48.

³⁷ Sobre Benjamin Constant, Euclides afirmava ser sua pretérita referência enquanto mestre, que, contudo, havia sucumbido aos desvios da política, na Primeira República. “Imagine o Sr. que o Benjamin, meu antigo ídolo, o homem pelo qual era capaz de sacrificar-me, sem titubear e sem raciocinar, perdeu a auréola, desceu à vulgaridade de um político qualquer, acessível ao filhotismo, sem orientação, sem atitude, sem valor e desmoralizado – dói-me dizer isto...” Cf.: “Ao meu pai – Rio, 14 de junho de 1890.” In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. Op. cit., 1997, p. 30.

³⁸ Em fins do século XIX, é cabível a categoria de “intelectual”, período em que também se projetam as delimitações dos campos do saber. Cf.: GOMES, Angela de Castro. “História, ciência e historiadores na Primeira República”. In: *Ciência, civilização e república nos trópicos*. HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2010, p. 11-29.

paulatina constituição de campos disciplinares, tentava costurar uma identidade nacional.

Os anos de 1870 foram, tradicionalmente, eleitos pela historiografia³⁹ como marco na entrada do positivismo, do evolucionismo, do social-darwinismo no Brasil, teorias reverberadas e apropriadas nas escolas militares, como dito acima, nos cursos de direito, de medicina, nos institutos históricos e geográficos, nos museus⁴⁰. Nas letras, a introdução do naturalismo propiciava a circulação de postulados científicos deterministas, articulando raça e natureza, em um esforço de expurgar da literatura os artifícios da linguagem, em prol da objetividade e da imparcialidade na representação do real. A literatura naturalista confrontava-se à estética romântica, por considerá-la insuficiente para compreender o país e ditar-lhe os rumos, embora compartisse do mesmo intuito de fundar as raízes da nacionalidade. Assim, forjava-se um ambiente a respirar ciência e almejava-se, por intermédio dela, promover a modernização do Brasil, inserindo-o nos encadeamentos civilizatórios. No entanto, para Lilia Schwarcz, essa cientificidade era difusa, genericamente traduzida como crença nas leis da ciência e na lógica dedutiva para a explicação de fenômenos sociais, e, portanto, mais inspiradora de esquemas retóricos do que propriamente de pesquisas científicas⁴¹.

Mesmo no exterior dos muros de instituições, o culto às ciências foi amplamente disseminado e tornou onipresentes as noções de progresso e civilização na linguagem política e social, em fins do século XIX. A atividade da inteligência intensificou-se na década de 1880, em que a moda científica alastrou-se pela imprensa, panfletos, romances naturalistas, poesias sociais e científicas e pela sociabilidade das ruas, notadamente, a do Ouvidor, na Corte.

A promoção da modernidade esbarrava, porém, na monarquia, a essa altura tracejada como empecilho ao desenvolvimento. Investiu-se, por conseguinte, na mobilização simbólica de pares assimétricos, para designar o império e a república. Enquanto o primeiro corporificava o atraso, a manutenção de privilégios, a escravidão,

³⁹ Este estudo, apesar de acompanhar esta historiografia, pretende evitar a designação “geração de 1870”, a fim de preservar as particularidades interpretativas dos intelectuais em fins do século XIX. Para estudos da década de 70 como marco, ver: ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: A geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., 2011; VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

⁴⁰ São essas, com exceção da escola militar, as instituições privilegiadas na análise de Lilia Schwarcz, em *O espetáculo das raças*. Cf.: SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., 2011.

⁴¹ Id. Ibid., p. 30.

o excesso de subjetividade do Romantismo e o clericalismo⁴², a última correspondia à marcha para frente, à liberdade, à primazia da razão e aos saberes secular e temporal.⁴³ Isto é, a república se apresentava como oposição a todos os entraves para a fruição de um futuro aberto e cheio de potencialidades.

O empenho na erosão dos moldes do passado monárquico, no estabelecimento de um sentido linear e ascendente para o tempo⁴⁴ e na consagração de uma narrativa para a nova história da recente república atesta a politização do campo intelectual, entre os momentos derradeiros do Segundo Reinado e o alvorecer da Primeira República⁴⁵. Dito de outro modo, este discurso arquitetado pela *intelligentsia* republicana a fim de desmontar a cultura imperial evidencia como estavam imiscuídas as esferas intelectuais e políticas, uma vez que os homens de *sciencia*, concomitantemente, propagavam ideias e atuavam no espaço público⁴⁶.

Afora o engajamento, esses intelectuais partilhavam de certa polivalência, além da leitura comum de determinados autores e da atenção à temática racial. Eram polígrafos a arriscarem-se em múltiplas áreas, movendo-se entre as tênues fronteiras disciplinares, de sorte a produzir ensaios⁴⁷ que, de um lado, agregavam lições e conhecimentos díspares em um plano de edificação de um saber totalizante, e, de outro, escamoteavam as imprecisões e a minguada especialização. Ressalte-se, também, o pertencimento a grupos profissionais contíguos às estruturas do Estado a formatar um perfil de intelectual que acumulava atribuições como as de homem de *sciencia*,

⁴² Para o caso específico de Euclides da Cunha, mesmo no caderno *Ondas*, há dúvidas do eu-lírico (e também do poeta) em torno da fé, além de alguns poemas que entoam seu anticlericalismo. Sobre esta crença-descrença espiritual, ver os poemas “Horas de crença” e “Oscilações”. In: BERNUCCI, Leopoldo M.; HARDMAN, Francisco Foot (Orgs.) Op. cit., 2009, p. 79, 84.

⁴³ Cf.: MELLO, Maria Tereza Chaves de. “A Modernidade Republicana.” *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, v. 13, p. 25-41, 2009.

⁴⁴ Para a temporalização da história, a categoria de progresso e as experiências de aceleração e retardamento do tempo, ver: KOSELLECK, Reinhart. “*Historia magistra vitae*: sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento.” In: *Futuro passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2006.

⁴⁵ Assim, refuta-se o estigma da Primeira República como República “Velha”, alcunha propalada pelos ideólogos do Estado Novo, a qual encobre a preocupação corrente no período com a busca de modernidade. Cf.: ABREU, Martha; GOMES, Angela de Castro. “A nova ‘velha’ República: um pouco de história e historiografia.” In: *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, v. 13, p. 11-24, 2009.

⁴⁶ De acordo com Angela Alonso, não se deve negligenciar o direcionamento político e de contestação do movimento intelectual da década de 1870, sob pena de esvaziar seu conteúdo. Cf.: ALONSO, Angela. “Apropriação de Ideias no Segundo Reinado.” In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. (Orgs.). *O Brasil Imperial*, vol. III: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 83-118; GOMES, Angela de Castro. Op. cit., 2010, p. 12-16.

⁴⁷ A respeito dos ensaios, cf.: VENTURA, Roberto. Op. cit., 1991, p. 40-41.

funcionário público, educador, literato, político, jurista, historiador, publicista e polemista⁴⁸.

Houve, neste período, a convergência de leituras de teorias científicas, predominantemente europeias, entre os intelectuais brasileiros, desejosos de encontrar os pressupostos para a especificidade nacional e responder aos seus impasses e promessas. Para cumprir esta tarefa, realizaram escolhas e acomodações para extrair as justificativas que mais se coadunavam com os interesses locais.

Concentravam os debates as tentativas de deciframento da alteridade, descortinada desde a era dos descobrimentos e das grandes navegações. No século XIX, para dar conta das origens do homem e das aparentes dessemelhanças entre as gentes do Novo e do Velho Mundo, digladiavam-se as hipóteses monogenista e poligenista. Se a primeira partia de uma premissa unitária da humanidade, a segunda acreditava em variados pontos de criação, os quais redundavam na cisão em raças. Esta polaridade, na esteira da medicina, da criminologia, das ciências naturais e das divisas entre antropologia e etnologia, foi sumamente afetada pela obra *A origem das espécies*, de Charles Darwin, publicada em 1859. Com os estudos de Darwin, ambas as versões passaram a admitir a seleção natural, o triunfo do mais adaptado e a hereditariedade como fatos, ampliando a gramática da evolução para a vida em sociedade. Em decorrência, impôs-se uma universalização das ideias de civilização e progresso, como processos retilíneos e uníssonos que deveriam, obrigatoriamente, abarcar todos os povos. A maior ou menor aderência das nações a esses padrões, detectada pelo patrimônio genético verificado fisionomicamente, pelas aptidões intelectivas e pelas tendências morais, explicaria o malogro ou o sucesso de seu lugar na história.

Espraiando-se para os domínios do homem e colando-se à noção de raça, o darwinismo ganhou outra roupagem, de tal sorte a ser acrescido do epíteto “social”. Consequentemente, a tese engendrada previa a competição entre as raças, com a vitória dos mais capazes, ou seja, dos tipos mais “puros” e diagnosticava os resultados dos cruzamentos, quase invariavelmente, como nefastos. Não sem embaraços e contorcionismos, o darwinismo social foi arregimentado no Brasil, por intelectuais das letras e das *sciencias*, com seu apogeu, para Lilia Schwarcz, dos anos 1870 até 1930⁴⁹,

⁴⁸ Essas “trincheiras intelectuais” e profissionais são destacadas por Margarida de Souza Neves. Cf.: NEVES, Margarida de Souza. “Ciência, civilização e República.” In: *Ciência, civilização e república nos trópicos*. HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2010, p. 31-44.

⁴⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., 2011, p. 257.

com arranjos bastante peculiares, porque, se é verdade que visava a naturalizar diferenças e legitimar hierarquias entre brancos, negros e índios, também é inegável que precisava garantir a viabilidade de uma nação mestiça, não condenando de todo a miscigenação nestas terras tropicais⁵⁰.

Nesta atmosfera em que as ciências, para além de emprestar métodos, informavam visões de mundo, pensadores como o conde de Gobineau, Ernest Renan e Gustave Le Bon, apoiados em balizas consideradas racionais, universais e infalíveis, divulgaram o escalonamento entre as raças. Assim, a fé científica cindia os povos sob critérios raciais, para calcular a possibilidade de ascender ou não à civilização. Uma vez constatada a incompatibilidade de uma nação com o movimento civilizatório, ela estaria fadada ao desaparecimento. De forma simplificada e geral, pode-se dizer que estas proposições inclinaram-se a entrelaçar raça, mestiçagem e degeneração à inexorável marcha progressiva da história⁵¹.

Além do determinismo racial, o de cunho geográfico condicionava o desenvolvimento de uma nação às características físicas de seu território. Seu principal expoente no Brasil foi Henry Buckle, que citou o país em algumas das páginas de *History of Civilization in England*, cujos dois únicos volumes foram publicados em 1857 e 1861 e traduzidos para o português no término do Oitocentos. Para o autor, a imponência da natureza e o grau de civilização eram inversamente proporcionais. Por isso, a pequenez do entorno agigantava o homem, enquanto a exuberância do meio inibia suas energias e tolhia o progresso. Essa valoração depreciativa da natureza tropical, quer tenha sido aderida, quer rechaçada, impactou a intelectualidade brasileira, motivo por que Buckle tanto foi comentado por autores como Sílvio Romero, Araripe Jr., Capistrano de Abreu⁵². Os paradigmas deterministas, entretanto, não eram exclusividade de Buckle e, outrora, haviam repercutido nas figurações sobre o Brasil, na primeira metade do século XIX, como, por exemplo, na arte pictórica de Hercules

⁵⁰ Não integra o escopo desta pesquisa apontar, individualmente, as variações na recepção do determinismo racial entre os intelectuais brasileiros de fins do Oitocentos. Entretanto, consente-se com a perspectiva historiográfica segundo a qual os debates sobre mestiçagem eram perpassados de ambiguidades e, sobretudo, de pluralidade. Nesta linha, cf.: DANTAS, Carolina Vianna. “O Brasil café com leite: debates intelectuais sobre mestiçagem e preconceito de cor na Primeira República”. In: *Tempo*. vol.13, nº 26, Niterói, 2009, p. 56-79.

⁵¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., 2011, p. 62-66; VENTURA, Roberto. Op. cit., 1991, p.44-68.

⁵² ARAÚJO, Valdei Lopes de. “Henry Thomas Buckle - Apresentação.” In: MARTINS, Estevão de Rezende. (Org.). *A História Pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 217-225; BUCKLE, Henry Thomas. “Introdução geral à História da Civilização na Inglaterra -1857”. (Tradução Valdei Araújo). In: MARTINS, Estevão de Rezende. (Org.). Op cit., 2010, p. 226-245.

Florence e Aimé-Adrien Taunay, participantes da Expedição Langsdorff (1821-1829)⁵³ que, ao pincelarem o irromper da densidade da mata nas estradas, registravam os óbices com os quais as engrenagens da modernidade se deparavam por aqui⁵⁴.

Outro determinista, Hippolyte Taine, deixou, para a elite intelectual pátria, os legados da equivalência entre raça e nação e do princípio da unidade de todos os fenômenos, os quais sempre estariam em função de causas externas⁵⁵. A partir da observação da raça - agora não mais revestida de acepção meramente biológica -, do meio e do momento, seriam deduzidas regularidades hábeis ao controle e ao planejamento social. Esta sistematização foi útil para os homens de *sciencia* no Brasil, pois aclarava as temáticas a serem privilegiadas e os procedimentos de análise, para a confecção de um conhecimento mais apurado sobre a nação.

Por fim, cabe lembrar no que concerne às formulações sobre o Brasil o papel dos viajantes, sobretudo europeus, da segunda metade do século XIX, cujas apreciações já se conduziam, significativamente, pelo evolucionismo e pelas problemáticas decorrentes desta nova teoria⁵⁶. O impulso para olhar, rascunhar e ordenar as cores e os feitios das populações, suas relações com a natureza, os (des)caminhos da mestiçagem era, agora, instigado e regido por uma métrica científica. De acordo com Flora Süssekind, desde a primeira metade do século, os relatos dos viandantes firmaram-se não apenas como as principais fontes para o começo histórico da prosa de ficção brasileira, mas também como referência indispensável para o horizonte intelectual oitocentista, uma vez que eram tomados como acesso à instrução e às paisagens que os leitores não poderiam ver e ofereciam reflexões sobre os confins do país⁵⁷. Desta maneira, seus juízos, capturados

⁵³ Sob o comando do naturalista alemão Georg Heinrich von Langsdorff, cônsul da Rússia no Rio de Janeiro, a expedição, iniciada em 1821, teve apoio do czar russo Alexandre I e de autoridades brasileiras, entre elas, o estadista José Bonifácio de Andrada e Silva. Ao longo de 8 anos, 39 pessoas integraram a empreitada de cruzar área bastante extensa do país. Tendo como ponto de partida a Fazenda da Mandioca, no Rio de Janeiro, passaram por Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso e seguiram para a Região Norte pelos Rios Arinos e Juruena, atingindo os Rios Tapajós e Amazonas, até o Estado do Pará. Em sua composição, a expedição contava com os artistas Johann Moritz Rugendas, Aimé-Adrien Taunay e Hercules Florence; o astrônomo, cartógrafo e geógrafo Nestor Rubtsoz; o botânico Ludwig Ridell, além de uma equipe técnica de viagem incluindo escravos, guias, caçadores e remadores. Cf.: <http://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/Langsdorff.pdf>

⁵⁴ Ver, e.g., a aquarela *Embira Açu. Arredores de Diamantino*, 1828, de Florence.

⁵⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., 2011, p. 63; MURARI, Luciana. *Brasil, ficção geográfica: ciência e nacionalidade no país d'Os sertões*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig, 2007.

⁵⁶ Precisamente sobre viajantes europeus da segunda metade do século XIX, cf.: NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.

⁵⁷ SÜSSEKIND, Flora. Op. cit., 1990.

em diários, mapas e pinturas, foram notáveis interlocutores do pensamento social brasileiro do XIX.

O esquadramento ligeiro da *intelligentsia* brasileira no final do século XIX, com ênfase em alguns caracteres e leituras, auxilia a situar Euclides da Cunha neste cenário e entender sua trajetória, sem, contudo, exauri-la como fruto unívoco de uma conjuntura.

Como explicitado mais acima, Euclides matriculou-se em 1886 no curso de Estado-maior e Engenharia Militar da Escola Militar da Praia Vermelha, onde teve contato com textos positivistas de Comte, evolucionistas de Hebert Spencer, dentre outros, além do ideário republicano e abolicionista. Em novembro de 1888, por ocasião da chegada ao Rio de Janeiro do republicano Lopes Trovão, os cadetes foram submetidos a uma inspeção, para impedir a saída e a adesão a um comício contra a monarquia. Durante a revista, Euclides da Cunha protestou diante do ministro da Guerra, Tomás Coelho, e se tornou objeto de notícias em jornais os quais retratavam o descompasso entre os militares, a manifestação de suas opiniões políticas e o regime monárquico. Em razão deste episódio, Euclides foi desligado do Exército no mesmo ano. Este afastamento compulsório ensejou o convite para escrever no jornal *Província de S. Paulo*, embrião do *Estado de S. Paulo*, para cujas páginas colaborou, intermitentemente, de 1888 a 1907, professando, de início, seu fervor antimonárquico e sua ojeriza à escravidão, e, depois, seus desalentos com a Primeira República, suas impressões sobre o conflito de Canudos e o litígio entre Brasil e Peru no atinente às demarcações dos limites ao norte⁵⁸.

Emblemático sobre o primeiro momento da contribuição de Euclides para o jornal foi o artigo *A pátria e a dinastia*, publicado em dezembro de 1888, logo após o incidente na Praia Vermelha. Neste texto, Euclides, ao atacar a incompetência da monarquia para retirar a nação do passado em que estava incrustada e lançá-la ao futuro, prestava reverência à fórmula evolucionista e aos seus desdobramentos para o aperfeiçoamento da civilização.

⁵⁸ Os artigos sobre o problema das fronteiras ao norte do país, intitulados *Conflito inevitável*, *Contra os caucheiros* e *Entre o Madeira e o Javari*, foram reunidos no livro *Contrastes e Confrontos*, de 1907.

A civilização é o corolário mais próximo da atividade humana sobre o mundo; emanada imediatamente de um fato, que assume hoje na ciência social o caráter positivo de uma lei - a evolução - o seu curso, como esta, é fatal, inexorável⁵⁹.

Em 1890, Euclides recebeu licença para matricular-se na Escola Superior de Guerra, para terminar seus estudos, não sucedidos, porém, de estabilidade funcional. Às tentativas de lecionar na Escola Militar do Rio Grande do Sul, na Politécnica de São Paulo e no ginásio de Campanha, apesar de só ter obtido êxito na Escola Militar da Praia Vermelha e no Colégio Pedro II, intercalou a atuação como engenheiro militar e a parceria por vezes interrompida com *O Estado de S. Paulo*.

Devido às aulas ministradas na Escola Militar e aos preparativos dos concursos para o magistério, Euclides transitava por livros científicos, interessava-se por matemática, física, biologia, geologia e mineralogia, mas entremeadas às leituras de ciências estavam as de literatura, como os romances históricos de Walter Scott e naturalistas de Émile Zola⁶⁰.

Essa conjugação desvela o intercâmbio de saberes pretendido por Euclides, no célebre consórcio entre arte e ciência⁶¹. Polígrafo, Euclides pendia, pois, para os lados imaginativo e assertivo do conhecimento, o que torna inteligível a presença de poemas, “contos-crônicas”⁶², ensaios sobre estética⁶³, em meio a textos elogiosos à ciência, ou a artigos de propaganda política.

Em decorrência dessa veia de publicista, novamente, ao exprimir sua posição política, sua inserção profissional foi alterada. Euclides, em 18 de fevereiro de 1894, escreveu uma carta à *Gazeta de Notícias*, contra o senador João Cordeiro, o qual clamava por uma retaliação aos rebeldes presos na Revolta da Armada, se não fossem identificados e punidos os autores do protesto contra a redação do jornal *O Tempo*. A opinião de Euclides de que o governo deveria agir na estrita legalidade e, assim, evitar chafurdar em uma “represália ainda mais criminosa” e impedir “a revivência do

⁵⁹ CUNHA, Euclides da. “A pátria e a dinastia”, 22 de dezembro de 1888. A província de S. Paulo. Disponível em:

http://www.estadao.com.br/ext/especiais/2009/04/euclides_artigos/EUCLIDES_paper0.swf

⁶⁰ Ver cartas em que menciona suas aventuras literárias: “A Porchat – Rio, 20 de agosto de 1892.”; “A Porchat – Rio, 25 de novembro de 1893.” Id. *Ibid.*, p. 36-37; 53.

⁶¹ A ideia de consórcio de arte e ciência em Euclides, segundo Bernucci, remonta principalmente a Herbert Spencer. No entanto, a conjugação desses saberes também está em Wilhelm von Humboldt, no texto *Sobre a tarefa do historiador*. cf.: BERNUCCI, Leopoldo. *Op. cit.*, 2009; HUMBOLDT, Wilhelm von. “Sobre a tarefa do historiador.” In: MARTINS, Estevão de Rezende. *Op. cit.*, 2010, p. 82- 100.

⁶² Alguns críticos, como Francisco Foot Hardman, apontam a mescla de crônica e conto de Judas Ahsverus, que compõe o livro póstumo *À margem da história*, como um dos mais belos de Euclides.

⁶³ Apenas a título de exemplo, citam-se o ensaio *A vida das estátuas*, publicado em 1904, no jornal *O País*, e reunido na coletânea *Contrastes e Confrontos*, de 1907.

barbarismo antigo”⁶⁴ provocou desconforto no Exército, a tal ponto que foi transferido, em março do mesmo ano para Campanha, em Minas Gerais, onde morou até maio de 1895.

Uma das muitas peculiaridades de Euclides se desponta, quando se compara sua epistolografia precedente à estada em Campanha. Intercalados às críticas à corrupção da República e à desordem das cidades acham-se louvores à modernidade e a pensadores europeus. Sintoma de suas ambivalências, duas cartas ao amigo Porchat, separadas por um intervalo de cerca de um ano, podem ser citadas. A primeira mostra um desapontamento, gerado pela distância das cenas idílicas e românticas da juventude. A outra traz a confissão do deslumbramento com o estágio civilizatório da Europa, de um entusiasta das ciências e dos seus respectivos avanços, acanhado com os deslizes do desenvolvimento e da República no Brasil.

A verdade é que me sinto mais velho do que moço, máxime agora, em que dou lições e são os sócios constantes das minhas horas ocupadas uma súcia de velhos pensadores, constantemente a tumultuar em torno do meu espírito, falando-me através de uma majestosa e silenciosa eloqüência: Newton, Laplace, Gay-Lussac, Claud (sic) Bernard e etc., etc., etc... Já vês meu digno companheiro que tenho razões para me achar afastado, muito distante dos arraiais brilhantes e ruidosos da mocidade...⁶⁵

Felizmente – o meu pai pretende seguir comigo em março para a Europa e lá, graças à minha índole exagerada de fetichista, doido pelos modernos prodígios da civilização, talvez eu me esqueça um pouco do triste rebaixamento em que caiu esta nossa pátria⁶⁶.

Neste último trecho, sentem-se as ondulações daquele Euclides que, no artigo do jornal *O democrata*, em 1884, rebatia as acusações de ser “anticivilizador”, e, com o decorrer do tempo, assumiria em tom laudatório os prodígios da técnica e do progresso. No entanto, frise-se que essas variações não podem ser compreendidas somente por uma direção linear de aprimoramento e maturidade intelectual, ou pela adesão a vogas literárias. Conviviam, em Euclides, o enaltecimento da cultura intelectual europeia, as exaltações ao futuro e ao progresso e uma rejeição à sociabilidade urbana, com seu

⁶⁴ São duas as cartas à Gazeta de Notícias. Cf.: “Ao Sr. Redator – Rio, 18 de fevereiro de 1894.”; “Ao Sr. Redator – Rio, 20 de fevereiro de 1894.” In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 62; 63-64. Em carta ao sogro, o general Solon, já em Campanha, comenta o envio de exilados a Mato Grosso, em provável referência ao seu próprio exílio, em Minas Gerais. Cf.: “Ilustre amigo general Solon – Campanha, 6 de junho de 1894.” Id. Ibid., p. 64-65.

⁶⁵ “A Porchat – Rio, 13 de agosto de 1892.” Id. Ibid., p. 35.

⁶⁶ “A Porchat – Rio, 25 de novembro de 1893.” Id. Ibid., p. 52.

tumulto nas capitais do país. Prova disso é o poema *As Catas*, dedicado a Coelho Neto e versado, em Campanha, por esse aficionado pela modernidade:

Que outros adorem vastas capitais
Aonde, deslumbrantes,
Da indústria e da Ciência as triunfais
Vozes se erguem em mágico concerto;
Eu, não; eu prefiro antes
As Catas desoladas do deserto,
- Cheias de sombra, de silêncio e paz...
(...)
Não invejo, porém, os que se vão
Buscando, mar em fora,
De outras terras a esplêndida visão...
Fazem-me mal as multidões ruidosas
E eu procuro, nesta hora,
Cidades que se ocultam majestosas
Na tristeza solene do sertão⁶⁷.

Pouco depois de sua saída de Campanha, Euclides continuou a evocar o sertão mineiro como um descanso dos ruídos das grandes cidades. Leem-se, em duas correspondências, ambas redigidas em São Paulo, os trechos abaixo:

Estou entre trogloditas que vestem sobrecasacas, usam cartola e lêem Stuart Mill e Spencer – com o agravante de usarem armas mais perigosas e cortantes que os machados de Sílex ou os rudes punhais de pedras lascadas. (...) Atravesso essa sociedade agitada numa abstração salvadora, cedendo automaticamente ao dever com a precisão de uma máquina moderna. Em compensação, a sociedade moderna – essa que nós também conhecemos, encontro-a no meu lar ampla, iluminada, vastíssima – limitada pelos quatro ângulos da minha estante⁶⁸.

Para mim, fazer uma viagem à Campanha – terra de tantos bons e leais amigos – é fazer uma romaria, é procurá-la com a mesma devoção religiosa que leva os muçulmanos à Meca. Não acredites que seja isto um exagero: os homens daqui poder-te-ão dizer talvez melhor do que eu toda a imensa afeição que dedico à tua, à nossa boa cidade.⁶⁹

Enquanto as paragens mineiras eram lembradas com saudade e apreendidas como o encontro de Euclides com os sertões oníricos dos poemas da mocidade, sua estada em Campanha serviu, de fato, para realizar leituras de caráter científico, sobretudo, para estudar mineralogia e geologia, como parte do projeto de concorrer a

⁶⁷ “As Catas”. In: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2009, p. 273-274. O poema original foi consultado na Biblioteca Nacional, série arquivística: autógrafos, localização: I-04, 18, 002.

⁶⁸ “A João Luís – S. Paulo, 9 de outubro de 1885.” Id. Ibid., p. 87.

⁶⁹ “A João Luís – S. Paulo, 5 de setembro de 1885.” Id. Ibid., p. 83.

vaga na Politécnica. O biógrafo de Euclides, Roberto Ventura, ressaltou, também, a crescente atenção conferida à natureza, seja pela observação direta, seja por intermédio de descrições alheias⁷⁰. Foi nesta época que leu *Climats, Géologie, Faune et Géographique Botanique du Brésil*, publicado pelo francês Emmanuel Liais em 1872 e escrito após viagem de exploração ao país, na década de 1860.

Para José Carlos Barreto, autores como Liais, juntamente com Frederic Hartt, forneceram informações sobre a natureza do sertão, convertidas por Euclides em teorizações sobre os aspectos mesológicos e a antiguidade do continente americano. E, mais, teriam sido mobilizados n’*Os sertões* para validar a partir de uma ótica científica e, por isso, teoricamente insuspeita, a profecia às avessas do “sertão vai virar praia”. A perspectiva desses estudiosos, sugerida por Euclides, inverteria a ordem equivocada do dito popular, pois sustentava que sob a aridez daquela terra escondia-se um mar extinto⁷¹.

Depois de Campanha, passou uma breve temporada em Belém do Descalvado, de onde enviou uma carta a Porchat, na qual solicitava “qualquer folheto, qualquer velho alfarrábio que trate da época colonial, de 1640 até 1715; qualquer coisa sobre a antiga S. Vicente, princípios de S. Paulo, excursões dos bandeirantes” e completava: “tenho grande necessidade de qualquer escrito sobre isto; mais tarde saberás porque (sic)”⁷². Este pedido é bastante indicativo dos traços de protagonismo que essas personagens iriam assumir na história do Brasil para Euclides e de sua preferência por uma historiografia do interior.

Em seguida, mudou-se para São Paulo, estreitando laços com o engenheiro Teodoro Sampaio, cujas contribuições para a feitura d’*Os sertões* com mapas e dados são sabidas. Por volta deste período, Euclides debruçou-se sobre relatos de viajantes, tais quais os de Saint-Hilaire, Alexander von Humboldt, Carl von Martius, além de intérpretes do Brasil como Varnhagen, Sílvio Romero, Capistrano de Abreu. O gosto pela leitura de cronistas, viajantes e *homens de sciencia* acompanhou Euclides em quase todos os seus estudos. De Campanha, Canudos, São José do Rio Pardo a Manaus, seus cadernos de anotação e de campo, suas correspondências e textos publicados estão

⁷⁰ VENTURA, Roberto. Op. cit., 2003, p. 134.

⁷¹ SANTANA, José Carlos Barreto de. “Naturalistas e cientistas: algumas fontes de *Os Sertões*”. In: *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Fase VII, ano XV, nº 59, abril-junho, 2009, p. 161-178.

⁷² “A Porchat – B. do Descalvado, 15 de maio de 1895.” In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.). Op. cit., 1997, p. 76-77.

repletos dessas referências, o que denota o diálogo estabelecido com elas. Conquanto seja distante do lapso temporal aqui tratado, vale transcrever, a fim de sondar a metodologia de investigação euclidiana, o fragmento de uma carta endereçada a Coelho Neto, de 1908, quando, após sua viagem a Manaus, Euclides pesquisava sobre a região amazônica, para a preparação seu livro irrealizado *Um Paraíso Perdido*:

Elysée Reclus, Aires de Casal, Abbéville, Varnhagen, Pero Lopes, Capistrano (vai de cambulhada) e todos os fazedores de mapas, e todos os cronistas do século XVI, são, com certeza, os sujeitos mais pacientes e sofredores deste mundo! Suportam-me. Aturam-me. Não se rebelam contra a minha curiosidade agressiva e insaciável. (...) Em compensação, vigam-se tranqüilamente tirando-me o tempo para outros deveres⁷³.

A instrumentalização desses conhecimentos por Euclides fica patente na elaboração do artigo *A nossa Vendéia*, publicado em 14 de março de 1897, n' *O Estado de S. Paulo*, em resposta à derrota sofrida pela expedição do coronel Moreira César, no conflito de Canudos.

Não obstante o primeiro juízo público de Euclides sobre a guerra de Canudos ocorrer apenas em março 1897, os primórdios do confronto datam de 1893, em Masseté. Avesso a certas mudanças instauradas pela República, um contingente da população baiana, liderada por Antônio Vicente Mendes Maciel, manifestou seu descontentamento com os novos impostos, a separação entre a Igreja e o Estado e a instituição do casamento civil. Nesta refrega, em especial, Antônio Conselheiro conduziu em Bom Conselho, Itapicuru, Soure, Amparo e Bom Jesus, uma queima das tábuas onde constavam os editais dos novos impostos republicanos, os quais agravariam as mazelas da população mais pobre. Este ato de desobediência civil, com evidentes contornos políticos, desencadeou a reação da polícia baiana, que, todavia, saiu derrotada. Verificou-se, em seguida, uma alteração na trajetória de peregrinação de Conselheiro, uma vez que se estabeleceu em Canudos, às margens do rio Vaza-Barris, onde se acomodaria Belo Monte, espécie de abrigo sagrado contra as secas e as leis republicanas seculares. As hostilidades contra o arraial acirraram-se e vigários, coronéis, delegados e políticos temiam o rompimento do equilíbrio de forças mantenedoras do *status quo*. Deste modo, um acontecimento aparentemente banal foi mobilizado pelo governo como pretexto para o estopim da guerra. Devido ao atraso na entrega de madeira, comprada

⁷³ “A Coelho Neto – Rio, 30 de junho de 1908.” Id. *Ibid.*, p. 366.

em Juazeiro para a edificação de uma igreja, os conselheiristas insurgiram-se, intentando trazer pessoalmente a encomenda. Em reação, foram solicitadas tropas ao governador da Bahia, Luiz Viana, para proteger Juazeiro e, posteriormente, atacar Canudos⁷⁴.

À primeira expedição, de novembro de 1896, sucederam mais duas, em 1897, até a veiculação, em março, do artigo de Euclides da Cunha. O fracasso da terceira expedição, comandada por Moreira César, teria incitado Euclides a reacender sua orientação republicana, esmorecida, conforme se constata em sua epistolografia, com os desvios da política⁷⁵. No mesmo dia em que publicou o texto n' *O Estado*, escreveu ao colega João Luís:

Creio que como eu estás ainda sob a pressão do deplorável revés de Canudos aonde a nossa República tão heróica e tão forte curvou a cerviz ante uma horda desordenada de fanáticos maltrapilhos. (...) O nosso belo ideal político (...) continua assim sacrificado pelos políticos *tontos* egoístas que nos governam. Felizmente a geração heróica de 15 de novembro está ainda robusta e, ao que parece, pouco disposta a deixar que extingam a sua mais bela criação. Procurando ser otimista (difícil coisa nestes tempos maus!) vejo nesta situação dolorosa um meio eficaz para ser provada a fé republicana. Não achas que ela resistirá brilhantemente – emergindo amanhã, rediviva dentre um espantoso acervo de perigos?⁷⁶

No que concerne propriamente ao artigo, valendo-se do mapa geográfico do engenheiro e geógrafo Teodoro Sampaio, seu colega na Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas, que percorrera o interior da Bahia, em 1879 e 1880, na expedição de exploração do rio São Francisco, organizada pelo engenheiro norte-americano Milnor Roberts⁷⁷, e munido dos estudos do médico e botânico professor Joaquim Monteiro Caminhoá, dos viajantes Carl von Martius, Johann Baptiste von Spix, Alexander von Humboldt, Saint-Hilaire, David Livingstone, Euclides traçou um detalhado quadro geográfico, climático, botânico, geológico e cultural daquele rincão desolado, onde nunca havia pisado.

Na primeira parte do texto, preponderam informações acerca do solo, descrito como inimigo físico para as tropas da República, dos ventos, do clima, do relevo e da

⁷⁴ GALVÃO, Walnice Nogueira. *O império do Belo Monte: vida e morte de Canudos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

⁷⁵ Para o debate em torno da revisão da República por Euclides, ver: VENTURA, Roberto. “Euclides da Cunha e a República”. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, 10 (26), 1996, p. 274-291.

⁷⁶ “A João Luís – São Paulo, 14 de março de 1897.” In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 103-104.

⁷⁷ Sobre Teodoro Fernandes Sampaio, cf.: SANTOS, Ademir Pereira dos. “Theodoro Sampaio, um aprendiz, um mestre e muitas lições.” In: *Horizonte Geográfico*, v. 138, p. 70-79, 2011.

vegetação. Com uma escrita demasiadamente visual, que objetivava provocar uma sensação de real, Euclides apresentou a natureza do sertão através da “nota lúgubre da máxima desolação”⁷⁸. Não mais pertencente a um Brasil edênico, sem acidentes naturais, aquela porção de terra, a alteridade geográfica do paraíso, foi igualada a um terreno transfigurado por um terremoto e um subsequente incêndio.

Apesar de acentuar a inclemência do meio depauperado e das poucas chances de se sobreviver, Euclides admite existirem trechos em que os olhos poderiam pousar e se fascinar. Em suas palavras: “Como se vê naquela região, intermitentemente, a natureza parece oscilar entre dois extremos – da maravilhosa exuberância à completa esterilidade.”⁷⁹ Essa alternância aproxima a representação euclidiana da natureza à chave estética do sublime, como grandiosa e assustadora. Processa-se, pois, um deslocamento, a partir do qual, de acordo com Márcia Regina Naxara, as imagens da natureza migraram, na segunda metade do século XIX e início do XX, do belo e do pitoresco, para o sublime, com hipérboles, contrastes, rupturas e ausência de continuidade harmônica que conotavam o encanto e o assombro do observador diante da paisagem⁸⁰. Suspendia-se, pois, a apreensão edênica e romântica das paragens sertanejas, tão cara aos poemas euclidianos da juventude.

A rotação da imagem não se esgotou, porém, na terra, uma vez que também sua gente passou a ser caracterizada de maneira dúbia, porque detentora de uma “coragem bárbara”⁸¹. Delineado o “tabuleiro” em que se agitavam os sertanejos, Euclides, na segunda parte do artigo, dedicou-se a esboçar um resumo da “indefinição etnológica”⁸², dos costumes e da religião daqueles homens que se rebelavam. Se, outrora, personificavam as virtudes humanas, neste momento, eram fanáticos de almas ingênuas a obstaculizar o ritmo ascendente da civilização. O “bom selvagem” assumia, então, a veste de inimigo da República.

Em 17 de julho de 1897, outro artigo, sob o mesmo título, foi publicado n’*O Estado de S. Paulo*. As barreiras com as quais o Exército se deparou para debelar Canudos insuflaram em Euclides uma nova incursão textual a respeito do arraial. Discorreu acerca da tática rudimentar de guerra empregada pelos sertanejos que,

⁷⁸ CUNHA, Euclides da. “A nossa Vendéia (1)”. In: *Diário de uma expedição*. GALVÃO, Walnice Nogueira. (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 46.

⁷⁹ Id. Ibid., p. 48.

⁸⁰ NAXARA, Márcia Regina Capelari. Op. cit., 2004.

⁸¹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 51.

⁸² Id. Ibid., p. 50.

caoticamente amoldados à topografia local, obtinham vantagens frente aos militares. Pela primeira vez, o termo jagunço aparece nos registros de Euclides, vincado por um grifo conotativo do estranhamento. Exposta em lentes deterministas, a feição do jagunço era transmitida como reflexo das lutas de adaptação ao meio hostil, que lhe teria cunhado, portanto, à sua árida imagem.

Aliado aos conhecimentos científicos demonstrados, o paralelo estabelecido entre a gente insurreta no arraial e a rebelião camponesa, monarquista e católica da Vendéia, entre 1793 e 1795, em desagravo à derrubada do Antigo Regime na França, credenciava Euclides como perspicaz intérprete dos acontecimentos, uma vez que, simultaneamente, atestava seus saberes históricos e recrudescia a crença absoluta na vitória da República sobre a “agitação desordenada e impulsiva de hipnotizados”⁸³. Para Euclides, o “arraial maldito” era para a República brasileira o que a Vendéia fora para a França revolucionária: sombra a obscurecer a luz, freio a estacionar o progresso.

Essa seção almejou seguir os passos sinuosos de Euclides da Cunha, em sua trajetória intelectual. Engenheiro militar, “empregado público *dilettanti*”⁸⁴, com “missão de pedagogo”⁸⁵, o polígrafo Euclides, que se deleitara com o Romantismo, flertava, agora, com as teorias científicas em circulação no país. O articulista desiludido com a República que, “um dia, cego de entusiasmo, quebrou a lança”⁸⁶, em protesto defronte ao ministro, avistava, ainda de longe, o sertão ignoto como forma de revigorar o patriotismo e a crença republicana. Por isso, a abertura das trilhas agrestes o motivava, como a outros homens de *sciencia* à época,

a redescobrir física e simbolicamente um Brasil sempre desconhecido, a desbravar os caminhos ocultos de nossa identidade, a formular projetos para o Brasil, certos das virtudes soteriológicas da ciência e do fazer científico⁸⁷.

Em suma, as linhas até aqui traçadas pretenderam realçar que Euclides não se lançou, vazio e desprendido, em campo. Partiu embebido de realidade prefigurada, de juízos prévios, em que se emaranhavam imaginário e leituras científicas. O próximo capítulo irá explorar o momento da experiência nos sertões baianos, com a apresentação

⁸³ Id. Ibid., p. 51.

⁸⁴ “A João Luís – S. Paulo, 8 de dezembro de 1895.” In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 90.

⁸⁵ “A Porchat – Rio, 3 de setembro de 1892.” Id. Ibid., p. 40.

⁸⁶ “A Porchat – Rio, 25 de novembro de 1893.” Id. Ibid., p. 52.

⁸⁷ NEVES, Margarida de Souza. Op. cit., 2010, p.34.

esmiuçada das notas redigidas *in loco* e uma reflexão sobre o exercício do olhar etnográfico do autor-viandante.

II. VIAGEM AO ARRAIAL: A ESTADA DE EUCLIDES EM CANUDOS E A EXPERIÊNCIA COM O “OUTRO”

Sobre as notas da travessia

Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos.

Italo Calvino

O artigo *A nossa Vendéia* foi o passaporte para Euclides cobrir a guerra de Canudos como correspondente d’*O Estado de S. Paulo*. Justamente por embrenhar-se pela “*urbs monstruosa*”⁸⁸, como chamaria o arraial mais tarde, sua trajetória intelectual sofreu uma reviravolta e criaram-se as condições para observar e recolher subsídios decisivos para redigir sua obra mestra, *Os sertões*.

Júlio Mesquita, diretor do jornal, solicitou ao presidente Prudente de Moraes, em telegrama datado de 29 de julho de 1897, a nomeação de Euclides como adido ao Estado-Maior do ministro da Guerra, o marechal Machado Bittencourt, revelando o intuito de atualizar as notícias de Canudos e examinar historicamente sua população e Antônio Conselheiro.

Quero dever-lhe o favor de conseguir que Carlos Machado nomeie para seu Estado-Maior o tenente Euclides Cunha [sic]. Este é meu companheiro de redação do *Estado*. Tem talento de escritor quanto dedicação de soldado republicano. Quer prestar serviços à República e preparar elementos para um trabalho histórico.⁸⁹

Atendido o pedido, Euclides partiu do Rio de Janeiro, em 03 de agosto de 1897, no navio *Espírito Santo*, com a quarta e última expedição, e chegou a Salvador, no dia 07 do mesmo mês. Alcançou Canudos, em 16 de setembro, onde permaneceu até 03 de outubro, tendo embarcado a 16 deste mês para o Rio de Janeiro, a bordo do *Brasil*⁹⁰. Em todo o percurso, que abrangeu, além da capital baiana e do arraial, Alagoinhas,

⁸⁸ CUNHA, Euclides da. *Os sertões*: (campanha de Canudos). São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 291.

⁸⁹ Arquivos presidenciais: Prudente de Moraes. Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, p. 71.

⁹⁰ Para a data de chegada a Salvador e a Canudos, cf.: CUNHA, Euclides da. *Caderneta de Campo*. ANDRADE, Olímpio de Sousa (Org.). São Paulo; Brasília: Cultrix, 1975, p. 1; 53. Sobre a saída de Canudos e a partida para o Rio de Janeiro, cf.: CALASANS, José. “Euclides da Cunha nos jornais da Bahia”. In: *Revista de Cultura da Bahia*, n. 4, julho-dezembro de 1969. Disponível em: <http://josecalasans.com/downloads/artigos/17.pdf>

Queimadas, Tanquinho, Cansação, Quirinquinquá e Monte Santo, Euclides tomou nota de quase tudo que o cercava, desde plantas, relevos, aparência física dos sertanejos a listas de vocábulos que lhe soavam curiosos, de sorte a escrever até em punho de camisa, conforme Olímpio de Souza Andrade⁹¹.

Se a novidade do que se apresentava converteu, excepcionalmente, mesmo uma peça de seu vestuário em suporte para fixar o que os olhos apreendiam, o destino mais corriqueiro dos comentários de Euclides eram seus dois cadernos de bolso. Um deles, localizado no acervo da Casa de Cultura Euclides da Cunha, em São José do Rio Pardo, contém não apenas dados provenientes da Bahia, mas também assuntos diversos, como a Revolta da Armada, datados de 1893, e teria sido abandonado, com inscrições cada vez mais rarefeitas no decorrer de sua permanência no arraial. O outro, abrigado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foi priorizado por Euclides para despejar uma torrente de informações, em folhas descontínuas, com rascunhos de correspondências ao jornal, telegramas, fatos do conflito, caracteres da natureza e da população⁹². Para Olímpio de Souza Andrade, a escrita intercalada nas duas cadernetas, provavelmente, indicava a pressa do autor, a preocupação de que a memória afugentasse questões relevantes ou, ainda, o aproveitamento máximo de espaços em branco, em decorrência da privação de papel⁹³.

A respeito do primeiro caderno, embaralham-se notas atinentes à geografia local, às peculiaridades dos homens sertanejos e aos eventos da refrega. A segmentação nestes eixos temáticos reflete um observador de mirada seletiva, cujo trabalho de campo ressoou no modelo de composição d'*Os sertões*.

O interesse pelos flagrantos da terra o impeliu a descrever, minuciosamente, o feitio das espécies vegetais, os caminhos dos rios, as ondulações do terreno, para desnudar o cenário ao qual os sertanejos foram compelidos a se adaptar. Uma natureza seca, retorcida, brutal, em estado de desordem e vincada por corrosões que atestariam sua primitividade, emerge deste material euclidiano. Suas linhas evocam, pois, a desertificação da paisagem e o fabricar de ruínas, tópica que, segundo Francisco Foot

⁹¹ ANDRADE, Olímpio de Souza. "Introdução". In: CUNHA, Op. cit., 1975, p. XXIII.

⁹² Roberto Ventura, na biografia inconclusa de Euclides, mencionou episódio em que o escritor, durante a viagem de reconhecimento do Alto Purus, virou motivo de anedota entre os membros da comissão, devido a sua obsessão por anotações. VENTURA, Roberto. Op. cit., 2003, p. 240-242.

⁹³ ANDRADE, Olímpio de Souza. Op. cit., 1975, p. XXIII.

Hardman, acompanharia Euclides em seu livro-emblema, poemas, cartas e ensaios amazônicos⁹⁴.

Abaixo, há sinais de uma natureza caótica e corroída, acentuada pela linguagem prolixa, e, sutilmente, de um descompasso com o tempo, os quais, com facilidade, podem ser reconhecidos na feitura de *Retrospecção geológica*, no capítulo III, da subseção *Quarta expedição de A Luta, d'Os sertões*.

...As serranias que tombam em talhados ou apontam em cerros agudos e de encostas a prumo são de fato a ruína imponente de imensa barragem rota aos embates das enchentes. Surgem ladeadas de várzeas, com um recorte vivo nos plainos ondulados e, em que pese aos contornos duros, permitem que se lhes reconstrua dos elementos que longamente a saltaram. Porque a própria caatinga facies [sic] primitivo... a serra aparece espelhando ainda no embaralhado das linhas hipsométricas a violência e a confusão revolta resistente evita-a e os seus flancos... mal vestidos de uma vegetação escassa de cactos e bromélias, contrastam na dureza das linhas, no alcantilado dos fragedos que sobre eles se alteiam, acumulando-se nos altos em grimpas pontiagudas, os terrenos quase aplanados que sobranceiam... O desfiladeiro parece desaparecer na compressão de duas linhas de cumeadas altas arqueadas em anfiteatro, ao lado das ribanceiras do rio... Sobre uma e outra se alteiam de uma banda os taludes dos outeiros centrais e da outra, maiores, eriçadas de penhascos, repartidas em patamares caprichosos como galerias de um coliseu monstruoso, as vertentes das serranias laterais...⁹⁵

Com efeito, as serranias cortadas de angusturas, fracionando-se em serrotes de aclives vivos, figuram-se ruínas de uma barragem aluída e rota pelas enchentes. Aprumam-se entre várzeas, feito um recorte nas planuras, e, a despeito dos contornos incorretos, permitem que se lhes reviva o fácies primitivo. (...) Definido pelas mesmas camadas silurianas, que vimos noutros trechos, o núcleo da terra, ali, aflora à medida que a ablação das torrentes lhe remove as formações sedimentárias mais modernas. E nesse exumar-se a serra primitiva ressurgem espelhando na ousadia das curvas hipsométricas a potência dos elementos que há longos séculos a combatem. Porque, como na Favela, a caatinga resistente lhe morre no sopé; evita-a; deixa-lhe desnudos os flancos; e estes, já lastrados de blocos, já descendo a prumo, à maneira de muros em cujas juntas mal se apegam orquídeas enfezadas. (...) Acaba-se o desfiladeiro. Afastam-se vivamente as rampas abruptas que o formam; arqueando-se e desatando-se por diante, fronteando-se, contrapostas as concavidades numa arqueadura de anfiteatro amplíssimo. Ali dentro, porém, o terreno continua revoltoso; erguem-se outros cerros mais baixos, centralizando-o; e a primitiva passagem bifurca-se, encaixando-se na direita, em curva, o Vaza-Barris. (...) Antes deste cruzamento, em grande percurso, fronteiam os taludes dos cerros centrais com os das duas vertentes laterais, envolventes e maiores, eriçadas de

⁹⁴ HARDMAN, Francisco Foot. "Brutalidade Antiga: Sobre História e Ruína em Euclides." In: *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 10, n.26, 1996, p. 293-310.

⁹⁵ *Por protesto e adoração: In Memoriam* de Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Edição do Grêmio Euclides da Cunha, 1919, p. 307.

penhascos acumulados a esmo ou agrupando-se em socalcos, repartindo-se em sucessivos patamares à maneira de galerias de um coliseu monstruoso⁹⁶.

As inquietações acerca da gente sertaneja e de suas peculiaridades em relação aos habitantes da costa também ocuparam a extensão do caderno de bolso em comentário. Em estado bruto, com sentenças inacabadas e excessivo emprego de advérbios de modo, rastreiam-se ideias sobre a formação étnica do sertanejo, que, lapidadas, preencheriam a *Nota Preliminar* do livro de 1902. Comparem-se, respectivamente, os trechos:

Os jagunços são inegavelmente uma sub-raça formada, definida, completa, mas fugaz, destinada a desaparecer em breve, atravessando instantaneamente pela História, como que para unicamente mostrar qual seria o nosso tipo étnico, se condições imperiosíssimas atualmente criadas pelo ambiente geral do mundo civilizado, não viessem em breve, irresistivelmente, anular em poucos anos uma lenta fusão feita em três séculos. – No estado atual das sociedades humanas as emigrações desdobram-se irresistivelmente como uma queda de potencial. A comparação é precisa... A política colonial, sem a feição quase cavalheiresca que a revestiu ao esboçar-se no século XVI, obedece a estímulos mais vigorosos e sobretudo mais práticos, espelhando ainda o sucesso de uma lei sociológica indiscutível e brilhante. Esboçou-a Gumplowics [sic]. O embate das raças é a força motriz da história...⁹⁷

(...) a instabilidade de complexos de fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem [as sub-raças sertanejas], as tomam talvez efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento ante as exigências crescentes da civilização e a concorrência material intensiva das correntes migratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra. (...) A civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável "força motriz da História" que Gumplowicz, maior do que Hobbes, lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes⁹⁸.

Das duas citações acima, extrai-se que o problema da variável étnica era, desde a estada no sertão baiano, um tema que Euclides pretendia esmiuçar, valendo-se de Ludwig Gumplowicz, em *Der Rassenkampf* (1883), ou, mais provavelmente, da versão francesa, *La lutte de races*, como fonte para seu juízo. No tocante a este aporte teórico, merece ser salientada, ligeiramente, a polêmica envolvendo a recepção euclidiana. Ao mencionar o sociólogo polonês no caderno de campo, Euclides deslizou na grafia do seu nome e, de acordo com Luiz Costa Lima, também na interpretação de sua tese. Para o

⁹⁶ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 553-554.

⁹⁷ *Por protesto e adoração: In Memoriam* de Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Edição do Grêmio Euclides da Cunha, 1919, p. 307.

⁹⁸ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 65-67.

historiador e crítico literário, Gumplowicz sustentava que as lutas impulsionadoras da história, singularizadas pelos princípios do poder e da subordinação, seriam definidas em termos políticos, por coordenadas sociais e não biológicas. Por conseguinte, Euclides teria realizado uma “desleitura”, sobretudo do conceito de raça, que conferia um esteio biologizante aos embates que se desenrolavam ao longo da história⁹⁹. No entanto, Luciana Murari contesta o antibiologismo de Gumplowicz atribuído por Costa Lima, pois considera que aquele concebia o componente biológico como indissociável da constituição da identidade nacional, por ser a unidade de sangue determinante para a integração, ou, em sua ausência, para o esfacelamento do tecido social¹⁰⁰. De todo modo, o que parecia informar o pensamento de Euclides era a centralidade do confronto étnico, com a preponderância dos grupos ditos mais fortes, para a marcha da história. Desta forma, a articulação de uma justificativa “científica” para o desenvolvimento da nação brasileira, assentada em premissas evolucionistas, amenizava o tom de denúncia do massacre em Canudos. Isto é, o suposto inarredável caso das “sub-raças sertanejas” operaria uma eufemização da truculência das tropas federais, com que o autor dividia, inclusive, o acampamento. Assim, é possível especular que a apropriação de Gumplowicz, ratificada na *Nota Preliminar d’Os sertões*, independente de sua correção ou “desleitura”, solvia, politicamente, o embaraço de Euclides diante da existência abreviada, porém de “finitude previsível”, de sertanejos pelas forças republicanas, com as quais mantinha vínculos oficiais.

Retornando à análise da caderneta, especificamente sobre o conflito, Euclides anotou episódios com precisão de detalhes, em construções frasais mais ou menos definitivas, que se repetiriam em sua obra mestra. Por tratar-se de cenas do derradeiro cerco aos canudenses, há plausibilidade em inferir que, terminadas as folhas do caderno reservado exclusivamente para as impressões *in loco*, o autor voltou-se para as páginas vazias daquele que fora relegado, a fim de transpor o que lhe concentrava a atenção. Nas passagens a seguir, a versão prévia e a redação final (n’*Os sertões*, o item *Viva o Bom Jesus!*, do capítulo VI, na subseção *Quarta expedição*), em muito se assemelham, conquanto, na primeira, haja uma reticência a sugerir um acréscimo a ser realizado e, na

⁹⁹ LIMA, Luiz Costa. *Terra ignota: a construção de Os sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997, p.24-35.

¹⁰⁰ Para Murari, Luiz Costa Lima ateu-se na afirmação de Gumplowicz de que era possível estabelecer laços comunitários de ordem cultural, não obstante a desigualdade da origem biológica. Entretanto, a autora avalia que a heterogeneidade racial não implicava, para o sociólogo polonês, a desconsideração do elemento biológico da etnicidade. Cf.: MURARI, Luciana. Op. cit., 2007, p. 114-118.

segunda, tenha ocorrido uma deliberada supressão da lacuna que deveria ser completada com a referência ao local ou à autoridade a que um sertanejo havia sido levado para execução.

Num dos combates de meados de setembro, é preso um jagunço, curiboca, moço. Responde a tudo “não sei”. Conduzido a ... perguntaram-lhe como queria morrer. – “De tiro!” – “Pois há de ser a facão!” E foi.¹⁰¹

Numa das refregas subseqüentes ao assalto, ficara prisioneiro um curiboca ainda moço que a todas as perguntas respondia automaticamente, com indiferença altiva: "Sei não!" Perguntaram-lhe por fim como queria morrer. "- De tiro!" "- Pois há de ser a faca!" contraveio, terrivelmente, o soldado. Assim foi.¹⁰²

Em outro momento, ao discorrer sobre o ataque da população do arraial, em busca de água, aos arredores ocupados pelas tropas, Euclides redigiu com rebuscamento a estratégia dos soldados e a retomou no ponto *Em torno das cacimbas*, do capítulo III, na subseção *Últimos dias*, da parte *A Luta*:

Quedavam-se expectantes, como caçadores numa espera – pontarias imóveis, olhos perscrutadores na sombra – largo tempo; largo tempo até que divisassem, deslizando, de bruços, pela barranca oposta. Súbito silêncio descerra então sobre as linhas. Os soldados das trincheiras adjacentes ao rio, porém, não se iludiam. Sabiam que tornariam em breve ao mesmo ponto os infelizes coagidos pela sede. Abaixo, indistintamente, como grandes sáurios esquivos, os adversários, volvendo à tarefa. Deixaram-nos se aproximarem¹⁰³.

Aguardavam-nos, pontarias imóveis, ouvidos armados ao menor ruído, olhos frechando, fitos, as sombras, como caçadores numa espera. E divisavam-nos, de fato, transcorridos minutos, indistintos, vultos diluídos no escuro, na barranca fronteira; e viam-nos, descendo lento e lento por ela abaixo, de bruços, rentes com o chão, vagorosamente, num rastejar serpejante de grandes sáurios silenciosos; e viam-nos depois, embaixo, arrastando-se pelo esteiro areento do rio... Seguravam as pontarias. Deixavam-nos aproximar-se, e deixavam-nos atingir os estagnados que eram o chamariz único daquela ceva monstruosa¹⁰⁴.

Deste ponto em diante, passa-se à apreciação do outro canhenho que Euclides levou consigo, consagrado inteiramente à viagem aos sertões baianos, que pertence ao arquivo do IHBG, e contém 158 páginas. Na inicial, gravada, no topo, com a inscrição “Diário de uma expedição”, há a breve notícia da partida do Rio de Janeiro e de um

¹⁰¹ *Por protesto e adoração: In Memoriam* de Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Edição do Grêmio Euclides da Cunha, 1919, p. 310.

¹⁰² CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 647.

¹⁰³ *Por protesto e adoração: In Memoriam* de Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Edição do Grêmio Euclides da Cunha, 1919, p. 309.

¹⁰⁴ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 744.

soldado que se atirou ao mar, como mero incidente a distender o itinerário. Nas seis páginas posteriores, está rascunhada a reportagem de 07 de agosto, a primeira para *O Estado de S. Paulo*, na qual se intenta introduzir o público leitor do litoral à ambiência sertaneja, com pormenores do deslocamento, da vista do navio, do sentimento dos soldados e das expectativas em torno da campanha.

Ao serem cotejadas as variantes da caderneta e do jornal, percebe-se que a última foi aperfeiçoada, com alteração da ordem de alguns parágrafos, o que evidencia a tentativa de Euclides imprimir a si o perfil de um escritor alerta ao ocorrido, que, apesar de sempre a postos, não se furtava a construir cuidadosamente suas frases. Quanto ao mesmo trecho, vejam-se o aprimoramento das sentenças, a despeito da manutenção da escusa da vertigem em que escreve, e a adição de um apelo pelo porvir da nacionalidade brasileira:

Escrevo rapidamente, mui rapidamente mesmo, acotovelado de quando em vez, por passageiros que passam, num coro de interjeições festivas, e nas quais meia dúzia de línguas se fundem no mesmo entusiasmo. É a admiração perene e ruidosa pela natureza extraordinária e belíssima¹⁰⁵.

Escrevo rapidamente, direi mesmo vertiginosamente, acotovelado a todo instante por passageiros que irradiam em todas as direções sobre o tombadilho, na azáfama ruidosa da chegada, através de um coro de interjeições festivas no qual meia dúzia de línguas se amoldam ao mesmo entusiasmo. É a admiração perene e intensa pela nossa natureza olímpica e fulgurante, prefigurando na estranha majestade a grandeza de nossa nacionalidade futura¹⁰⁶.

Esses e tantos outros fragmentos comprovam que os delineamentos de seu ofício de repórter percorrem parte significativa da fonte aqui apreciada. Minutas da cobertura jornalística e até de telegramas enviados para *O Estado de S. Paulo* entremeiam-se ao exame das coisas ao redor, sem, contudo, nenhum encadeamento objetivo e cronológico. Ao revés de um assinalar organizado metodicamente, imperam a urgência e o esforço de esgotar todos os vãos do caderno. Confirmam esse desarranjo, por exemplo, as páginas 8 a 12, subsequentes aos apontamentos que corporificariam o artigo de 07 de agosto, nas quais se encontram períodos reaproveitados, respectivamente, para as correspondências de 1º de outubro, 12 de agosto, 4 e 5 de setembro, remetidas à publicação paulista.

¹⁰⁵ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 2.

¹⁰⁶ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 63-64.

Frise-se esse desalinho com a extensa correspondência de 1º de outubro, a última expedida pelo autor em Canudos, inserida na primeira página do jornal do dia 25 deste mês, ocupando pouco mais de quatro colunas, que narra desde o amanhecer sob o céu do sertão aos óbitos de militares e à tomada funesta do arraial¹⁰⁷. Sua modelação, diluída na caderneta, começa na página 8, e, portanto, imediatamente após os esboços da primeira reportagem, para prosseguir nas 11, 12 e 26 a 35. Do texto original à sua formatação final, são patentes encaixes, trocas de parágrafos, para maior fluidez e coerência, e algumas modificações a fim de assegurar a verossimilhança. A busca por um efeito de realidade e por uma escrita que convencesse seus interlocutores norteou o preciosismo de certos retoques: os cinco passos que o separavam da frente de um major morto dilataram-se em dez; as 10h e 50 minutos em que ouviu estampidos de dinamites a detonar os últimos jagunços foram corrigidas para 10h e 52, para os eventos caberem exatos no tempo.

Não obstante o tumulto das notas, Euclides não deixou de relatar, sumariamente, os lances do trajeto, para, depois, sofisticá-los e comunicar à redação d'*O Estado*. Seu esmero, no entanto, esbarrou no extravio de mensagens, ocasionando um hipotético silêncio no período em que adentrou em Canudos¹⁰⁸. Por isso, embora tenha enchido algumas folhas de sua caderneta com o roteiro da viagem de 13 a 23 de setembro, demarcando a listagem de suas atividades com data e horário, as edições do jornal depararam-se com um vácuo entre os dias 11 e 24 do mesmo mês¹⁰⁹.

Euclides agregou a este caderno, além dos rudimentos de reportagens, traços da cultura sertaneja, de sua relação com o meio e os desenvolvimentos da peleja a que assistiu. Adiante, os indicativos do exercício de um olhar etnográfico e de um empenho em situar o outro no espaço e no tempo passam a ser contemplados e, para maior clareza, arrolados obedecendo à sequência da terra, do homem e da luta, embora, na fonte, estejam emaranhados.

¹⁰⁷ A versão original desta correspondência enviada ao jornal foi comparada e consultada no acervo *online do Estadão*. Cf.: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/18971025-6918-nac-0001-999-1-not/>

¹⁰⁸ Além do extravio das mensagens, detecta-se outro problema: o lapso entre a escrita da correspondência e sua impressão no jornal indica a desordem da publicação, que não seguiu a sequência do envio e divulgou, somente após o término da campanha, o material redigido em Canudos.

¹⁰⁹ Obtém-se esta conclusão ao se compararem as páginas 52 a 56 da caderneta de bolso constante do arquivo do IGHB que dão conta da saída de Monte Santo, da entrada em Canudos e das primeiras observações no arraial, e a as correspondências para *O Estado de S. Paulo*, interrompidas no intervalo de 11 a 24 de setembro. Cf.: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 52-56; CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 173-182.

Salta à vista o propósito do autor fluminense de decifrar a natureza dos sertões, com remissões a textos sobre botânica de Alexander von Humboldt¹¹⁰, descrições acuradas de espécies vegetais, medições de temperatura e pressão e contagem dos dias de chuva, aplicando, assim, um procedimento que priorizava a empiria, aprendido nas lições de alguns geógrafos e naturalistas.

Neste sentido, pinça-se a ocorrência inicial do retrato da terra sertaneja na página 12 da caderneta, em que o autor comenta a imponente formação rochosa da serra do Cambaio, a cuja muralha alude em suas correspondências¹¹¹ e, mais tarde, em seu livro-emblema, em *Baluartes sine calcis linimento*, no capítulo III, da primeira subseção de *A Luta*, intitulada *Travessia do Cambaio*¹¹².

Quanto ao conteúdo empírico e à averiguação que se pretende científica, ressalte-se, mormente, o apuro com que Euclides da Cunha esquadrinhou a morfologia das plantas e do solo, ilustrando-os¹¹³ ou até realizando teste sobre material rochoso¹¹⁴, e mensurou os índices térmicos. Aliás, sobre esses últimos, sublinhe-se a contribuição do tenente-coronel Siqueira de Meneses, cujos estudos constam na caderneta, entre as páginas 77 e 80. O chefe da comissão dos engenheiros, que intencionava publicar, conforme menção no *Jornal de Notícias* de 27 de outubro, um trabalho “militar, político, social e religioso”¹¹⁵ de Canudos e teria mostrado seus esquemas prévios a Euclides, foi nominalmente citado na correspondência de 28 de setembro a *O Estado de S. Paulo* e n’*Os sertões*. Abaixo, o teor elogioso insinua um Euclides tributário da metodologia aplicada por Siqueira de Meneses e o fito de ambos de produzir um levantamento acerca da geografia local:

Para não perder tempo, continuo com o tenente-coronel Siqueira de Meneses – um tipo interessantíssimo e notável, ao qual mais longamente me referirei, a observar sistematicamente, hora por hora, a temperatura, a pressão e a altitude em Canudos. Faremos com todo o cuidado estas observações que são as primeiras realizadas nestas regiões e das quais se derivará a definição mais ou menos aproximada do clima destes sertões¹¹⁶.

¹¹⁰ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 37-39.

¹¹¹ Euclides refere-se à aparência de muralha ininterrupta da Serra do Cambaio, na correspondência de 08 de setembro, redigida em Monte Santo. Cf.: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 170.

¹¹² CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 390-392.

¹¹³ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 71.

¹¹⁴ Experiência junto a Siqueira de Meneses, com fragmento de mármore negro. Id. Ibid., p. 54.

¹¹⁵ Informação contida em: GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais*. São Paulo: Ática, 1994, p. 191.

¹¹⁶ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 197.

Ninguém até então compreendera com igual lucidez a natureza da campanha, ou era mais bem aparelhado para ela. Firme educação teórica e espírito observador tornavam-no guia exclusivo daqueles milhares de homens, tateantes em região desconhecida e bárbara. Percorrera-a quase só, acompanhado de um ou dois ajudantes, em todos os sentidos. Conhecia-a toda (...). Largava pelas chapadas amplas, perdia-se no deserto referto de emboscadas, observando, estudando e muitas vezes lutando. Cavalgando animais estropiados, inaptos a um meio galope frouxo, afundava nos grotões; varava-os; galgava os cerros abruptos, em reconhecimentos perigosos; e surgia no Caipã, em Calumbi e no Cambaio, em toda a parte, mais preocupado com a carteira de notas e os croquis ligeiros do que com a vida. Atraía-o aquela natureza original. A sua flora estranha, o seu fácies topográfico atormentado, a sua estrutura geognóstica ainda não estudada — antolhavam-se-lhe, largamente expandidas, em torno, escritas numa página revolta da terra que ainda ninguém lera. E o expedicionário destemeroso fazia-se, não raro, o pensador contemplativo. Um pedaço de rocha, o cálice de uma flor ou um acidente do solo, despeavam-no das preocupações da guerra, levando-o à região remansada da ciência¹¹⁷.

O perquirir as filigranas das paisagens, levado a cabo por Euclides, foi, inclusive, assunto para Alfredo Silva, correspondente, na Bahia, do jornal *A Notícia*. De acordo com Silva, Euclides fazia daquela uma “verdadeira viagem de instrução”, por estacar, invariavelmente, no meio do caminho, para examinar pedras, flores, pássaros¹¹⁸.

Como alude na página 54 da caderneta, ao escrever “Dia 18 – fiz diversos croquis e copio um esquema de Canudos - Dou um passeio pelas imediações”, dos intervalos nas travessias, resultavam os bosquejos dos olhos e mapas da topografia, que se estendem, difusamente, entre os dados coletados, como forma de completá-los. São 18 mapas, alguns mais bem elaborados que outros, mas, todos, de certa maneira, devem às cartas topográficas de Teodoro Sampaio e ecoam uma prática herdada dos viajantes naturalistas de início do século XIX. Entretanto, se desenhar, conforme Flora Sússekind, era crucial para os viajantes, por asseverar a confiabilidade ao registro e acrescentar subsídios faltantes¹¹⁹, aqui, expressava mais do que uma estratégia de autoridade, porque ainda procurava posicionar o objeto da investigação, para entrecruzar o terreno à interpretação da gente e de suas táticas no conflito. Cartografar era, portanto, uma maneira de aliar os interesses do autor viandante aos conhecimentos do engenheiro.

Esses croquis que, em sua maioria, enfatizam os contornos do relevo de Canudos e suas adjacências, desde um plano apartado e mais geral, como a localizar o observador em um ponto mais elevado, deram lugar, n’*Os sertões*, a quatro mapas, dois com a

¹¹⁷ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 520-521.

¹¹⁸ GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. cit., 1994, p. 427.

¹¹⁹ SÚSSEKIND, Flora. Op. cit., 1990, p. 147.

circunscrição de todo o estado da Bahia sobre geologia e flora, e os demais, detidos nas movimentações das expedições ao arraial e às cercanias. É sintomático que antes de iniciar o texto, imediatamente após o índice de *A Terra*, Euclides tenha optado por um mapa, para recepcionar o leitor. Nele, há um panorama do estado baiano e de suas divisas, hachurado segundo as eras geológicas, somado ao elenco de autores responsáveis por sua composição, como Teodoro Sampaio, Spix, Martius, Hartt, Derby, Newied, dentre outros¹²⁰, com quem dialogou no correr do livro. Assim, ilustrava suas palavras e cumpria a função de principiari o público que julgava leigo nas coisas do sertão, prepará-lo para compreender as engrenagens da gênese étnica do sertanejo e descortinar o anfiteatro da batalha de Canudos.

Misturada aos mapas e ao rol de arbustos típicos do sertão, mais uma pista do maquirar de uma obra e do cuidado com a hidrografia, o clima, os vegetais, os riscados do terreno e sua datação está inserida na caderneta de campo. Na página 49, há um evidente esquisso do índice de *A Terra*, da obra de 1902. Confrontem-se ambos:

A natureza

Sumário – A temperatura – O solo árido – Elementos geognósticos e geológicos. Região infecunda de estepe (1.^a categoria de Hegel) – Poucas chuvas – As secas – Flora – Fauna – Frutificação incerta e temporária – Rios e riachos de enchentes súbitas, correndo entre gargantas, sem fertilizar a terra. Aspecto das chapadas e tabuleiros. As *caatingas* impenetráveis. Fisionomia da terra. Transparência do ar. Relevo do solo. A vegetação. O firmamento. As trovoadas e as chuvas. Impenetrabilidade da região. Estado higrométrico. As paisagens. Disposição bizarra dos planos das chapadas. O Rosário. O Rancho do Vigário. Serra do Cumbe. Caipan. Cocorobó. Monte Santo. As secas. Plantas providenciais. Riqueza mineralógica. Uma observação de Martius. Da *seca ao verde* transição imensa e rápida. Um paraíso no deserto – surgindo e desaparecendo breve. As travessias. Fortalezas *sine calcis linimento*¹²¹.

A Terra

I. Preliminares. A entrada do sertão. Terra ignota. Em caminho para Monte Santo. Primeiras impressões. Um sonho de geólogo.
II. Golpe de vista do alto de Monte Santo. Do alto da Favela.
III. O clima. Higrômetros singulares.

¹²⁰ Estão listados os autores do mapa, nesta ordem: Teodoro Sampaio, Spix e Martius, Hartt, Derby, Gardner, Burton, Halfeld, Rathbun, Allen, Ayres de Casal, Príncipe Newied, Wells, Bulhoes, Bailys, Lopes Mendes. Sobre a influência da geologia e dos relatos de viajantes em Euclides da Cunha, cf.: SANTANA, José Carlos Barreto. “Geologia e metáforas geológicas em *Os sertões*.” In: *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, v.5, n.1, Rio de Janeiro, julho, 1998, p. 117-132. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701998000400007&script=sci_arttext#4

¹²¹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 49.

IV. As secas. Hipóteses sobre a sua gênese. As caatingas. [O juazeiro]. [A tormenta]. [Ressurreição da flora]. [O umbuzeiro]. [A jurema]. [O sertão é um paraíso]. [Manhãs sertanejas].

V. Uma categoria geográfica que Hegel não citou. Como se faz um deserto. Como se extingue o deserto. O martírio secular da terra¹²².

Se Siqueira de Meneses e preleções de geologia, mineralogia e biologia inspiraram Euclides, o perscrutar da natureza com tanto afinco era, sobremaneira, um hábito herdado dos viajantes naturalistas, como outrora anunciado. Consoante Manoel Salgado, viandantes europeus, em especial, Carl von Martius, debruçavam-se sobre a natureza, não só pelo encantamento diante do belo ou para forjar um cenário convidativo aos futuros leitores. Intrigados com uma imaginada ausência de fiáveis balizas de historicidade nas Américas, também detinham seu olhar para costurar a história nos trópicos. Ao acessar e inventariar a natureza, desatavam o nó da temporalidade nas sociedades consideradas “sem história”¹²³. A postura de Euclides da Cunha ressoava a de Carl von Martius, citado, na caderneta, no índice provisório sobre o meio sertanejo, para quem o recurso à natureza propiciaria a obtenção de rastros do tempo no Novo Mundo. Para Euclides, as terras ignotas não tiveram um historiador¹²⁴ e, por serem habitadas predominantemente por iletrados, devido à precariedade da alfabetização, seriam raríssimos os vestígios escritos sobre sua origem e desenvolvimento. Em decorrência, imperaria um passado inaudito, carente de indícios e de marcas rotuladas como “históricas” para planificar aquela população e instituir, ao menos, sua cronologia. O escrutínio da natureza, como “velha testemunha histórica”¹²⁵, portanto, era imprescindível também para o deciframento do passado daquela gente.

Voltar-se para a natureza era, ainda, um imperativo para o autor entretecer as teses embebidas de determinismo. Essas notas da caderneta, em grande medida geradoras da primeira parte d’*Os sertões*, *A Terra*, fornecem uma base para explicar ideias retomadas em *O Homem* e *A Luta*. O enlace de conceitos relativos à natureza no

¹²² CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 69.

¹²³ Para um estudo sobre o procedimento de escrita da história no viajante bávaro, que procurava na natureza os rastros do tempo, Cf.: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Op. cit., 2000.

¹²⁴ Em mais de uma ocasião, Euclides afirmou, n’*Os sertões*, que as paragens sertanejas não tiveram um historiador para interpretar os fatos e concatená-los. Por exemplo, na subseção *Fundações jesuíticas na Bahia*, do capítulo II, da parte *O Homem*, escreveu: “Em toda esta superfície de terras, que abusivas concessões de sesmarias subordinavam à posse de uma só família, a de Garcia d’Ávila (Casa da Torre), acham-se povoados antiqüíssimos. De Itapicuru-de-Cima a Jeremoabo e daí acompanhando o S. Francisco até os sertões de Rodelas e Cabrobó, avançaram logo no século 17 as missões num lento caminhar que continuaria até o nosso tempo. Não tiveram um historiador”. Cf.: Id. Ibid., 192.

¹²⁵ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 65.

caderno de bolso e nos demais segmentos do livro funda a capacidade de uma única noção elucidar questões de distintas áreas do saber, estabelecendo, consecutivamente, uma contiguidade entre elas. Conforme Leopoldo Bernucci, esse processo de duplicação pode ser visualizado, quando Euclides articula o arraigamento do homem no sertão ao enraizar-se da planta na aspereza do solo¹²⁶. Embora a caderneta focalizada não tenha sido objeto da reflexão de Bernucci, nela, igualmente, alastra-se esse espelhamento da terra no homem: a impenetrabilidade da região se desdobra no isolamento da gente; o desaparecimento previsível do deserto replica o existir lacônico do sertanejo e prenuncia a destruição de Canudos; a fortaleza das montanhas se prolonga na solidez dos jagunços.

Como a urdidura da análise da comunidade sertaneja, para Euclides, era perpassada pela natureza, os elos entre geografia, biologia e antropologia propagam-se ao longo da caderneta. Por isso, o roteiro da página 13, que antecipa alguns temas d'*Os sertões*, entrelaça as faculdades intelectivas à opulência do meio, a sazonalidade da morada às secas, a configuração das chapadas aos riscos e incertezas aos quais os sertanejos se arremetiam. A resolução de sumariar a substância local transparece no material de bolso e ecoou, sobretudo, nos capítulos I a III, da segunda parte de seu livro mestre. Atente-se para os excertos:

O Homem

Sumário – Vida animal exuberante prejudicando as funções intelectuais e morais – Exageros da vida material – A capacidade étnica da raça corrigirá as influências termométricas? – A alimentação – A influência de um solo árido – Vida nômade – Frugalidade explicada pela altura térmica – Imprevidência pela vida. Eterno conflito entre os elementos da vida intelectual e a existência coletiva – Sociedade inconsciente – Predomínio das paixões pessoais – Regime pastoril nômade. Aspecto atraente das chapadas – Incentivo à vida aventureira – O deserto áspero e impenetrável isolador térmico. Insulamento no deserto determinando a conservação dos velhos costumes e erros.

Imunidade para as febres palustres – A superstição – Regressão para o tipo indígena pela não infusão de elementos estranhos. Predomínio dos mais fortes. A cor. Aspecto. Caracteres físicos. Infantilidade. Imaginação viva – Reflexão estreita. Memória feliz! Imprevidência. Resistência à dor. O medo. Terror religioso. A moralidade. A alimentação. A habitação. Exemplos de delicadeza moral. Espírito vingativo. O roubo. As vaquejadas. Vocabulário. As santas missões. A coragem pessoal¹²⁷.

O Homem

I. Complexidade do problema etnológico no Brasil. Variabilidade do meio físico e sua reflexão na história. Ação do meio na fase inicial da formação das

¹²⁶ BERNUCCI, Leopoldo. “Prefácio”. In: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 22.

¹²⁷ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 13.

raças. A formação brasileira no Norte. [Os primeiros povoadores]. [Os jesuítas]. [Gênese do mulato].

II. Gênese dos jagunços. O vaqueiro, mediador entre o bandeirante e o padre. Função histórica do Rio S. Francisco. Os jagunços: prováveis colaterais dos paulistas. Fundações jesuíticas na Bahia. Causas favoráveis à formação mestiça dos sertões, distinguindo-a dos cruzamentos no litoral. Um parêntese irritante. Uma raça forte.

III. O sertanejo. Tipos díspares: o jagunço e o gaúcho. Os vaqueiros. Servidão inconsciente; vida primitiva. A vaquejada e a arribada. Tradições. A seca. Insulamento no deserto. Religião mestiça: seus fatores históricos. Caráter variável da religiosidade sertanejo: a Pedra Bonita e Monte Santo. As missões atuais¹²⁸.

Por estes trechos, verificam-se os laivos de algumas hipóteses presentes n’*Os sertões*. Por exemplo, subjaz a esses itens a pressuposição, retomada posteriormente, de que os aspectos naturais teriam martirizado o homem, desafiando-o a lutas constantes, e de que o abismo geográfico redundou em incomunicabilidade com os demais territórios do Brasil. N’*Os sertões*, Euclides adicionou as leituras de cronistas e historiadores às alegações referentes à simbiose entre o homem e a terra, o meio que o atraía e guardava¹²⁹, para arquitetar razões históricas e tramar uma explicação para o que detectava como permanências na cultura sertaneja, ou, em suas palavras “a conservação de velhos costumes e erros”.

Também se insinua neste epítome da caderneta, a interpretação euclidiana acerca do processo etnológico gerador do sertanejo. A “regressão para o tipo indígena pela não infusão de elementos estranhos” condiz com a tese mais tarde sustentada de que se combinaram componentes não tão díspares nos homens do agreste, o que lhes permitiu uma porção de homogeneidade. Por decorrência, o negro não teria fornecido substrato para o caldeamento a partir do qual nasceu o sertanejo. É possível sondar, contudo, que essa obliteração do negro no momento da tessitura d’*Os sertões* – a qual será mais a frente analisada –, se fundamente menos no espaço de experiência do autor, do que em seu horizonte de expectativa¹³⁰. Essa questão suscita, pois, o debate entre o prefigurado, o visto e o projetado em seus livros, que, longe de refutar a importância e o

¹²⁸ Até a terceira edição d’*Os sertões*, datada de 1905, e revisada pelo próprio autor, o subtítulo *Os jagunços: prováveis colaterais dos paulistas* aparece imediatamente após *Gênese do jagunço*. Cf.: ARAUJO, Ruy Magalhães de. “Comentários sobre as várias edições d’*Os sertões*, de Euclides da Cunha”. In: *SOLETRAS*, ano II, nº 04. São Gonçalo: UERJ, julho-dezembro, 2002. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/soletras/4/05.pdf>; nota 2 de CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 149.

¹²⁹ Id. Ibid. 189.

¹³⁰ Por horizonte de expectativa, entende-se o que no presente é voltado para o futuro. São cálculos, esperanças e temores voltados para o que ainda não foi vivido, para as experiências as quais não podem ser observadas. Cf.: KOSELLECK, Reinhart. Op. cit., 2006.

desdobramento da experiência empírica, do “ter estado lá” de Euclides, contribui para sinalizar respostas a alguns silenciamentos e aporias e adensar a complexidade de sua obra.

Por outro lado, o fragmento acima recortado da caderneta desnuda a vontade de Euclides de catalogar as características do sertanejo e propor uma pauta para organizar sua apreensão da realidade. Era uma forma de advertir-se de reter a mirada nos hábitos alimentares, na vestimenta, no nomadismo em função das severas estiagens, nas atividades boeiras, nos vínculos entre empregados e patrões, nas manifestações religiosas, nas inclinações morais, uma vez que este apanhado garantiria uma chave para decifrar a cultura das gentes sertanejas.

As próximas doze páginas do canhenho refletem um tenaz observador, que ansiava captar as minúcias da vida naquelas paragens. Preliminarmente, avultam os esclarecimentos acerca de figuras cruciais na sociabilidade e nos liames da história sertaneja, como os bombeiros, condutores dos viajantes pelas trilhas do sertão, os capangueiros, definidos como negociantes que compravam diamante de garimpeiros, os jagunços e os vaqueiros. Sobre os primeiros, leiam-se as considerações de Euclides na caderneta, com a escrita originalmente em viés, à direita, e sua aparição n’*Os sertões*, mesclada às ameaças do ambiente em redor.

Bombeiro – práticos que guiam o viajante nas *travessias* pelas *gerais*, seguindo ora por veredas e *arrastadores* ora por simples rumo *tirado a facão* etc. Quem perde o rumo naquelas regiões atordoado-se, fica *vário* até que a sede e a fome o prostram¹³¹.

Piores que os *gerais*, onde ficam *vários*, às vezes, os mais atilados bombeiros, sem rumo, desnorteados pela uniformidade dos plainos indefinidos, as paisagens sucedem-se, uniformes e mais melancólicas mostrando os mais selvagens modelos, engravescidos por uma flora aterradora¹³².

O capangueiro foi, sucintamente, apresentado e distinguido, algumas linhas abaixo, do “positivo”, “capanga de confiança para incumbências sérias”. Euclides teve, ainda, o cuidado de desambiguar o termo capanga, que, no feminino, seria sinônimo de bolsa de viagem¹³³. Assimiladas, essas palavras dispersam-se n’*Os sertões* nas duas acepções: ora associando-se ao banditismo e ao atravessamento de pedras preciosas,

¹³¹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 14.

¹³² CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 344.

¹³³ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 17.

costurando os primórdios da ocupação em sítios agrestes, ora, ao utensílio para carregar munição, manejado durante a peleja de Canudos¹³⁴.

Por seu turno, os jagunços e vaqueiros receberam, no caderno de bolso, intenso desvelo, reverberado em sua publicação mais célebre, por consubstanciarem, sob o prisma euclidiano, a alma sertaneja. Aquele, descrito como dotado de “porte pouco elegante, pouca barba, cabelo liso, duro, maçãs salientes, no achatado do crânio e tez morena”¹³⁵, inquietava o autor, por esconder rijeza, detrás de um semblante esquelético, por preservar a retidão moral, apesar da hostilidade da natureza. Assim, Euclides pintava, crítica e complacentemente, o sertanejo, em abordagem que adiantava o concomitante desprezo e empatia na obra de 1902.

Não há sertanejo q. [sic] não seja vaqueiro – Entende com os animais domésticos.

(...)

Sertanejo é em geral – bom, simples, inteligente, inculto, desconfiado, altivo, leal, respeitador, econômico à parcimônia, pouco liberal, afeiçoado ou agradecido, probo e honesto.

Amante da caça, bom atirador de garrucha que leva à cinta numa capa de couro, a par do facão jacaré (duas armas prediletas) – tem boa vista e grande tino; andam com rapidez léguas e léguas.

(Modo de trajar do jagunço e do gaúcho, ambos vaqueiros) – Não lhe escapa nada do que acontece na zona em que age¹³⁶.

Intrincado à cultura boieira, o jagunço, tal qual todo sertanejo, era tido, essencialmente, como um vaqueiro, o que acenava, ademais, para a comparação com o gaúcho¹³⁷. As consonâncias e disparidades entre este e aquele, acionadas para contrastar o campo e a cidade, a ruína das populações do interior e os avanços civilizacionais, evocavam, claramente, Domingo Sarmiento, conquanto não houvesse sua explícita citação nas folhas da caderneta, nem n’*Os sertões*. Latente, na obra de 1902, na controvérsia sobre os caminhos da nação a partir uma área “decaída”, o diálogo com

¹³⁴ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 332; 336; 435; 439.

¹³⁵ CUNHA, Euclides da., 1975, Loc. cit.

¹³⁶ Id. Ibid., p. 18-19.

¹³⁷ Vale lembrar, seguindo os passos de Berthold Zilly, que Euclides jogou com a ambiguidade deste termo “gaúcho”, que pode significar tanto o vaqueiro sulista, quanto o habitante do Rio Grande do Sul. Cf.: ZILLY, Berthold. “A barbárie: antítese ou elemento da civilização? Do *Facundo* de Sarmiento a *Os sertões* de Euclides da Cunha.” In: ALMEIDA, Angela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão. (Orgs.) *De sertões, desertos e espaços incivilizados*. Rio de Janeiro: FAPERJ: MAUAD, 2001, p. 296. Ademais, merece realce o fato de que grande parte dos militares que compunham as tropas dirigidas para Canudos era proveniente daquela região do Brasil. As fotografias de Flávio de Barros revelam, por exemplo, a influência rio-grandense na vestimenta das tropas.

*Facundo, ou civilização e barbárie*¹³⁸, publicado em 1845, foi expresso, apenas, no discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, proferido em dezembro de 1906¹³⁹, e no ensaio *Viação Sul-Americana*, de *À margem da História*, cuja publicação, a princípio pensada por Euclides, concretizou-se postumamente, em 1909. Neste texto, louvava Sarmiento pela argúcia do paralelismo entre o adentrar da estrada de ferro em territórios inóspitos e a chegada e o alastramento do progresso nos pampas, propiciando “o fim da selvagem epopeia dos gaúchos”¹⁴⁰.

A afinidade entre os escritores, conforme Leopoldo Bernucci e Berthold Zilly¹⁴¹, desponta na perspectiva dualista da sociedade, no compartilhamento de palavras-chave, como deserto, ruína, tapera e, por óbvio, civilização e barbárie, na determinação dos ingredientes geográficos sobre a cultura dos habitantes das zonas rurais e na escolha de personagens e tipos, mistos de heróis e bandidos. Na caderneta do autor fluminense, por exemplo, o vaqueiro conhecedor “pé de pau por pé de pau, palmo a palmo” da fazenda onde labora e que quando “um boi estranho ou uma pessoa que lá entra é logo percebido, pelas pegadas, ou indícios mínimos”¹⁴² remete à figura do habilidoso rastreador das planícies argentinas.

Nestes papéis que trazia consigo, Euclides aproximou o sertanejo do gaúcho, sobretudo pela lida com o gado, e os discerniu devido aos trajes e apetrechos de montaria. N’*Os sertões*, estas diferenças tornaram-se mais agudas, merecendo um tópico no capítulo III, da parte *O homem*, reservado às dissimilitudes do meio, do caráter e das roupas. O sol da caatinga e as calamidades naturais estampavam no sertanejo uma face abatida e um corpo desgracioso, coberto com roupas rígidas, para proteger-se do cenário retorcido e farpado. Para Euclides, em um ambiente mais gentil,

¹³⁸ Consultou-se, para esta pesquisa, a seguinte edição: SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo, ou civilização e barbárie*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

¹³⁹ Em sua fala, ao afirmar que “certo ainda não tivemos um Domingos [sic] Sarmiento ou um Herculano que nos abreviasse a distância do passado”, Euclides parecia sugerir que o estudo de Sarmiento sobre o *gaúcho*, tipo evanescente com o progredir da história argentina, trazia para o presente a apreciação de um elemento do passado. Talvez, tenha chamado para si a responsabilidade de reconciliar a nação brasileira com sua história, ao examinar o sertanejo, uma sub-raça, para ele, irremediavelmente, incrustada no passado. Cf.: Discurso de Posse de Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras, cadeira nº 7, em 8 de dezembro de 1906. Disponível em:

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=8350&sid=126>

¹⁴⁰ CUNHA, Euclides da. “Viação Sul-Americana.” In: *À margem da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 87.

¹⁴¹ BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995, p. 39-50; ZILLY, Berthold. *Op. cit.*, p. 271-301.

¹⁴² CUNHA, Euclides da. *Op. cit.*, 1975, p. 20.

os gaúchos, uma antítese dos vaqueiros do Norte, ignoravam a devastação da seca, os espinhos que feriam a pele, e, portanto, diante da indumentária rústica e da debilidade física dos outros, pareciam em vestes de festa. Em desvantagem, porém, eram menos bravios e evitavam arriscar-se, enquanto os voluntariosos sertanejos se atiravam contra os perigos. Emblemático da representação euclidiana de um sujeito que, mesmo com feras e intempéries à espreita, não se amedronta é o “causo” da onça suçuarana, narrado na caderneta e recontado n’*Os sertões*¹⁴³, que faz lembrar o tigre que afugenta o *gaucho* no *Facundo* de Sarmiento.

A imagem desse arcaico cavaleiro, encourado e empoeirado, tanto granjeou a atenção de Euclides que consta em suas anotações pessoais, na reportagem de 1º de setembro, enviada de Queimadas, e em sua principal obra. Reparem-se estas passagens:

Veste-se de couro – chapéu de couro, gibão de couro curtido de veado, ou vaqueta, colete com modelo do nosso de couro também, alguns são de gato-domato com o pêlo para fora p.^a os dias de festas; peito espécie de gravata plastron sem as dobras; *perneiras* estreitas de couro resistente e *guarda-pés* na frente dos estribos de ferro e esporas grandes¹⁴⁴.

Imóvel sob a sela, todo vestido de couro, calçando botas que sobem até a cintura, chapéu de abas largas meio inclinado sobre a frente – a véstia rústica de um vermelho escuro imprime-lhe aspecto de um cavaleiro antigo coberto ainda de poeira da batalha¹⁴⁵.

O seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no *gibão* de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as *perneiras*, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em *joelheiras* de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas *luvas* e *guarda-pés* de pele de veado — é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo.

Esta armadura, porém, de um vermelho pardo, como se fosse de bronze flexível, não tem cintilações, não rebrilha ferida pelo sol. É fosca e poenta. Envolve ao combatente de uma batalha sem vitórias...¹⁴⁶

Acima, a grafia oblíqua de certas palavras, no mesmo movimento em que as destaca, assinala o estranhamento do autor. Alguns desses vocábulos, entretanto, apropriados em sua escrita futura, perderam o grifo, o que talvez fosse um sintoma de

¹⁴³ CUNHA, Euclides da., 1975, Loc. cit.; CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 235.

¹⁴⁴ CUNHA, Euclides da., 1975, Loc. cit..

¹⁴⁵ Nesta mesma correspondência ao *Estado*, algumas linhas antes, Euclides noticiava a coragem que percebia no homem do sertão. Dizia: “(...) tem uma capacidade de resistência prodigiosa e uma organização potente que impressiona. Não o vi ainda exausto pela luta, conheço-o já, porém, agora, em plena exuberância de vida. Dificilmente se encontra um espécime igual de robustez soberana e energia indômita.” CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 140.

¹⁴⁶ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 213.

uma gradual familiaridade. Essa modificação sucedeu com o próprio termo jagunço, cuja primeira ocorrência, tanto no caderno de bolso, quanto n' *Os sertões*, apresenta o realce, que tende a apagar-se no correr dos textos.

Uma constante na caderneta, as listas de verbetes, para aclarar as narrativas ouvidas e os episódios vistos, preencheram folhas inteiras ou esparramaram-se pelas minudências da guerra e comprovam que o universo lexical sertanejo incitava a curiosidade de Euclides. Visualiza-se um desses casos, na página 20, em que uma série de significados complementa a inquirição a mulheres prisioneiras, fixada nas páginas 63 a 65, travada por ele e Siqueira de Meneses. A transcrição, às vezes em viés, da fala da viúva de um jagunço não lega dúvidas do apreço do autor tanto pelas informações privilegiadas acerca da resistência sertaneja, quanto pelo seu linguajar ímpar. Entre indagações pontuais sobre a semelhança de verbos da língua francesa com aqueles do fundo do sertão, Euclides averiguava a sutileza do prosear sertanejo a escamotear determinadas estratégias.

O Tte.-Coronel Siqueira de Meneses julgou conveniente fazer-lhe algumas perguntas acerca do número de habitantes e condições da vida em Canudos.

– Há muita gente aí em Canudos?

– E eu sei? Eu não ando *navegando* na casa dos outros? Além disto *está com muitos dias* que ninguém sai por via das peças – e eu não sei contar, só conto até quarenta.

(...)

– Onde estava seu marido quando foi morto?

Esta pergunta foi feita por mim, e em má hora a fiz. Fulminou-me com o olhar:

– E eu sei?! Então querem saber do *miúdo até o graúdo*? Que extremos!

(...)

Este *e eu sei* é quase o começo obrigado das frases de todos; surge espontaneamente, infalivelmente, numa toada monótona, coroando todos os períodos, como uma vírgula em todas as frases. (...) E assim vão torcendo e evitando a todas as perguntas, fugindo vitoriosamente ao interrogatório mais habilmente feito. E quando as perguntas assediam-nas demais, inflexivelmente, quando não é mais possível tergiversar – lá surge o incansável *e eu sei?* eufemismo bizarro e mais expressivo do que o *não!* simples, positivo. (...) Outro sistema interessante: respondem a uma pergunta com outra. No diálogo as interrogações entrechocam-se de lado a lado, de um modo bizarro sendo difícil distinguir o que interroga do que responde¹⁴⁷.

Deste interrogatório, priorizou, na missiva a *O Estado de S. Paulo*, do dia 24 de setembro, a reprodução dos dizeres de uma jovem sertaneja, filha do sujeito morto pelas tropas federais. Ao acompanhar expressões como “lascou o pé no mundo”, “lote de

¹⁴⁷ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 64-65.

dias”, “despotismo de gente” de notas de rodapé com suas devidas acepções, as mesmas oferecidas na desordem de sua caderneta, o autor assumia para si a tarefa de tradutor das coisas do sertão. As esquivas da mulher, com este “e eu sei?”, foram transpostas para a mensagem do dia 26 de setembro, novamente, com a advertência sobre o tom pitoresco deste registro oral¹⁴⁸.

O zelo pela exatidão o impelia a gravar a pronúncia e entonação de palavras¹⁴⁹, a passar a limpo a carta de um jagunço¹⁵⁰, um bilhete de amor¹⁵¹ e algumas quadras populares, para mais plenamente adentrar na linguagem local. Essas porções da cultura sertaneja importavam para sublinhar sua peculiaridade, mas também para endossar o argumento euclidiano de que a consciência turva e o intelecto diminuto incidiam sobre uma “ortografia bárbara”, uma poesia rude.

Embora adotasse uma orientação que hierarquizava saberes eruditos e populares, Euclides creditava estima ao que chamaria, posteriormente, n’*Os sertões*, de “gaguejar do povo”, pois, por intermédio dele, coletavam-se costumes e valores locais. Por isso, segundo declarou, esses registros, bem como as prédicas de Antônio Conselheiro, foram alvo da cobiça dos vitoriosos, às vésperas da investida derradeira ao arraial¹⁵².

Leitor de Sílvio Romero, compartilhava com o crítico sergipano o escopo de catalogar os versos, as lendas e os causos populares, a fim de resgatar, mormente através da tradição oral, traços para a composição de uma história dos sertões. Coligir os documentos não escritos e os “rabiscos” dos semiletrados, menos do que um capricho de diletante, deveria ser um empreendimento científico e etnográfico, com contornos políticos, para decifrar a identidade nacional¹⁵³. Aliás, era para extrair das cantigas que corriam na boca do povo sua propensão religiosa, seus guardados da memória e singularidade que copiou, em sua obra mestra, duas estrofes contidas em *Estudos sobre a poesia popular do Brasil (1879-1880)*, de Romero¹⁵⁴.

¹⁴⁸ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 182-192.

¹⁴⁹ Citam-se exemplos desse capturar da fala local: no rodapé da página 19 da caderneta, Euclides acrescentou sobre o calçado dos sertanejos, as alpercatas: “Dizem pracata”. Na página 20, aparece: “vareda – vereda, caminho”. Na página 24: “Aí eu saí prá perto. Eu onte quis me pô em pé, não pude...”

¹⁵⁰ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 21.

¹⁵¹ Id. Ibid., p. 62.

¹⁵² CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 318.

¹⁵³ Sobre o levantamento de cantigas e lendas como empreitada científica em Sílvio Romero, cf.: SCHNEIDER, Luiz Alberto. *Sílvio Romero: hermeneuta do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005, p. 65-67.

¹⁵⁴ ROMERO, Sylvio. *Estudos sobre a poesia popular do Brasil (1879-1880)*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1888. Obra consultada em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01614300#page/1/mode/1up>

Recolhida por Euclides, essa poética frequentemente anônima, devotada ao cancionero de Canudos, ao confronto com os militares, à condenação da República e ao enaltecimento da religião, situa-se, sobretudo, entre as páginas 58 e 61 da caderneta, e foi referida, para recrudescer o anacronismo da Vendéia brasileira, sendo algumas quadras citadas, com concertos de grafia, no seu livro de 1902, na subseção *Por que não pegar contra a República?*, do capítulo V, da parte *O Homem*¹⁵⁵.

Ao revirar as tradições, Euclides se deparava com formas típicas de comportamento, a atribuição de sentido a gestos triviais, o percurso de indivíduos e narrativas sobre a vivência nas trilhas agrestes. Em seu canhenho, armazenou dados acerca do agir em dias de festas, hábitos mortuários, utensílios cotidianos, dieta alimentar, tratamentos medicinais, trajetórias de famílias e de personagens notáveis dos vilarejos, além das justificativas veiculadas para as pestes, guerras e secas.

As glosas enxutas do caderno sobre “o despontar o dia” com os goles matinais de cachaça, a diversão da “encamisada”, a “cavalhada noturna com lanternas, cavaleiros vestidos de branco, os cavalos cobertos de alvas e compridas mantas”, a toada triste das violas para acalentar a travessia da boiada, as disputas afiadas de rimas, os usos do óleo de aricuri, para quitutes e o amaciar “os cabelos aos domingos [d]as raparigas”¹⁵⁶ desembocaram com detalhamento e um resvalo de encanto do autor na subseção *Tradições*, do capítulo III, da segunda parte d’*Os sertões*. Entretanto, se nas anotações pessoais figurava um observador solitário, que, em letras miúdas, vertia de pronto suas concisas impressões, no texto posterior, foram mobilizados interlocutores, ainda que latentemente, para acrescentar pormenores e algumas explicações. Euclides sorveu, em especial, de Juvenal Galeno, em *Lendas e canções populares* (1865)¹⁵⁷, e de Sílvio Romero, no livro acima mencionado e em *Cantos populares do Brasil* (1883), versinhos, desafios e a terminologia folclórica regional, matérias-primas para estas páginas atinentes às tradições sertanejas. Abaixo, leia-se uma passagem da obra de 1902, seguida de uma nota, adicionada pelo autor, para elucidar as manifestações locais:

¹⁵⁵ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 319-320.

¹⁵⁶ CUNHA, Euclides da., 1975, Loc. cit.

¹⁵⁷ Euclides tomou conhecimento deste autor cearense, somente após seu retorno da Bahia. Respondendo a Domingos Jaguaribe, em dezembro de 1897, afirmava ainda não ter lido Juvenal Galeano, presumivelmente indicado por aquele. Por esta época, Euclides parecia iniciar a elaboração d’*Os sertões*: “(...) ando verdadeiramente acabrunhado e sem disposição para o trabalho – e olho para as páginas em branco do livro que pretendo escrever e parece-me às vezes que não realizaria o intento.” “A Domingos Jaguaribe – B. do Descalvado, 23 de dezembro de 1897.” In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.). Op. cit., 1997, p. 113. Sobre a leitura euclidiana de autores cearenses, cf.: CÂMARA, José Aurélio. Canudos e Euclides. *O Povo*, Fortaleza, 28 de agosto de 1965.

Seguem para as vilas se por lá se fazem festas de cavalhadas e mouramas, divertimentos anacrônicos que os povoados sertanejos reproduzem, intactos, com os mesmos programas de há três séculos. E entre eles a exótica *encamisada*, que é o mais curioso exemplo do aferro às mais remotas tradições. Velhíssima cópia das vetustas quadras dos fossados ou arrancadas noturnas, na Península, contra os castelos árabes, e de todo esquecido na terra onde nasceu, onde a sua mesma significação é hoje inusitado arcaísmo, esta diversão dispendiosa e interessante, feita à luz de lanternas e archotes, com os seus longos cortejos de homens a pé, vestidos de branco, ou à maneira de muçulmanos, e outros a cavalo em animais estranhamente ajaezados, desfilando rápidos, em escaramuças e simulados recontros, é o encanto máximo dos matutos folgazões. (...) Nem todos, porém, a compartilham. Baldos de recursos para se alongarem das rancharias, agitam-se, então, nos folguedos costumeiros. Encourados de novo, seguem para os sambas e cateretês ruidosos, os solteiros, famanazes no desafio, sobraçando os machetes, que vibram no *choradinho* ou *baião*. (...) *Despontam o dia* com uns largos traços de aguardente, a teimosa. E rompem estridulamente os sapateados vivos. Um cabra destalado ralha na viola. Serenam, em vagarosos meneios, as caboclas bonitas. Revoluteia, "brabo e corado", o sertanejo moço. Nos intervalos travam-se os desafios. Enterreiram-se, adversários, dois cantores rudes. As rimas saltam e casam-se em quadras muita vez belíssimas

Nota do autor: *Famanaz no desafio* – grande repentista. *Choradinho e baião* – danças vulgares no Norte. *Despontar o dia* – o primeiro gole de qualquer bebida no começo da função. *Destalado, brabo e corado, bala e onça, destabocado* e outros – são termos comuns, significando todo indivíduo forte, hábil, etc. *Serenar na dança* – dançar muito vagarosamente, sem fazer barulho com os pés. *Ralhar na viola* – tocar ruidosamente com habilidade. A denominação *teimosa*, dada à cachaça, é de uma filosofia adorável. Nada diz melhor a atração que ela exerce sobre aqueles valentes e o desejo nunca realizado que eles têm, de evitá-la.¹⁵⁸

A simpatia pelo exotismo dos folguedos sertanejos não dissimula, porém, a avaliação que lhes destituía do presente, para arremessar-lhes ao passado. Tidas como primitivas, as tradições desse canto desolado do Brasil conservar-se-iam, em vastos lapsos temporais, à margem da civilização, desconhecendo o movimento e experimentando, apenas, um eterno ontem. Quando atravessara a capital baiana, antes mesmo de embrenhar-se pelo sertão de Canudos, surpreendera-se com a persistência de um passado que não se intimidava com o presente e o acelerar do futuro. A correspondência de 20 de agosto a *O estado* é bastante sugestiva:

Percorro – desconhecido e só – como um grego antigo as ruas de Bizâncio e as velhas ruas desta grande capital, num indagar persistente acerca de suas belas tradições e observando sua feição interessante de cidade velha chegando, intacta quase, do passado a estes dias agitados. (...) Que transição enorme em cinco

¹⁵⁸ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 226-228.

minutos apenas, nesse passar insensível e rápido, ao descer uma escada, de um presente agitado e ruidoso à penumbra silenciosa do passado indefinido...¹⁵⁹

Igualmente, na caderneta de campo, o argumento da inépcia para o progresso se delineava e sobressaía na abordagem dos assuntos religiosos. Para Euclides, sombreados pela falta de ilustração, os sertanejos careciam de nitidez para compreender os episódios. As profecias achadas em folhas no arraial e cercanias não eram tratadas, em um horizonte de possibilidades, como mais uma interpretação ou apreensão da realidade, mas como seu falseamento. Um bilhete com predições do futuro, assinado de Belo Monte, aos 24 de janeiro de 1890, atava-se à “superstição”, à “imaginação viva – reflexão estreita”, ao “terror religioso”, aspectos arrolados no sumário *O homem*, das páginas precedentes do canhenho. Transcrito no material de bolso, este vaticínio soava como um delírio coletivo:

Em 1894 há de vir rebanhos de mil correndo do centro da Praia para o certão então o certão virará Praia e a Praia virará certão. Em 1895 os homens dos seus barções abrirão as portas e assentar-se-ão em cima de seus barções e não há de vender cinco réis de fazenda. Em 1896 há de haver guerra Nação com a mesma Nação, o sangue há de correr na terra. Em 1897 haverá muito pasto e pouco rasto e um só Pastor e um só rebanho. Em 1898 haverá m chapéus e poucas cabeças. Em 1899 converter-se as águas em sangue o planeta há de aparecer no nascente com o raio do Sol q o ramo se confrontará com a terra e a terra em algum lugar se confrontará com o Ceo, ajuntará-se astronámos da terra se ajuntará com os mares; planetas do Céu há de brigarem com os astronámos da terra. Há de chover uma grande chuva de estrelas; cairá muitos meteoros na terra que daí será o fim do mundo¹⁶⁰.

Desse trecho, reeditado n’*Os sertões* com algumas variantes¹⁶¹, suprimiu-se o ano de 1896, do qual se dizia que “há de haver guerra Nação com a mesma Nação, o sangue há de correr na terra”. Talvez não seja exatamente fortuita essa obliteração, uma vez que em 1896 enviou-se a primeira expedição militar designada para sufocar Canudos e qualquer “acerto” dos profetas do agreste poderia comprometer o “extravagar adoidado” imputado a suas falas. Parecia estar em jogo para Euclides uma radical desavença e um escalonamento entre fato e representação, sendo o primeiro pertencente ao domínio da verdade e, o segundo, do equívoco, da deturpação, espaço por excelência das narrativas sertanejas.

¹⁵⁹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 111-112.

¹⁶⁰ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 75.

¹⁶¹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 277.

Assim, a amenidade com que lidava com o ouvir contar das danças, cantigas e festas se esvaía quando a tradição oral girava em torno da religiosidade. O benfazejo habitante do sertão, humilde, forte e original, tornava-se, em suas práticas religiosas, um desvairado, que confundia o real com suas “lendas arrepiadoras”¹⁶². Essa ondulação apreendida na caderneta avigorou-se na obra de 1902, como mais adiante será analisado.

Além da gradativa tessitura do “outro” sertanejo, resultado da experiência *in loco*, e da sincronia que o olhar etnográfico conseguia captar, Euclides registrara, neste seu caderno de bolso, uma dimensão diacrônica, para volver aos tempos pretéritos das terras ignotas e destrinchar a sucessão dos acontecimentos, desde a gênese étnica à vinda dos portugueses e aos primórdios da ocupação da Bahia.

As cronologias das páginas 40 a 47 e 91, presumivelmente devidas ao livro de Durval Vieira de Aguiar, cujo nome está consignado no emaranhado de datas e lances, refazem o itinerário da colonização no interior do Brasil, as raízes missionárias, as pregações de jesuítas e capuchinhos e o maior peso do elemento indígena. A propósito, topa-se, entre elas, com uma explanação que alicerça o dissecar da nacionalidade executado por Euclides da Cunha:

A cana-de-açúcar prendeu logo no princípio o negro ao litoral, mais resistente para o trabalho – e estando proibida pela metrópole a exploração do indígena. O litoral povoava-se, formavam-se fazendas; desdobrava-se o trabalho estéril do negro. Os latifúndios enfeudaram a pequena cultura desde os tempos coloniais. E a cultura extensiva avançava. Assim mesmo pouco penetrou o interior, foi até aonde as dificuldades de transporte não onerassem. Daí por diante surgiram as fazendas criação – o, esforço do caboclo, único apto para tais funções. O sertão foi de algum modo abandonado¹⁶³.

No labirinto da caderneta, Euclides também invocou Vieira de Aguiar, em *Descrições práticas da província da Bahia* (1888), na metade das páginas 14 a 16, a fim de tomar emprestados os antecedentes das andanças de Conselheiro e a sua imagem como fanático com o ardil de arrebatrar as massas. Esse texto cedeu elementos, reputados como oriundos de “testemunho valioso”, para a caracterização do líder religioso n’*Os sertões*¹⁶⁴.

¹⁶²Ao referir-se à religiosidade sertaneja, Euclides lançou mão, n’*Os sertões*, de uma série de termos depreciativos. A expressão “lendas arrepiadoras”, por exemplo, visualiza-se em: Id. *Ibid.*, p. 288; 270.

¹⁶³CUNHA, Euclides da. *Op. cit.*, 1975, p. 42.

¹⁶⁴CUNHA, Euclides da. *Op. cit.*, 2001, p. 279.

De acordo com o comentário de Olímpio de Souza Andrade à publicação desta fonte, as páginas acima indicadas foram redigidas em Salvador, enquanto esperava sua ida para o arraial. Bastante plausível, esta hipótese pode ser apoiada, primeiro, porque, dificilmente, Euclides teria guardado de cor o manancial de informações nelas contidas, caso estivesse em pleno sertão, com o acesso restrito ou nulo a arquivos. Em segundo lugar, as correspondências a *O Estado de S. Paulo*, de 21 e 23 de agosto, coincidem com os temas elencados no caderno de bolso.

Em carta anterior declarei que aqui atravessava os dias aguardando próxima partida para o sertão, sob o domínio de impressões vivíssimas e diversas, num investigar constante acerca do nosso passado, vindo, intacto, quase aos nossos dias, dentro desta cidade tradicional, como numa redoma imensa. (...) A poeira do arquivo de que muita gente fala sem nunca a ter visto ou sentido, surgindo tenuíssima de páginas que se esfrelam ainda quando delicadamente folheadas, esta poeira clássica – adjetivamos com firmeza – que cai sobre tenazes investigadores ao investirem contra as longas veredas do passado, levanto-a diariamente. E não tem sido improfícuo o esforço¹⁶⁵.

Há quinze anos, em 1882, o tenente-coronel Durval Vieira Aguiar foi incumbido pelo governo provincial da inspeção de todos os destacamentos policiais da Bahia. Enérgico e resoluto o digno funcionário atravessou de extremo a extremo as paragens perigosas do sertão, revelando-se observador perspicaz e inteligentíssimo. E fez um livro no qual se condensam dados estatísticos valiosos sobre as povoações visitadas e interessantes notas acerca da existência primitiva das mais afastadas povoações – emoldurados por um estilo fluente e claro¹⁶⁶.

Outras leituras a guiarem o autor neste enalço ao passado estão nas páginas 146 a 149, nas quais discorreu sobre a autoctonia da “raça americana”, a penetração no território pelos bandeirantes, a ação do maravilhoso na religiosidade local e o advento do banditismo¹⁶⁷. Esses parágrafos ensaiados, por vezes incompletos e com erros que, apesar da pressa, não costumam abundar no canhenho, proveram ideias essenciais para a costura histórica dos sertões. Esta sequência, no entanto, não exteriorizou suas fontes, com exceção às da página 146. Nela, no tocante à antiguidade do *homo americanus*, Euclides intrincava, substancialmente, o tipo étnico do Novo Mundo aos indígenas,

¹⁶⁵ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p 117.

¹⁶⁶ Id. Ibid., p. 120.

¹⁶⁷ As passagens da página 146 e 147 da caderneta sobre as entradas ao Tietê e São Francisco e sobre os famosos personagens destas explorações foram reformuladas no subtítulo *Variabilidade do meio físico e sua reflexão na história*, do primeiro capítulo de *O homem*. As notas da página 148 acerca do lançar-se na criminalidade, ou do “banditismo incipiente” e dos “velhos erros das raças” que criaram “o misto extravagante e sem originalidade de uma religião sujeita ao fatalismo bíblico da providência divina” alimentaram as subseções *Religião mestiça; seus fatores históricos* e *Caráter variável da religiosidade sertaneja...* Cf.: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 171, 174, 237, 238, 249.

desligando-o de outros centros de irradiação, como a Ásia Central ou a África, valendo-se das escavações do naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund, em Lagoa Santa, Minas Gerais. Amparava, pois, sua convicção acerca da ancestralidade das populações americanas com um precursor da paleontologia no Brasil e arrematava com Capistrano de Abreu, imputando a este uma associação entre os botocudos e o homem de Lagoa Santa. Esses apontamentos, posicionados ao final da caderneta, estreiam o capítulo I, na subseção *Complexidade do problema etnológico no Brasil*, da segunda parte d'*Os sertões*, com elogios à empreitada científica de Lund, mas omitindo o arrazoado de Capistrano¹⁶⁸.

Esses excertos permitem perceber um Euclides que retirava da literatura científica e histórica à época, bem como das crônicas, anteparos a sua visão. Contra as “miragens” divulgadas pelos narradores do sertão, acautelava-se com o municiamento de intelectuais. Assim, procurava o respaldo e a autoridade de estudiosos, com o auxílio de documentos, preferencialmente, elaborados por quem “esteve lá” e pesquisou *in situ*, para tracejar as origens daquelas paragens, na medida em que considerava os concatenamentos da memória dos sertanejos frouxos e ilusórios. Para Euclides, recorria-se às narrativas locais, amiúde embebidas de fantasias, mais para historiar o presente, do que descobrir o passado.

Para prosseguir o desvendamento da caderneta, resta apurar a maneira como a questão do conflito foi aventada. Ao traçado, um tanto objetivo, um tanto poético, da natureza, dos hábitos e da história dos lugarejos agrestes por onde passava, o autor-viajante acrescia o conteúdo da guerra. Desde Salvador, comentava sobre o número de canudenses e soldados feridos, a tática de ambos os lados, a expectativa da população quanto aos destinos do embate, conversas com oficiais, além de seus receios entremeados a vivas à República.

Em primeiro plano, verifica-se a ênfase aos riscos aos quais, como observador, estava exposto, entre estampidos de tiros, animais ferozes, água e alimentos insalubres e estradas acidentadas. Euclides delongava-se neste parêntese, de maneira que, ao lançar no papel os avanços da campanha, no mesmo ato, arrogava para si o préstimo de testemunha cujo arrojo garantia a fidelidade dos fatos e a ligeireza de sua transmissão.

Um exemplo de declaração de sua atitude temerária está, no desalinho da caderneta, na página 29, a qual trazia uma fração do que seria a última correspondência

¹⁶⁸ Id. *Ibid.*, p. 151-152.

para *O Estado de S. Paulo*, datada de 1º de outubro, poucos dias antes da queda fatal de Canudos:

(...) com imensa surpresa, ouvi, sobre a cabeça, o sibilar incômodo das balas! Tudo é incompreensível nesta campanha: a batalha continuava, mais tenaz e mortífera, se é possível. Abeirei-me de uma trincheira e fantasiando uma calma que não podia ter, observei em torno. (...) Tinham sido arremessadas três bombas de dinamite sobre os jagunços. Senti o solo estremecer numa vibração rápida e forte de terremoto. Mais violenta, mais forte, mais mortífera, se é possível prosseguia a batalha. Voltei para o meu posto de observação, cautelosamente, procurando desenfiar-me das balas com uma maestria natural...¹⁶⁹

Como essa, muitas cenas do conflito foram retocadas, para serem expedidas ao jornal, talvez porque interessassem, mais imediatamente, ao público leitor. Ao polir suas notas em reportagens, manteve e acentuou a noção de registro circunstanciado e regular, a que nada escapava. Neste sentido, a retórica euclidiana reiterava a sua presença certa e a presteza de seus comunicados, que captavam o desenrolar dos eventos num átimo. Em 12 e 23 de agosto redigira: “acabo de assistir (...) e não posso nessas notas ligeiras, esboçar um quadro indefinível”¹⁷⁰, e “fui assaltado por uma notícia absolutamente inesperada”¹⁷¹.

Nas missivas a *O Estado*, Euclides esclarecia que essa agilidade derivava não só de suas aptidões, mas também de uma imposição da conjuntura. Acossado pelos reveses da empreitada, por “barreiras impenetráveis”¹⁷², por uma “flora agressiva”¹⁷³, o observador tinha nos sertões um “laboratório infernal”¹⁷⁴ que lhe exigia grande empenho. A insistência nos perigos a que estava submetido e na singularidade dos eventos e do próprio sertão pretendia valorizar aquele modo de escrita e, concomitantemente, arredar as críticas que alegava ser oriundas de gabinetes. Para ele, mais genuína seria, portanto, a sabedoria obtida pelos próprios sentidos, em detrimento da impressão de alguém afastado do campo de visão, suscetível a fraudes e deslizes, conforme se lê na correspondência de 13 de agosto:

Aguardando ainda, aqui, a próxima partida para os sertões, e sob a sugestão perene dos quadros que tenho exposto, mal releio as linhas que escrevo, longe da tranquilidade de um gabinete de estudo e da inspiração serena dos livros

¹⁶⁹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 29.

¹⁷⁰ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 76.

¹⁷¹ Id. Ibid., p. 131.

¹⁷² Id. Ibid., p. 144.

¹⁷³ Id. Ibid., p. 137.

¹⁷⁴ Id. Ibid., p. 143.

prediletos. É possível que das notas rápidas de um diário, em que os períodos não se alinham corretos, disciplinados e calmamente meditados, ressumbrem exageros; é possível mesmo que eu os releia mais tarde com surpresa. Mas nessa ocasião estarei como os que agora as leem – fora do círculo hipnótico de um entusiasmo sincero e não terei, como agora tenho, diante de mim a visão deslumbrante de uma pátria regenerada.¹⁷⁵

Para Euclides, apenas quem pudesse vivenciar os queixumes do horror, os ferimentos abertos, os ruídos dos bombardeios e a “orquestra satânica” poderia compreender a complexidade do drama das tropas e também do arraial. Na página 31 da caderneta, ainda na continuação das palavras que aprimoraria para endereçar em 1º de outubro para São Paulo, gravara que nem Dante seria capaz de retratar um panorama tão assombroso:

Quando, à 1 hora da tarde, da porta da Farmácia contemplei o quadro comovedor e extraordinário achei pequeno o gênio sombrio e formidável de Dante. Porque há uma coisa que ele não soube pintar e que eu vi naquela sanga estreitíssima, abafada e ardente, mais lúgubre que o mais lúgubre vale do *Inferno*: a blasfêmia orvalhada de lágrimas, rugindo nas bocas simultaneamente com os gemidos de dor e os soluços extremos da morte...¹⁷⁶

Para experienciar, entretanto, não bastava ver, era preciso ouvir, diretamente, aqueles que também tinham visto. Além de coletar as narrativas locais em suas andanças e sondar os moradores mais velhos, “procurando tirar uma média das opiniões que aqui circulam”, como reportou, em Salvador, nas correspondências de 10 e 16 de agosto¹⁷⁷, Euclides participou de alguns interrogatórios a soldados e sertanejos feitos prisioneiros. Nesses casos, há uma flagrante hierarquia e uma distância ainda maior entre aquele que relata e o que escuta. Se, nas prosas e no capturar instantâneo de palavras e sons, as informações chegariam, em potencial, com relativa espontaneidade, nas inquirições, por sua vez, o procedimento era diverso, pois os depoentes seriam constrangidos a falar. No interrogatório, a interação entre o sujeito que responde e o que demanda não é voluntária, o que altera, radicalmente, a maneira como o primeiro

¹⁷⁵ Id. Ibid., p. 92- 93.

¹⁷⁶ Na redação definitiva, enviada a *O estado de S. Paulo*, alguma dose de modéstia o acometeu, de sorte que a alterar alguns detalhes: “Quando à uma hora da tarde contemplei o quadro emocionante e extraordinário, compreendi o gênio sombrio e prodigioso de Dante. Porque há uma coisa que só ele soube definir e que eu vi naquela sanga estreitíssima, abafada e ardente, mais lúgubre que o mais lúgubre vale do *Inferno*: a blasfêmia orvalhada de lágrimas, rugindo nas bocas simultaneamente com os gemidos de dor e os soluços extremos da morte.” Cf.: Id. Ibid., p. 216-217.

¹⁷⁷ Id. Ibid., p. 68, 97.

transmite o vivido em linguagem, bem como a seleção e a organização dos eventos, interferindo, em suma, no fluxo da constituição de sentido.

Assim, gozando de posição privilegiada, Euclides, junto a outros militares, indagou o menino Agostinho, em 19 de agosto, conforme sua correspondência a *O Estado*, embora não haja vestígio deste episódio em sua caderneta. Ao jornal, deu ciência de que o jagunço adolescente entregava chaves importantes para decifrar a sociabilidade do arraial, com descrições de João Abade, o braço direito de Conselheiro, o comerciante Vila-Nova, Pedrão, Pajeú, Manuel Quadrado, o curandeiro de Canudos, José Félix, o guarda das igrejas, Macambirra e seu filho e, claro, o próprio Antônio Mendes Maciel. Ademais, esclarecia a dinâmica local, abordando os poucos trabalhos agrícolas devido à precariedade vigente, a proibição da “caninha”, a obtenção de armamento, os laços com o vigário do vilarejo de Cumbe e a atmosfera religiosa. Sobre este último aspecto, leia-se o extrato:

Terminamos o longo interrogatório inquirindo acerca dos milagres do Conselheiro. Não os conhece, não os viu nunca, nunca ouviu dizer que ele fazia milagres. E ao replicar um dos circunstantes que aquele declarava que o jagunço morto em combate ressuscitaria – negou ainda.

- Mas o que promete afinal ele aos que morrem?

A resposta foi absolutamente inesperada:

- Salvar a alma.

Essas revelações feitas diante de muitas testemunhas têm para mim um valor inestimável; não mentem, não sofismam e não iludem, naquela idade, as almas ingênuas dos rudes filhos do sertão¹⁷⁸.

Conquanto tenha tomado os dizeres de Agostinho como legítimos, sobretudo pela inocência e pela franqueza infantil, a versão que rechaçava o rodear de milagres do Conselheiro não foi aceita, pois transbordam, no livro de 1902, afirmações de que muitos peregrinos cruzavam os sertões em busca do toque do taumaturgo, famoso por aquelas bandas¹⁷⁹. Se essa parte do depoimento foi relegada, outros dados, como o interdito à cachaça, as marcas distintivas das figuras do arraial e o uso de certos tipos de munição foram apropriados, sem, sequer, uma remissão ao informante¹⁸⁰.

Nas páginas 54 e 55 da caderneta, Euclides fez uma discreta menção a outro interrogatório, agora de um homem e de um “jaguncinho quase inanido vindo de Cocorobó”, nos parágrafos atinentes aos dias 18 e 21, provavelmente do mês de

¹⁷⁸ Id. *Ibid.*, p. 110-111.

¹⁷⁹ Sobre histórias envolvendo os milagres que se contavam e atribuíam a Conselheiro, inclusive no poder de cura de seu toque, cf.: CUNHA, Euclides da. *Op. cit.*, 2001, p. 273, 301, 405, 435.

¹⁸⁰ Id. *Ibid.*, p. 303, 312-314.

setembro, já que se seguem à nota sobre sua chegada a Canudos, no dia 16. No entanto, nem nas missivas à publicação paulista, nem n' *Os sertões*, Euclides voltou a referir-se a este fato.

A inquirição, entre os dias 24 e 26 de setembro, de mulheres detidas, discutida mais acima acerca do escrutínio da oralidade, almejava a pressioná-las ao máximo a precisar a condição bélica do arraial. Por isso, consultavam: “- Conselheiro tem recebido auxílio estranho, munição, armas?”, ao que recebiam: “- E eu sei? Não vi nada, mas porém aí não manca arma prá brigar”¹⁸¹. A passagem sobre estas aprisionadas integra três itens do *corpus* documental de Euclides da Cunha: a caderneta, com uma meticulosa transcrição das falas nas páginas 64 e 65; as correspondências a *O Estado*, de maneira mais compacta; e o livro de 1902, em breves linhas, nas subseções dos capítulos I e II, de *Últimos dias*, de *A Luta*¹⁸².

Mais uma situação que merece realce: n' *Os sertões*, Euclides aludiu a uma criança, apresentada grotescamente, que também teria sido interrogada por ele e pelos demais militares:

Postas na saleta térrea de casebre comprimido, junto ao largo, as infelizes, rodeadas pelos grupos insistentes, foram vítimas de perguntas intermináveis. Estas deslocaram-se por fim às crianças. Procurava-se a sinceridade na ingenuidade infantil.

Uma delas, porém, menor de nove anos, figurinha entroncada de atleta em embrião, face acobreada e olhos escuríssimos e vivos, surpreendeu-os pelo desgarre e ardileza precoce. Respondia entre baforadas fartas de fumo de um cigarro, que sugava com a bonomia satisfeita de velho viciado. E as informações caíam, a fio, quase todas falsas, denunciando astúcias de tratante consumado. Os inquiridores registravam-nas religiosamente. Falava uma criança. Num dado momento, porém, ao entrar um soldado sobraçando a Comblain, a criança interrompeu a algaravia. Observou, convicto, entre o espanto geral, que a *comblé* não prestava. Era uma arma à toa, "xixilada": fazia um *zoadão danado*, mas não tinha força. Tomou-a: manejou-a com perícia de soldado pronto; e confessou, ao cabo, que preferia a *manulixe*, um *clavinote* de *talento*. Deram-lhe, então, uma *mannlicher*. Desarticulou-lhe agilmente os fechos, como se fosse aquilo um brinco infantil predileto. Perguntaram-lhe se havia atirado com ela, em Canudos. Teve um sorriso de superioridade adorável: “- E por que não! Pois se havia *tribuzana* velha!... Haverá de levar pancada, como boi acuado, e ficar *quarando* à-toa, quando a *cabrada fechava o samba desautorizando as praças?!*”

Aquela criança era, certo, um aleijão estupendo. Mas um ensinamento. Repontava, bandido feito, à tona da luta, tendo sobre os ombros pequeninos um

¹⁸¹ CUNHA, Euclides da. 1975, Loc. cit.

¹⁸² CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 732.

legado formidável de erros. Nove anos de vida em que se adensavam três séculos de barbaria¹⁸³.

Neste trecho, a feição do garoto comparada a de um ancião serve, simultaneamente, para pintar o definhamento dos sertanejos, caducos desde a infância, e alijar a aura de ingenuidade do depoente. Se, para Euclides, as crianças não mentiam, a maneira de desacreditar esse relato era envelhecer seu emissor e impregná-lo da malícia que só vinha com a idade. Tudo o que saía da boca desse bárbaro e velho aos nove anos soava como mentira, não obstante a tenacidade das perguntas e esperteza dos inquiridores.

Percebe-se que o disparatar deste menino não consta na caderneta de campo, nem nas missivas a *O Estado*. Todavia, essa ausência contém algumas nuances. No canhenho, não há transcrição de fala similar, mas, nas páginas 24, 36 e 37, misturam-se às frases precedidas por travessões as expressões regionais “zoadão”, “tribusana velha”, “cavalo acuado”, “fechou o samba”, “rapaz de talento”, “quarando”. Assim, ou elas foram proferidas pela criança, ou ouvidas em diálogos em outra circunstância e reaproveitadas n’*Os sertões*.

Como não se rastreou nenhuma referência a esta cena nas correspondências ao jornal, um juízo precipitado poderia transitar entre negar seu acontecimento ou acusar o extravio das mensagens para a redação em São Paulo. Estas hipóteses frustram-se, uma vez que, pela localização na caderneta e na obra de 1902, o episódio ocorreu entre os dias 03 e 04 de setembro, datas nas quais Euclides se reportou, de Queimadas, a *O Estado*, o que, logicamente, descarta o seu desencaminhamento. Esta estimativa temporal pode ser realizada, pois, continuando a listagem das locuções sertanejas empregadas na fala do menino, Euclides anotou “uma criança sem face – um soldado carregando uma criança”, momento contado na missiva de 03 de setembro. Ademais, n’*Os sertões*, o depoimento em questão foi justamente antecedido pela subseção em que transparece seu espanto ao ver que em um pequeno sertanejo “a boca era uma chaga aberta de lado a lado por um tiro!”¹⁸⁴.

Por último, corrobora não apenas a data, como também a própria existência da inquirição, a matéria de Lélis Piedade, no *Jornal de Notícias* da Bahia, a 03 de setembro. O secretário do Comitê Patriótico da Bahia, que viajara a Canudos para

¹⁸³ Id. Ibid., 681-682.

¹⁸⁴ Id. Ibid., p. 680.

instalar uma enfermaria para acudir os golpeados no conflito¹⁸⁵, expôs sua conversa com a criança e, sobretudo, sua tentativa de descobrir algo sobre o Conselheiro. Abaixo, algumas palavras de Lélis:

As tais jagunças possuem um china um tal Joaquim, de cerca de 8 anos, de uma vivacidade admirável. Fala como um papagaio, na frase vulgar, e maneja uma arma quase com a facilidade de um homem (...). Interroguei-o:

(...)

- Mas, tu és capaz de dizer o que se passava em Canudos quando lá estavas?

- Pois não.

E começou uma enfiada de informações, interrompidas pelas mulheres, a algumas das quais (...) ele impôs silêncio.

E aqui fechei a rápida conferência, voltando-me para as crianças, que via deitadas no chão, cobertas de pó. Entre essas infelizes criaturinhas vi uma com um ferimento de bala, que atravessou-lhe o queixo e outra nas costas¹⁸⁶.

Atestada a concretização dessa sessão de perguntas ao menino Joaquim, paira, ainda, a dúvida sobre o motivo por que, omitida por Euclides nos registros *in loco*, recebeu grifo n'Os sertões, enquanto a indagação a Agostinho, presente na correspondência, não ganhou vulto na obra posterior. Ao reproduzir o que denominou “astúcias de tratante” e silenciar a indicação do informante que “não sofismava”, especula-se que o autor teria escolhido a voz do embuste, para representar aquilo que ouvira das gentes agrestes.

Dos interrogatórios, desprende-se o lugar social do autor-observador diante do “outro” sertanejo. Uma das dimensões da verticalidade desta relação e do hiato entre Euclides e os habitantes daqueles cantos desolados manifesta-se na investidura de autoridade para devassar o tecer de histórias e mensurá-las como verdadeiras ou não.

Ademais, o vínculo com os oficiais do Exército, que o forçava a encarar os canudenses como inimigos da República, acirrava a cisão entre o “eu”/“nós” e o “outro”. Esse intervalo pode ser demonstrado, por exemplo, com um trecho da caderneta, imediatamente depois do relato das mulheres prisioneiras, no qual Euclides escreveu: “a nossa gente muito próxima do antro impede a ação eficaz da artilharia”¹⁸⁷.

Esse local de fala de Euclides engendrava uma deferência aos militares envolvidos nas batalhas, sendo a imagem dos heroicos combatentes da pátria uma das

¹⁸⁵ Sobre a atuação de Lélis Piedade durante o conflito de Canudos, cf.: MONTEIRO, Vanessa Sattamini Varão. “Órfãos do ódio”. In: *Revista de História* (UFES), Rio de Janeiro, v. 01, p. 58-61, 2005; Id. Canudos: as crianças do sertão como butim de guerra. Dissertação de mestrado em História. Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, PUC-Rio, 2007.

¹⁸⁶ GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. cit., 1994, p. 343-344.

¹⁸⁷ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 65.

mais corriqueiras na caderneta. Em geral, eles tiveram suas virtudes exaltadas, foram chamados de altivos, entusiastas, disciplinados e suas ações, apresentadas com advérbios como “cavalheirescamente”, “tenazmente”, a fim de ratificar seus compromissos republicanos¹⁸⁸.

Assim, as notícias e impressões veiculadas por militares, considerados fontes respeitáveis, eram reputadas como válidas e forneceriam pistas para ampliar o acesso aos meandros da guerra. No último parágrafo da página 54 da caderneta, Euclides consignou que no dia 19 (de setembro), começara a trasladar o diário de um dos ajudantes de ordem do general Artur Oscar, o alferes Praxedes. A transcrição, que no desarranjo do caderno se situa muitas folhas após, nas páginas 124 a 143, abrangia a rotina da refrega de 09 de junho a 18 de setembro de 1897. Dispostas às pressas por Euclides, diversas anotações não tiveram os meses especificados, devendo o leitor intuí-los pela série em que foram anunciados. Apesar desta falta, foram exaustivamente inscritas as atividades dos militares, o consumo de alimentos, as provisões de armas e os confrontos diretos com os sertanejos.

Repare-se que o lapso temporal abarcado pelo texto do alferes antecede a chegada de Euclides à Bahia, em 07 de agosto, e, depois, coincide com sua estada no arraial. É razoável inferir, portanto, que Euclides tenha procurado um relatório circunstanciado, cuja proveniência fosse, para ele, insuspeita, com o fito de inteirar-se dos fatos que não pôde presenciar e de suplementar sua observação. A confiabilidade desta fonte seria de tal proporção que Euclides recorreu a ela n' *Os sertões*, copiando os dias 19 a 25 de julho, na subseção *Notas de um Diário*, do capítulo V, da *Quarta expedição*, da parte *A Luta*¹⁸⁹.

Ainda para aclarar as marchas e recuos contra o arraial, os insucessos das expedições anteriores, bem como os estratagemas dos conselheiristas, Euclides vasculhou periódicos da época, sobretudo o *Jornal de Notícias* da Bahia, ao qual fez reiterados lembretes para sugerir uma releitura. Nas páginas 152, 153 e 158 da caderneta, verificam-se entradas com a data e a página deste jornal a serem consultadas,

¹⁸⁸ Podem ser, minimamente, citados, dentre tantos outros, os elogios à “ordem admirável em toda força” do destacamento ao dirigir-se de Monte Santo para Canudos; ao Coronel Sotero de Meneses, sobre o qual dizia que “inegavelmente será um dos melhores dos nossos generais futuros”; ao General Artur Oscar de Andrade, o comandante da quarta expedição, “cuja dedicação e valor pela primeira vez observo”; ao médico da unidade militar, o Dr. Cúrio ao tratar de um ferido, “operação em que não sei o que mais admirar se a perícia do Dr. Cúrio se a coragem sobre-humana do operado.” Id. Ibid., p. 52, 54, 56.

¹⁸⁹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 623-626.

para checar a veracidade de certos episódios e dissipar boatos. Na página 55, aludiu, sucintamente, que esteve, no dia 20 (de setembro), com Favila Nunes, da *Gazeta de Notícias*.

Embora os jornais tenham sido importantes para a composição do seu material *in loco* e tenham divulgado sua presença nos sertões baianos, Euclides manteve certo hermetismo a propósito da exteriorização do contato com outros enviados para proceder à cobertura da guerra de Canudos, como se ilustra com Lélis Piedade, que participara do interrogatório do menino Joaquim e escrevia para o *Jornal de Notícias* da Bahia, o mais frequente nas remissões do caderno, sobre o qual, entretanto, não se encontrou menção.

Na peleja canudense, que, segundo Walnice Nogueira, intensificou a praxe jornalística de deslocar pessoas para apurar o andamento de um evento, estiveram, por exemplo, além de Favila Nunes, correspondente da *Gazeta de Notícias*, Manuel Benício, do *Jornal do Comércio*, e Alfredo Silva, de *A Notícia*, os três publicações do Rio de Janeiro¹⁹⁰. Destes, apenas o primeiro foi nomeado na caderneta e o último, na missiva de 06 de setembro, em Monte Santo, por ter-se “ajagunçado”, graças à inclemência do sol naquelas paragens¹⁹¹.

Levantando-se seu caderno de bolso e as mensagens a *O Estado*, parece que Euclides não se reportou a Manuel Benício. No entanto, é permitido afirmar que leu *O Rei dos Jagunços*, escrito por Benício em 1899, e, provavelmente, dele extraiu uma circular de 1882 do arcebispo da Bahia e um ofício de 1886 do delegado de Itapicuru, fontes para recuperar os primórdios das andanças de Conselheiro, citados na subseção *Tentativas de reação legal*, do capítulo IV, de *O Homem*¹⁹².

Dentre aqueles incumbidos de expedir informações sobre o estado das batalhas em Canudos, o interlocutor mais evidente de Euclides era Siqueira de Meneses, que, além de militar de carreira, publicava para *O País*, do Rio de Janeiro, sob o pseudônimo de Hoche (por sinal, o sobrenome do general francês, Lazare Hoche, que comandara a repressão à revolta da Vendéia). Conforme outrora destacado, Siqueira de Meneses esteve em interrogatórios junto a Euclides e o acompanhou em pesquisas sobre o solo, a temperatura e pressão do arraial. Por conseguinte, Meneses o inspirava não apenas por

¹⁹⁰ GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. cit., 1994, p. 109-116.

¹⁹¹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 159.

¹⁹² Este raciocínio apoia-se em comentário de Leopoldo Bernucci à publicação d'*Os sertões*. Cf.: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 280-281, notas 142 e 143.

sua sede inexaurível de dados da natureza, mas também por sua inspeção cotidiana dos fatos da guerra¹⁹³.

À medida que se enredava nas movimentações do conflito, tanto através de relatórios militares e de jornais, quanto de sua própria visão, Euclides defrontava-se com uma estranha robustez e dignidade dos sertanejos na luta. Em meio à amabilidade do tratamento às tropas, reconhecia, porém, a bravura dos jagunços que não se deixavam render com facilidade. A maneira como suportavam a fadiga, a fome e o cerco dos militares abismava Euclides e certificava alguns itens identificados na caderneta, no sumário *O Homem*, como “resistência à dor”, “exemplos de delicadeza moral”, “a coragem pessoal”. Essa era mais uma oscilação na leitura sobre os sertanejos, que ora pendia para uma radical depreciação, ora para um deslumbramento. Na página 63, há anotações, provavelmente elaboradas entre 26 e 29 de setembro, poucos dias antes de sua saída de Canudos, embrionárias do alardear a força dos “guerreiros” locais, constatada n’*Os sertões*, por exemplo, no capítulo IV, da *Quarta expedição*, da parte *A Luta*:

Tem a mais sólida, a mais robusta têmpera, essa gente indomável. (...) Ainda não consegui lobrigar a mais breve sombra de desânimo em seus rostos, onde se refletem privações de toda a sorte, a miséria mais funda; não tremem; não se acobardam e não negam as crenças ensinadas pelo evangelizador fatal e sinistro que os arrastou a uma desgraça incalculável¹⁹⁴.

(...) Era um traço firme de altivez selvagem com que se arrojavam à luta os jagunços que, afinal, não tinham abastança tal que justificasse tais atos. Afeitos, porém, às parcimônias de frugalidade sem par, os rudes lidadores, que nas quadras benignas atravessavam o dia com três manelos de paçoca e um trago d’água, haviam refinado a abstinência disciplinadora, na guerra, ostentando uma capacidade de resistência incomparável. Os nossos soldados não a tinham. Não podiam tê-la¹⁹⁵.

A face dilacerada da criança, a horripilante magreza das mulheres, a brutalidade das mortes e a firmeza dos insurretos esmaeciam as certezas sobre a campanha e o fervor republicano se retorcia em enternecimento pelos sertanejos. Na página 32 da caderneta, bosquejou um pedaço da correspondência de 1º de outubro, que encerraria a contribuição em Canudos de um observador que começara convicto e terminava

¹⁹³ Algumas das correspondências de Siqueira de Meneses para *O País* podem ser lidas em: GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. cit., 1994, p. 457- 495.

¹⁹⁴ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 1975, p. 63.

¹⁹⁵ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 586.

trôpego, diante de uma guerra que computava a perda de cinco mil soldados e o massacre de dez a vinte e cinco mil sertanejos¹⁹⁶:

Felizes os que não presenciaram nunca um tal quadro. Quando eu voltei, percorrendo lentamente, sob os ardores da canícula, o vale tortuoso e longo que leva ao acampamento, senti a mesma mágoa indefinível, o mesmo desapontamento que deve sentir um nababo opulento expulso bruscamente dos salões dourados em que nasceu e obrigado a pedir uma esmola na praça pública. Quanto ideal ali deixei perdido, naquela sanga maldita e quanta aspiração lá ficou, morta, absolutamente extinta, compartilhando o mesmo destino dos que agonizavam cheios de poeira e sangue...¹⁹⁷

Na manhã de 03 de agosto, sua estada em campo foi interrompida, por ter sido acometido por febre, compelindo sua retirada, poucos dias antes do extermínio decisivo do arraial. Não assistiu, pois, ao seu incêndio, ao morticínio dos últimos prisioneiros, ao achado dos manuscritos de Conselheiro, à exumação de seu cadáver e ao exame de seu crânio, operado por Nina Rodrigues, na presença do médico da expedição militar, Miranda Cúrio¹⁹⁸.

De acordo com trechos do *In Memoriam de 1919*, ao retornar para São Paulo, Euclides carregava na bagagem um cinto de couro, uma caixa para tabaco de chifre de boi e uma faca, utensílios de um pitoresco recanto do Brasil. É sabido ainda que ganhara um jaguncinho, de nome Ludgero, a que se referiu no dia 22 de setembro, na página 55 da caderneta, expressando apreensão quanto ao seu estado de saúde e sobre o qual informou a *Gazeta de Notícias*, em 22 de outubro de 1987¹⁹⁹.

A vinda de Ludgero, das profundezas agrestes para o convívio urbano, conotava um experimento que ambicionava testar a capacidade de regeneração de uma gente supostamente detentora de uma inteligência embrionária, que, mediante a educação, poderia ser alavancada a índices civilizacionais mais elevados. Confiar Ludgero ao educador paulista Gabriel Prestes²⁰⁰ simbolizava pontilhar sua sorte de modo diverso à

¹⁹⁶ Estimativa em: VENTURA, Roberto. Op. cit., 2003, p. 175.

¹⁹⁷ Para comparar com a redação final da correspondência, publicada apenas em 25 de outubro em *O Estado*, cf.: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 218.

¹⁹⁸ Sobre a avaliação do cérebro de Conselheiro, ver nota do *Diário de Notícias* da Bahia, de 27 de outubro de 1897, transcrita em: GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. cit., 1994, p. 107.

¹⁹⁹ CALASANS, José. “O jaguncinho de Euclides”, 1970. Disponível em: <http://josecalasans.com/downloads/artigos/20.pdf>

²⁰⁰ Ludgero foi recebido por Euclides de um general, em Canudos. Em São Paulo, permaneceu alguns dias com Júlio Mesquita, diretor de *O Estado de S. Paulo*, para, depois, ser entregue a Gabriel Prestes. Anos mais tarde, em 07 de outubro de 1908, Euclides, em resposta a epístola de Ludgero, escreveu: “Recebi a tua prezada carta de 3 do corrente; li-a com surpresa indescritível, verdadeiramente encantado; e não poderei traduzir-te a comoção ao ver aparecer-me quase homem – e homem na mais digna

daquela criança desfigurada, ou de Joaquim, entregue prematuramente aos vícios da ignorância, e, ainda, concretizar o que deveria ser a missão da campanha: arrancar aqueles patrícios do passado e incluí-los no presente, para, um dia, pertencerem ao futuro²⁰¹.

Então, Euclides trazia do sertão não apenas objetos e uma criança, mas uma experiência, atravessada por uma porção de desalento. O poema *Página vazia*, datado de 14 outubro de 1897, na Bahia, condensa, talvez como nenhum outro registro de sua autoria, a comoção por haver presenciado o combate em Canudos.

Quem volta da região assustadora
De onde eu venho, revendo inda na mente
Muitas cenas do drama comovente
Da guerra despiedada e aterradora
Certo não pode ter uma sonora
Estrofe, ou canto ou ditirambo ardente
(...)
Que quem mais tarde nesta folha lesse
Perguntaria: “Que autor é esse
De uns versos tão mal feitos e tão tristes?”²⁰²

Esse fragmento de soneto evoca o terror a reverberar-se em espanto silenciador e anuncia uma tônica desiludida, que contrasta com a dureza das palavras do artigo *A nossa Vendéia*, ou do apregoamento da queda do “arraial maldito”²⁰³. É o prelúdio da comiseração de Euclides, isto é, de uma virada na mirada de Canudos e de sua gente, possível apenas para quem conheceu a “região assustadora” e dela não conseguia se olvidar. Contudo, se os versos tendiam a se calar, a experiência *in loco* teria alimentado

significação da palavra – o pobre jaguncinho que me apareceu pela primeira vez há onze anos no final de uma batalha. (...) P.S – Moro na rua Humaitá, e não preciso dizer-te que ali tens, francamente aberta, uma casa, tão hospitaleira quanto a minha rude barraca de Canudos”. Cf.: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 380-381. Sobre o destino de Ludgero, que se tornou professor, cf.: MONTEIRO, Vanessa Sattamini Varão. “O jaguncinho que virou professor”. In: Crianças do sertão: a história de vida dos jaguncinhos da guerra de Canudos. Tese de doutorado em História. Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, PUC-Rio, 2011. p. 48-75.

²⁰¹ N’*Os sertões*, Euclides apresentou o projeto pedagógico e civilizacional que a campanha ao arraial deveria ter propagado: “Decididamente era indispensável que a campanha de Canudos tivesse um objetivo superior à função estúpida e bem pouco gloriosa de destruir um povoado dos sertões. Havia um inimigo mais sério a combater, em guerra mais demorada e digna. Toda aquela campanha seria um crime inútil e bárbaro, se não se aproveitassem os caminhos abertos à artilharia para uma propaganda tenaz, contínua e persistente, visando trazer para o nosso tempo e incorporar à nossa existência aqueles rudes compatriotas retardatários”. CUNHA, Euclides da. Op. cit., p. 682.

²⁰² CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2009, p. 276-277.

²⁰³ Em mais de uma oportunidade, Euclides chama Canudos de arraial maldito. Cf: Carta a Porchat – Bahia, 20 de agosto de 1897. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 108; CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 283.

a ideia de um ensaio por vir, longo e vingador, no qual ansiava por advogar, no “tribunal da História”²⁰⁴, em favor “dos pobres sertanejos assassinados por uma sociedade pulha, covarde e sanguinária”²⁰⁵.

Se o ensejo para escrever sua obra mestra veio da viagem ao arraial e de sua estada em campo, depois da reflexão sobre o fixar das notas em sua travessia, falta, agora, analisar como o autor construiu sua presença e assegurou a legitimidade do seu relato, uma crucial matéria-prima para *Os sertões*. Ao asseverar a primazia do contato e da visão direta, Euclides dialogava com uma perspectiva historiográfica que acenava para a ampliação da operação histórica mediante o exercício de um olhar etnográfico.

Sobre o olhar, o testemunho e a experiência nos sertões baianos

O senhor enche uma caderneta... O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?

João Guimarães Rosa

Em letras miúdas, ora a lápis, ora a caneta, os apontamentos despejados em seus canhenhos para salvaguardar os pormenores dos lampejos dos olhos e de uma memória fugidia, convertidos, depois, em correspondências para *O Estado de S. Paulo*, desvelam a construção de um observador que mobilizava estratégias para delinear-se como um mestre da verdade.

As folhas da caderneta e as missivas ao jornal estão repletas de afirmativas de Euclides concernentes à correção do desenho dos episódios. Por mais absurdas que soassem determinadas informações, defendia que a veracidade de suas palavras não poderia ser desacreditada, porque estava assentada na observação imediata, no duplo sentido de atenta ao mínimo instante e liberta de intermediários. Por isso, reiterava obstinadamente: “não exagero”, “eu vi”, “observei de perto”, “eu percorri”, “eu inquiri”, como que para validar seu discurso, o qual, em correspondência de 16 de agosto, alegava estar baseado em “inteiro conhecimento de causa”²⁰⁶.

O recurso de insistir em seu olhar milimétrico, fiel em demasia aos acontecimentos, saltou dos registros *in loco* para *Os sertões*. Abaixo, elegendo a primeira pessoa, a qual divide com a terceira, ao longo de todo o livro, uma ondulante

²⁰⁴ “Carta a Escobar – Lorena, 25 de dezembro de 1901.” In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) Op. cit., 1997, p. 128.

²⁰⁵ “Carta a Escobar – Lorena, 21 de abril de 1902.” Id. Ibid., p. 132-133.

²⁰⁶ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 99.

indefinição, Euclides circunscreveu sua presença no cenário sobre o qual iria abordar na sequência, frisando o seu empenho quase cirúrgico:

Sejamos simples copistas. Reproduzamos, intactas, todas as impressões, verdadeiras ou ilusórias, que tivemos quando, de repente, acompanhando a celeridade de uma marcha militar, demos de frente, numa volta do sertão, com aqueles desconhecidos singulares, que ali estão — abandonados — há três séculos²⁰⁷.

Aqui, Euclides embarcava em mais uma contradição, dentre as muitas que recheiam *Os sertões*. O extremado mimetismo dos episódios, na prática, poderia embaraçar seu projeto de busca da verdade, por não depurar as impressões e distinguir a realidade da aparência.

Mais tarde, na nota à segunda edição, de 1903, também publicada pela Laemmert e Companhia Editores, Euclides tentou aplanar o impasse e rebateu algumas imprecisões alardeadas. Fincar os pés nos sertões e firmar a vista severa na paisagem desafiadora eram, portanto, dois gestos que afiançavam a verossimilhança da narrativa e ampararam a resposta às críticas da recepção de sua obra mestra²⁰⁸.

Nesse investir, (...) obedeci ao rigor incoercível da verdade. Ninguém o negará. E se não temesse envidar-me em paralelo que não mereço, gravaria na primeira página a frase nobremente sincera de Tucídides, ao escrever a história da guerra do Peloponeso — porque eu também embora sem a mesma visão aquilina, escrevi “sem dar crédito às primeiras testemunhas que encontrei, nem às minhas próprias impressões, mas narrando apenas os acontecimentos de que fui espectador ou sobre os quais tive informações seguras.”²⁰⁹

Apesar de alguma reserva de humildade por parte de Euclides, Tucídides surge, neste excerto, como seu mentor do fazer histórico e justifica, aqui, o aporte de François Hartog, em especial no artigo *O olhar de Tucídides e a história “verdadeira”*. Neste texto, Hartog discute como o autor de *História da Guerra do Peloponeso* imbuía-se de

²⁰⁷ Subseção *Uma raça forte*, do capítulo II, de *O homem*. Cf.: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 205.

²⁰⁸ Após a publicação d’*Os sertões*, em dezembro de 1902, muitos jornais estamparam artigos e resenhas sobre o livro. Seu sucesso estrondoso incentivou a Laemmert & C. a publicar, em 1903, um volume com diversas críticas, dentre as quais as de José Veríssimo, Araripe Júnior, Coelho Neto, Moreira Guimarães. Em 2003, José Leonardo do Nascimento e Valentim Facioli reeditaram esse volume da Laemmert, acrescentando, ainda, texto de José de Campos Novaes e o discurso de Sílvio Romero, quando da recepção de Euclides da Cunha na ABL, em 1906. Para consultar as críticas à época, cf.: NASCIMENTO, José Leonardo; FACIOLI, Valentim. *Juízos críticos: os sertões e os olhares de sua época*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

²⁰⁹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 784.

uma vontade de romper com o paradigma de Heródoto, recusando a render-se à economia do prazer e ao arrebatamento da palavra, para consignar por escrito somente a verdade. Ao avocar para si este papel, Tucídides tencionava inaugurar uma história austera e autêntica, o que, por óbvio, desqualificava as anteriores.

Nesta pesquisa pelo verídico, a visão fundava-se como o recurso imprescindível para o conhecimento histórico, o que implicava, além do contato direto, a confirmação do que os outros diziam ter visto. Por este motivo, o saber histórico era um ato de autópsia, ou seja, de ver por si mesmo, e, no mesmo passo, esquadriñar se o que a visão alheia apreendeu se amoldava à realidade. Segundo a definição de Hartog, para a perspectiva tucidiana:

Saber historicamente é ter um conhecimento claro e distinto, é também *to saphes skopein*, “ver claro”, “descobrir em sua clareza”, ou, ainda, (...) “encontrar claramente,” “tornar evidente”. Saber historicamente é ver. Mas ver não é, de saída, saber. É ainda necessário o trabalho do historiador que é, para Tucídides, investigar a *akribeia*, não da simples exatidão, mas da conformidade com os fatos. (...) A “acribia” é o que deve, tanto quanto seja possível, transformar o ver em saber ou em “ver claro”, garantir a adequação entre a narrativa e o real²¹⁰.

A fim de ajustar a narrativa ao real, a busca, ou a investigação - para penetrar na acepção mais judicial do termo -, da verdade devia coligir, no caos da obscuridade ou das ilusões ópticas, os signos necessários e compará-los. Assim, o historiador agia como um juiz, que, em um mecanismo indiciário, ao reconstituir vestígios, testa-os, submete-os a questionamentos, nunca aceitando as primeiras camadas de um fato, para, ao cabo, estabelecer provas.

Na travessia dos tempos, o legado de Tucídides repercutiu na retórica euclidiana²¹¹. Preliminarmente, a proeminência da perseguição à verdade é um dos fios que amarra os textos de Euclides. Nas missivas a *O Estado*, como outrora salientado, e mesmo na caderneta, em muitas linhas que nem chegariam ao público, gravava um “a verdade é que”, cuja obtenção era atribuída ao seu acurado testemunho ocular, que não se deixava ludibriar pela mera aparência, nem se seduzir pelas fantasias. Embora profundas as agruras do sertão, Euclides dizia desvencilhar-se delas, “abeirando-se em

²¹⁰ HARTOG, François. “O olhar de Tucídides e a história ‘verdadeira’”. In: *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001, p. 80-81.

²¹¹ No artigo supracitado, Hartog avalia, também, a apropriação de Tucídides no século XIX. A precisão do olhar e o intento de relatar as coisas como de fato são teria convertido o “pai da história verdadeira” em figura tutelar da história analítica, metódica e positivista do Oitocentos. Cf. Id. *Ibid.*, p. 85-91.

trincheiras”, “desenfiando-se das balas”, em prol de uma observação o mais perto possível do ocorrido. As hostilidades da guerra e da natureza não lhe reprimiam, como redigiu em 10 de setembro, em Monte Santo, para o jornal paulista: “Nas longas investigações diariamente feitas pelos arredores, tenho estudado, com dificuldades embora, essa região ingrata”²¹².

Depois, em seu livro primordial, retornou a esta tópica, como examinado por Fernando Nicolazzi²¹³, o que acenava para o objetivo de incrustar sua obra no cenário letrado nacional, valorizando o percurso que desembocara em sua escrita. A comoção provocada pelos temores da empreitada e pelas provações com que tropeçava no caminho, inconcebíveis de serem aquilatados pelos críticos distantes, era acionada para abonar eventuais deslizes e eximir-se de críticas. Uma metáfora sobre a dificuldade de olhar as paragens sertanejas está, não gratuitamente, em *Insulamento no deserto*, no capítulo III, de *O Homem*:

Uma moléstia extravagante completa a sua desdita — a hemeralopia. Esta falsa cegueira é paradoxalmente feita pelas reações da luz; nasce dos dias claros e quentes, dos firmamentos fulgurantes, do vivo ondular dos ares em fogo sobre a terra nua. É uma plethora do olhar. Mas o Sol se esconde no poente a vítima nada mais vê. Está cega. A noite afoga-se de súbito, antes de envolver a Terra. E na manhã seguinte a vista extinta lhe revive, acendendo-se no primeiro lampejo do levante, para se apagar, de novo, à tarde, com intermitência dolorosa²¹⁴.

Apenas quem se insula no deserto embriaga-se com a luz do sertão. O embaralhamento da vista, entretanto, não era perene e o observador, depois de ofuscado, reabilitava-se. Este recado de Euclides sugeria sua própria superação: por ter estado lá e experimentar, a perseverança lhe recompensava com a iluminação da verdade. Para Gínia Maria Gomes, esse turvamento inicial que se abria em claridade tinha ainda outra face, a da redenção e do quadro do paraíso, a evocar uma imaginação cristã²¹⁵.

Outra maneira de apresentar-se como perspicaz observador intrincava-se à pertinácia com que propalava a singularidade dos eventos diante de seus olhos. Nada do

²¹² CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 172.

²¹³ Fernando Nicolazzi, em artigo que revisita o capítulo IV de sua tese, abordou a construção do olhar e o modo como observador, viajante e narrador ora confluem, ora se afastam, no livro de Euclides da Cunha. Argumentando sobre o emprego, por parte de Euclides, de Tucídides e, substancialmente, de Taine, avalia como Euclides forjou estratégias para enfatizar a competência de sua narrativa. Cf. NICOLAZZI, Fernando Felizardo. “O narrador e o viajante: notas sobre a retórica do olhar em *Os sertões*”. In: *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 2, 2009.

²¹⁴ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 235-236.

²¹⁵ GOMES, Gínia Maria de Oliveira. “O viajante de Os sertões”. In: *Organon* (UFRGS), Porto Alegre, v. 17, n.34, p. 133-156, 2003. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/29981/18580>

que havia visto antes se equiparava à realidade circundante e mesmo a literatura, com toda sua pujança, não dava conta de quão ímpar era a tela sertaneja. Apesar de leitor de relatos de viajantes, teses de cunho histórico e científico, mapas e relatórios sobre os sertões, dos quais extrairia importantes fontes para a confecção da obra de 1902, Euclides entoava uma dose de desencanto e frustração perante a insuficiência das categorias em voga para assimilar aquelas terras remotas.

Ao admitir, ao adentrar em Queimadas, em correspondência a *O Estado*, de 1º de setembro, “nunca reconheci tanto a inutilidade das maravilhas teóricas com as quais nos iludimos nos tempos acadêmicos”²¹⁶, diagnosticava, portanto, um abismo entre miragem e paisagem. Este o rodeou em quase toda a viagem e, desde missiva de 16 de agosto, em Salvador, fora manifestado em tom de desalento, que se solveria, apenas, com o olhar empírico:

Realmente, quem quer que no momento atual, subordinando a lei rudimentar da filosofia, procure, neste meio, calcar as concepções subjetivas sobre os materiais objetivos, não as terá seguras e animadoras quando estes são tão incoerentes e desconexos.²¹⁷

Também nesta direção, Nicolazzi debruçou-se sobre esta estratégia n’*Os sertões*, ponderando que, ao empregá-la, Euclides se colocava com larga vantagem em relação a seus predecessores²¹⁸. A experiência *in loco* e seu olhar, que não sucumbia aos vícios, apesar dos percalços, retificavam as outras impressões, inclusive as científicas. Essa retórica forjava não apenas um sujeito que havia visto, mas que sabia ver melhor, porque estava atento a tudo de peculiar que lhe tocava.

Esse fosso entre prefigurações, categorias científicas e o real palpável atormentou Euclides, em suas demais jornadas, e desponta em outros de seus registros, como, por exemplo, no discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 1906, quando reviveu o desencontro de sua primeira vista do rio Amazonas:

No submeter a fantasia ao plano geral da natureza, iludem-se os que nos supõem cada vez mais triunfantes e aptos a resumir tudo o que vemos no rigorismo impecável de algumas fórmulas incisivas e sêcas. Somos cada vez mais frágeis e perturbados. No perpétuo desequilíbrio entre o que imaginamos e o que existe, verificamos, atônitos, que a idealização mais afoqueada apagam-no-la os novos quadros da existência.²¹⁹

²¹⁶ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 134.

²¹⁷ Id. Ibid., p. 100.

²¹⁸ NICOLAZZI, Fernando Felizardo. Op. cit., 2009, p. 70-78.

²¹⁹ Discurso de Posse de Euclides da Cunha na ABL. Disponível em: <http://www.euclidesdacunha.org.br/>

Os obstáculos da trajetória e os engodos dos juízos prévios tornavam árduo o escrutínio da verdade. Ainda na correspondência de 16 de agosto, Euclides escreveu: “Procurar-se a verdade neste torvelinho é impor-se tarefa estéril e fatigante de Sísifo”²²⁰. Não obstante esta anunciada esterilidade, que contrasta com a utilidade posteriormente propagandeada de seu estudo denso sobre os sertões, lançou-se no que cria uma atividade infundável de compilar vestígios e checar o seu acordo com o real.

Ainda na trilha de Tucídides, Euclides declarava-se no encalço da completude e da limpidez, o que o impulsionava a cotejar as visões, próprias e alheias, com o intuito de eliminar os embustes, as ilusões e as inexatidões. Por isso, resguardando-se de censuras, como patente na nota a segunda edição, em 1903, recrudescia sua filiação ao método de submeter as notícias coletadas a rigorosas críticas.

Além de seu fidedigno testemunho ocular, o autor arrogava para si o mérito de reunir depoimentos “insuspeitos”, os quais certificavam a autoridade e a certeza do exposto. Assim, nas correspondências a *O Estado* contava que indagou “os mais antigos habitantes da Bahia”²²¹, “homens de maior respeitabilidade”, “distintíssimos oficiais”²²², “o comandante, cuja sinceridade está a cavaleiro de quaisquer dúvidas”²²³, “homem distinto e inteligente”²²⁴. Em artigo publicado no mesmo jornal, em 26 de outubro de 1897, retrospectivamente quanto à campanha, orgulhava-se dos rastros cautelosos que o guiavam.

Enuncio um fato que me foi exposto pelas pessoas mais sérias da localidade (...). Exponho lealmente a verdade afirmando que o general em chefe repetidas vezes me manifestou, com a franqueza excepcional que o caracteriza...²²⁵

Os registros adquiridos em campo comportam, pois, uma hierarquia, uma vez que Euclides lhes depositava consideração, em razão de sua qualidade e de quem os proferia. Alguns receberam um tratamento mais verossímil, adjetivados como idôneos e conscienciosos, o que lhes atestava validade, em contraposição às variantes do arraial, julgadas, com frequência, como tendenciosas e delirantes. Nesta seleção de olhares e

²²⁰ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 98.

²²¹ Salvador, 10 de agosto, Id. Ibid., p. 68.

²²² Salvador, 16 de agosto, Id. Ibid., p. 94; 97.

²²³ Salvador, 23 de agosto. Id. Ibid., p. 125.

²²⁴ Monte Santo, 06 de setembro, Id. Ibid., p. 161.

²²⁵ Artigo de Euclides da Cunha, intitulado *O batalhão de São Paulo*, publicado em 26 de outubro de 1897, que estampa a primeira página de *O Estado de S. Paulo*. Consultado no acervo *on line* de *O estado*.

vozes, o lugar de enunciação de Euclides mensurava o estatuto de cada uma dessas versões, em geral, enaltecendo a de seus pares e menosprezando a dos sertanejos. Aliás, ao embrutecimento e à entrega ao desatino, arguia Euclides, devia-se a visão não lapidada e simplória da gente agreste, estrangeira nos domínios da verdade.

A passagem dos informantes, ou testemunhas de vista, da caderneta e das correspondências ao jornal para *Os sertões* condensa o trabalho de colar as peças de um mosaico. Com efeito, a organização dos testemunhos decorria da distância entre o “eu” e o “outro”. As narrativas sertanejas que comprovariam a superstição e o véu da ignorância das populações do interior foram repetidas. Filtradas, segundo critérios de interesse, as informações do menino Agostinho, transmitidas com segurança e lisura reconhecidas por Euclides, apareceram no livro de 1902 sem, contudo, qualquer citação da fonte. Outras notícias, sobretudo a dos militares, como os tenentes-coronéis Durval Vieira e Siqueira de Meneses, o alferes Praxedes, e do médico Edgar Albertazzi²²⁶, foram copiadas e classificadas como de grande valia. Se, eventualmente, estas últimas não receberam uma nota com a determinação da procedência, isso se deve menos a seu descrédito e mais a uma incipiente formalização de regras da escrita científica e ao débil sistema de citações de Euclides²²⁷.

O escalonamento dos relatos, orientando-se pelo que se mostraria mais factível para o prisma euclidiano, prestava-se, em última instância, a engendrar uma história, além de verdadeira, útil. Aqui, Tucídides, novamente, emergia como mestre. Porque o olhar só aprisiona o aqui e agora, a história que escava a verdade não pode regressar ao passado e, portanto, só existiria relativamente ao presente. Os sinais dos tempos pretéritos poderiam, tão somente, ser juntados por um esforço da arqueologia. Sendo o presente o único horizonte possível da escrita da história, ninguém que aspirasse a escrevê-la retroativamente, e, por óbvio, já com o presente esvaído, teria o mesmo sucesso daquele que viu e esteve lá. É nesta medida que a história que perscruta a verdade seria uma aquisição para sempre²²⁸.

²²⁶ Por exemplo, sobre o que contou o médico dr. Albertazzi na página 98 da caderneta de campo, a respeito de um incidente em combate, Euclides reaproveitou n’*Os sertões*, incluindo nota indicando a procedência do “depoimento fidedigno”. CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 402-403.

²²⁷ Até a terceira edição d’*Os sertões*, em 1905, Euclides participou das revisões e manteve inalterada esta desordem quanto às citações. Cf.: ARAUJO, Ruy Magalhães de. Op. cit., 2002. BERNUCCI, Leopoldo M. Op. cit., 1995, p. 115.

²²⁸ HARTOG, François. Op. cit., 2001, p. 84.

Esse Euclides que vincava em suas cadernetas de campo “fui um espião da História” ciceroneou o público leitor, na nota preliminar d’*Os sertões*, de modo a designar sua escrita como proveitosa para a posteridade, porquanto, como observador, soubera registrar o atual, os instantâneos que dançavam perante os olhos: “Intentamos esboçar, palidamente embora, ante o olhar de *futuros* historiadores, os traços *atuais* mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil”²²⁹.

Se, por um lado, a retórica euclidiana acentuava a viabilidade e utilidade de historiar o que a visão mesma havia proporcionado, por outro, o autor deslizava em concessões a indícios do passado, talvez para justificar um complemento aos próprios sentidos. Uma forma de recuperar os tempos idos seria o rastejo da natureza, consoante o repertório de viajantes do século XIX, como von Martius, uma vez que a provisoriedade dos fatos humanos e o perecimento do presente contrapunham-se à fossilização do tempo na natureza. Por isso, desde a caderneta e as correspondências ao jornal, durante sua estada na Bahia, aguçavam-lhe a curiosidade pedras e porções de areia, para futura datação, bem como as pesquisas de Lund sobre o homem da Lagoa Santa. Assim, palpitantes para Euclides, a geologia e paleontologia propiciavam vislumbrar-se nas massas rochosas, nos sedimentos animais e demais vestígios alguns caminhos para a explicação histórica daquelas terras tão incógnitas e longínquas da ilustração.

Euclides flertava, ainda, com o passado, estudando-o por meio de leituras e documentos, que dizia serem tanto mais fiáveis, quanto fossem preparados por quem tangenciara o ocorrido. Mobilizou a história de eventos passados, mormente para recriar o princípio da colonização, a atuação dos missionários jesuítas e capuchinhos na Bahia, a abertura do território pelos bandeirantes e, com isso, decifrar os processos etnológicos e as causas da solidão daqueles cantos. A “introdução histórica”, a qual se fazia imperativa para demarcar o anfiteatro dos dramas cotidianos e da luta dos sertanejos que havia presenciado, compunha-se de um conjunto de autores e desvela as malhas de sua intertextualidade, que agregam desde Fernão Cardim, em *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, Frei Vicente do Salvador, em *História do Brasil*, Diogo de Campos Moreno, em

²²⁹ Os grifos não constam no original. CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 65.

Livro que Dá Razão do Estado do Brasil, a outros mais contemporâneos, como Adolfo Varnhagen, em *História Geral do Brasil*²³⁰.

Além dessa produção histórica sobre o passado da nação, Euclides leu, especificamente, sobre os sertões baianos, os dados de viagem e pesquisa de Durval Vieira de Aguiar, em *Descrições Práticas da Província da Bahia* (1888), conforme verificado na caderneta e em suas correspondências, além de fatos e documentos do desenrolar da refrega, de Henrique Duque-Estrada de Macedo Soares, em *A guerra de Canudos* (1902)²³¹, e do coronel Dantas Barreto, em *A última expedição a Canudos* (1989)²³².

Apesar de ter retirado desses textos informações acomodadas em sua obra de 1902, permanecia a argumentar que o insulamento, selando o destino dos sertões, privara-os de um historiador. Posto que sobre as lacunas do passado pouco pudesse fazer, declarando-se impotente, “as agitações sertanejas, do Maranhão à Bahia, não tiveram ainda um historiador. Não as esboçaremos sequer”²³³, quanto às brechas do presente, cabia-lhe a missão de transmitir com veracidade o que tinha vivenciado. A fugacidade do tempo e o desmanchar do presente impunham o exame urgente dos sertanejos, que teimavam em “ainda” existir. Desta maneira, encarregava-se da penosa tarefa de projetar o ingresso daquela gente na história e, simultaneamente, de esculpir para si a imagem de historiador sincero dos sertões, que os viu, com nitidez e “firmeza de espírito”²³⁴.

Euclides não estava sozinho neste ofício de Sísifo, como outrora designara. Os procedimentos que valorizavam o olhar, o interpelar o presente e o sopesar dos testemunhos, os quais inspiraram sua prática e espelhavam as lições de Tucídides, dialogavam com a tradição historiográfica oitocentista brasileira.

A primazia da observação para costurar a história, ampliando sua operação para além do exame de arquivos, também foi defendida, por exemplo, por Sílvio Romero.

²³⁰ Assim como procedeu quanto às fontes coletadas *in loco*, Euclides nem sempre se referiu explicitamente a esses autores, apenas, alguns, por vezes, recebendo nota.

²³¹ Para Leopoldo Bernucci, embora não se possa comprovar que Euclides leu *A Guerra de Canudos*, de Macedo Soares, publicado em 1903, mas com folha de rosto de 1902, seria plausível indicar diversas confluências, caras aos procedimentos imitativos que norteiam os textos euclidianos. Cf.: BERNUCCI, Leopoldo M. Op. cit., 1995, p. 113-114.

²³² Dantas Barreto, cujo nome foi muitas vezes mencionado na caderneta de campo, parece ter sido lido por Euclides, porque aparece em nota do próprio autor, informando a proveniência de uma citação. Cf.: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 631.

²³³ Na subseção *Caráter variável da religiosidade sertaneja: a Pedra Bonita e Monte Santo*, do capítulo III, da parte *O Homem, d’Os sertões*. Cf.: Id. Ibid., 243.

²³⁴ Id. Ibid., p. 67.

Rodrigo Turin avalia como, para o crítico sergipano, o acesso à história se daria a partir de pesquisas etnográficas, na contramão de outras perspectivas historiográficas vigentes à época, como a de Capistrano de Abreu. Este, em uma série de artigos, em 1880, na *Gazeta de Notícias*, intitulados *História Pátria*, atacava a tese de Sílvio Romero, em *A literatura Brasileira e a Crítica Moderna*, publicado no mesmo ano, aduzindo as armadilhas que a própria visão tramava contra o historiador. Para Capistrano, o conhecimento e a plenitude da verdade na história seriam atingidos, somente, ao se conferir autoridade às fontes, aos documentos, os legítimos testemunhos do passado, o que caracterizaria o método crítico da história que se pretendia científica. Romero, em direção diametralmente oposta, elegia a visão como recurso hábil para contrastar as idealizações e teses forjadas em gabinete, profundas desconhecedoras do real palpável. Colava, portanto, a noção de investigador à de observador, motivo por que, apenas trilhando o caminho da experiência empírica, poder-se-ia recuperar a história da literatura e do folclore nacional²³⁵.

Ora, Euclides, leitor de Romero, o qual proferiria, mais tarde, o discurso de recepção daquele na ABL, enveredou-se pela mesma orientação. As viagens aos desertos interiores do país, além de razões de ordem pessoal, refletiam sua tentativa de aproximar-se de um material histórico bruto. Por isso, acreditava que a experiência em campo e o exercício de seu olhar fomentariam o ímpeto necessário para historiar as terras ignotas.

Além do reforço da visão e da verdade que ela permitiria alcançar, outra característica comum a Euclides e seus contemporâneos centrava-se na ênfase em quão laborioso era tecer a história nacional. Turin, no artigo *Uma nobre, difícil e útil empresa: o ethos do historiador oitocentista*, desenvolve a ideia de que, ao lado da sinceridade e da cientificidade, a dificuldade consubstanciava um *topos* caro à operação historiográfica oitocentista. Privativa para as mãos e penas mais capacitadas, a escrita da história da nação impingia sacrifícios e um devotamento absoluto à verdade, de modo a canalizar forças hercúleas no trabalho de coleta, crítica e exposição das fontes. Dar a conhecer a trajetória de um objeto de estudo garantiria ao leitor a reconstrução dos difíceis passos da pesquisa, de sorte a engrandecer o produto final e alijar quaisquer rumores sobre sua utilidade para gerações vindouras. De acordo com Turin, esse *topos*

²³⁵ TURIN, Rodrigo. “Quando a etnografia faz história: o primado da observação e a construção da temporalidade em Sílvio Romero.” In: *XI Encontro Regional de História*, ANPUH-RJ, Rio de Janeiro, 2004.

perpassou a tradição histórica imperial, com autores como Varnhagen e von Martius, e se fundiu à remodelação historiográfica no alvorecer da República, aderindo à retórica de figuras como Romero²³⁶.

O compartilhamento do primado da observação e do compromisso com a verdade em detrimento do deleite redimensiona um episódio que envolveu uma dúvida sobre a estada de Euclides em Canudos. Gilberto Amado, em *Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa* (1956), terceiro volume de suas memórias, contou que ouvira de Siqueira de Meneses, o então governador de Sergipe, acerca daquele: “Não me fale nesse. (...) Nunca foi lá. Nunca se perdeu por aquelas bandas. Nunca me viu. Nunca o viram!”²³⁷. O desmentido abalou sua imagem para Gilberto Amado, que, forçosamente, concluiu: “Euclides da Cunha, segundo a gente do sertão, inventou muita coisa, romantizou, desfigurou muito do que diz ter visto”²³⁸.

Conquanto a viagem do autor aos sertões seja irrefutável, em razão não só dos registros euclidianos *in loco*, como também dos jornais baianos que veiculavam sua visita à redação e, sobretudo, das fotografias de Flávio de Barros, a conjectura de Amado se mostra relevante, porque esse “diz ter visto” desempenha a função de nublar a certeza sobre a presença de Euclides nos sertões baianos e, no mesmo movimento, levantar a suspeita sobre a retidão da narrativa, caso, de fato, tenha “se perdido por aquelas bandas”.

Assim, o “ter estado lá” se converte no próprio argumento de autoridade, aqui pensada como as estratégias acionadas pelo autor para erigir sua presença, assegurando, tanto em termos epistemológicos, quanto de poder, a legitimidade sobre o discurso acerca do contexto social e cultural a ser representado²³⁹. Por conseguinte, as pontas do olhar e do experienciar atam-se e permitem a digressão teórica sobre os sentidos da experiência etnográfica, a partir do aporte de James Clifford.

Clifford, no artigo *Sobre a autoridade etnográfica*, ao comparar o frontispício de 1724 do livro *Moeurs des sauvages américains*, de Joseph-François Lafitau, que retrata

²³⁶ TURIN, Rodrigo. “Uma nobre, difícil e útil empresa: o *ethos* do historiador oitocentista.” In: *Revista de História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 2, 2009, p. 12-28.

²³⁷ AMADO, Gilberto. *Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1956, p.179. Este episódio foi, ainda, contado por José Calasans, para recuperar as relações entre Euclides da Cunha e Siqueira de Meneses. Cf.: CALASANS, José. “Euclides da Cunha e Siqueira de Menezes”. In: Arquivos da Universidade da Bahia, Faculdade de Filosofia, vol. V, Bahia, 1956. Disponível em: <http://josecalasans.com/downloads/artigos/03.pdf>

²³⁸ AMADO, Gilberto. Op. cit., 1956, p.176.

²³⁹ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. “Apresentação”. In: CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002, p. 13.

uma jovem, num recinto, rodeada de objetos do Novo Mundo, com a folha de rosto de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (1922), de Malinowski, no qual a fotografia localiza o autor na cena nativa, tira a ilação de que essa diferença traceja o modo predominante e moderno de autoridade no trabalho de campo, em que a observação de primeira mão torna-se fundamental, formulando-se, pois, um “você está lá... porque eu estava lá”²⁴⁰.

De certa forma, em Euclides, o uso do material redigido *in situ* e a circunscrição de seu posto de observador, decalcada, por exemplo, na nota a segunda edição d’*Os sertões*, divulgam ao seu público que as veredas para conhecer aqueles desertos do país foram abertas por ele. Ao longo do texto, os diversos “vimos que” deste autor que renunciara aos gabinetes, para se enredar em solos inóspitos, atuavam como uma espécie de empréstimo do olhar ao leitor, que, persuadido pelo prisma de quem presenciou os eventos, restaria convencido da narrativa.

A confluência da estratégia euclidiana com a dos profissionais do trabalho de campo não camufla, porém, sua inserção em um período que antecede à fixação de um consenso acerca da necessidade de uma vivência, desdobrada em descrição densa, realizada por acadêmicos qualificados, para o fazer etnográfico. Segundo James Clifford, até o final do século XIX, o etnógrafo, em seus primevos lineamentos, não gozava de *status* privilegiado como um intérprete superior aos viajantes, missionários, administradores, todos coexistindo nas fluidas fronteiras disciplinares. Apenas durante a década de 1920, com as pesquisas de Malinowski, a rotação para uma autoridade cientificamente validada se institucionalizou. Ao longo da primeira metade do século XX, impôs-se, paulatinamente, a obrigatoriedade de um conhecimento balizado pelas hipóteses científicas mais ajustadas, investido de neutralidade e incrementado pela exigência da observação participante intensiva.

Essa advertência torna plausível situar Euclides no contexto que Clifford denomina “geração intermediária”, anterior à formalização dos conteúdos disciplinares da etnografia, que não vivia tipicamente num lugar por tempo prolongado, dominando a linguagem nativa, em sua acepção mais ampla, e passando por uma experiência pessoal similar aos ritos de iniciação. Ao revés de exprimirem-se como porta-vozes da cultura sob análise, conservavam uma postura documentária, observadora, contígua a de um cientista natural. A pertinência desta categoria para esquadrihar a posição de Euclides

²⁴⁰ CLIFFORD, James. “Sobre a autoridade etnográfica”. Op. cit., 2002, p. 17-19.

nos sertões baianos fundamenta-se, de plano, quando se pondera o diminuto lapso temporal de cerca de 70 dias, dividido em várias paradas, da chegada a Salvador à partida para o Rio de Janeiro. Neste interstício, em Canudos, abrigou-se em barraca militar, na outra margem, em sua multiplicidade de sentidos, do rio. Quanto a suas vestimentas, outro jeito de exteriorizar a distância, repare-se que na fotografia de Flávio de Barros, intitulada *28º batalhão de infantaria no acampamento*, aparece com trajes militares, empunhando espada, e nas missivas de 31 de agosto, em Alagoinhas, e 04 de setembro, em Tanquinhos, sutilmente, refere-se a seu dólmã, sem “uma partícula de pó”²⁴¹, bem como a um soldado ferido que erguia forças para fazer-lhe continência²⁴². Com gracejo, Alfredo Silva, correspondente de *A Notícia*, em 18 de setembro, retratou Euclides diversamente, mas, ainda assim, portando um hiato:

Fui hoje até a igreja de Santa Cruz, depois de subir a pedregosa e íngreme ladeira. Nesse delicioso passeio fui acompanhado pelo distinto correspondente do Estado de S. Paulo, Dr. Euclides da Cunha e pelos Srs. Major Lauriano Trinas, Capitão Eduardo Rangel, Aníbal de Oliveira e cabo Batista, que no 7º batalhão acompanhou a bandeira. Dos vossos vestuários incontestavelmente destacava-se o do distinto colega que, chegando ainda anteontem, se apresentou em vistosas botas de verniz, calça branca, camisa de fina seda e chapéu de fina palha. Bons tempos o esperam neste canto da Bahia, em que um banho constitui o x mais complicado dos problemas²⁴³.

Além do padrão normativo que começava a incidir sobre a pesquisa etnográfica profissional de viver com e, mais ou menos, como os nativos por um período suficiente, tentando tocar nas vicissitudes da cultura local, prescrevia-se uma atitude inclinada ao relativismo cultural – tendo como meta a neutralidade –, que distinguia, mais veementemente, as atividades do amador e do sujeito treinado pelas novas técnicas do olhar. Euclides, aproximando-se mais de um compilador de costumes e singularidades da natureza, imbuído de interesse documentário e de juízo mensurador, observava o “outro” de modo menos imparcial, sobretudo por pronunciar-se em nome da República e por vincular-se oficialmente ao Exército. Tal como os viajantes, os missionários e os administradores que pintavam a cor local, estava preocupado com problemas políticos e, mais, com um impasse para a configuração da nação brasileira.

Para a autoridade experiencial etnográfica, somava-se à emergência da centralidade da observação participante e à primazia dada ao visual, o requisito de uma

²⁴¹ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 127.

²⁴² Id. Ibid., p. 151.

²⁴³ GALVÃO, Walnice Nogueira. Op. cit., 1994, p. 423-424.

sensibilidade para o contexto estrangeiro e o intento de estabelecer uma esfera comum, a partir da construção de um mundo de experiências partilhadas. Esta sensibilidade pode ser lida como uma afinidade emocional, uma disposição prévia para a compreensão da alteridade e para a instituição de laços neste compartilhar²⁴⁴. No caso de Euclides, essa empatia primeira não parece se verificar e o “sentir-se em casa”, que deveria guiar a participação pessoal dos etnógrafos, tropeçava no desenho da “*urbs* monstruosa”, da “aldeia sinistra”, do “inferno dantesco” do lado de lá, cenário que reputava pouco acolhedor para dividir um horizonte de experiências.

A respeito deste lugar para onde se lançou o observador, o advérbio “lá” significa, de partida, uma distância, entre o “eu” que olha, pertencente ao “aqui” e ao “cá”, e o “outro” observado. O vaivém no espaço não estava adstrito, contudo, à prática de Euclides, pois se incrustava no seio da experiência etnográfica a vontade de uma experiência autêntica. Essa atitude cultural do investigador de deslocar-se para um terreno estrangeiro materializava a procura pela genuinidade, sobrevivente, apenas, fora dos limites do mundo moderno. Para Euclides, o “lá”, mais do que território autêntico, não corrompido pela civilização, representava a radicalidade da alteridade. Os sertões ocupavam a margem não propriamente geográfica, mas simbólica das solidões interiores da nação. À beira da história, à revelia do progresso, reviravam seu instrumental teórico, para que, da bagagem, extraísse mecanismos para sua interpretação.

James Clifford, recordando Wilhelm Dilthey, nota que o processo de se viver a entrada em um universo expressivo estranho acaba apelando para formulações permanentemente fixadas, para formas estáveis às quais o ato de interpretar possa retornar. Neste ponto, arrisca-se um paralelo com o que François Hartog, em *Le miroir d’Herodote*, define como retórica da alteridade:

Dizer o outro é enunciar-lo como diferente, é enunciar que existem dois termos *a* e *b* e que *a* não é *b*. (...) Assim que a diferença é dita ou transcrita, ela se torna significativa, porque passa a ser avaliada dentro dos sistemas da língua e da escritura. Começa, então, o trabalho, incessante e indefinido (...) que consiste em reduzir o outro a si mesmo. A partir da relação fundamental que instaura a diferença significativa entre os dois conjuntos, pode se desenvolver uma retórica da alteridade que revela as narrativas que falam, sobretudo, do outro, em especial as narrativas de viagem, em sentido amplo. Um narrador, pertencente ao grupo *a*, vai contar *b* às pessoas de *a*; existe o mundo onde se conta e o mundo de que se conta; como, de maneira persuasiva, inscrever o

²⁴⁴ CLIFFORD, James. Op. cit., 2002, p. 34.

mundo que se conta no mundo onde se conta: este é o problema do narrador. Ele é confrontado com o problema da tradução. Para traduzir a diferença, o viajante tem à sua disposição a figura cômoda da inversão, na qual a alteridade é traduzida como o oposto de si (ou o contrário de si mesmo). Percebe-se que os relatos de viagem ou as utopias recorrem à inversão abundantemente, porque ela constrói uma alteridade "transparente" para o ouvinte ou o leitor: não existe mais *a* e *b*, mas simplesmente *a* e o inverso de *a*; entende-se mesmo porque ela é a figura privilegiada do discurso utópico, em que o projeto não é nunca mais do que falar de si.(tradução nossa)²⁴⁵

Neste excerto, embora não empregue a terminologia “formas estáveis”, Hartog revela uma engrenagem similar na decifração do “outro”. Há, aqui, um recurso ao horizonte de compreensão daquele que observa, ou seja, a referências familiares ao mundo do sujeito em trânsito, para traduzir a alteridade ao destinatário da narrativa. Após adentrar no solo da alteridade, esse observador que “esteve lá” precisa transformar a diferença em inteligibilidade. Para isso, apresenta o “outro”, descreve-o como diferente, e, depois, converte-o no avesso de si e de seus interlocutores.

Além do fabricar do “antipróprio”, da inversão, outra estratégia discursiva, consoante Hartog, seria a comparação, com o estabelecimento de semelhanças e dissimilaridades, aproximações e distanciamentos, paralelos e analogias. E, assim, mais uma fórmula para equacionar a alteridade seria: *a* está para *b*, assim como *c* está para *d*.

Essas táticas, em suma, reduzem o “outro” ao que já se conhece ou “filtram o outro no mesmo”. Euclides articulou-as, desde a estada em Canudos, para ver o “outro” e traduzi-lo, segundo os parâmetros que lhe soavam mais propícios, e as sofisticou, mais tarde, nos célebres oximoros d’*Os sertões*.

Conforme outrora comentado, na caderneta de campo e também nas missivas ao jornal, Euclides lamentava-se quanto à dificuldade de decodificar os sertões, quanto às imprecisões dos olhares anteriores e dos esquemas prévios. Para preencher esse vazio e

²⁴⁵ Dire l’autre, c’est le poser comme différent, c’est poser qu’il y a deux terme *a* et *b* et que *a* n’est pas *b*. (...) Dès lors que la différence est dite ou transcrite, elle devient significative, puisqu’elle est prise dans les système de la langue et de l’écriture. Commence alors ce travail, incessant et indéfini (...) qui consiste à ramener l’autre au même. À partir de la relation fondamentale qu’instaure entre deux ensembles la différence significative, peut se développer une rhétorique de l’altérité que vont déployer les récits qui parlent avant tout de l’autre, les récits de voyage au sens large. Un narrateur, appartenant au groupe *a*, va raconter *b* aux gens de *a*; il y a le monde où l’on raconte et le monde que l’on raconte; comment, de manière persuasive, inscrire le monde que l’on raconte dans le monde on où l’on raconte: tel est le problème de *traduction*. Pour traduire la différence, le voyageur a à sa disposition la figure commode de l’inversion où l’altérité se transcrit en anti-même. On conçoit que les récits de voyage ou les utopies y recourent abondamment, puisqu’elle construit une altérité « transparente » pour l’auditeur ou le lecteur: il n’y a plus *a* et *b*, mais simplement *a* et l’inverse de *a*; on conçoit même qu’elle soit la figure privilégiée du discours utopique, dont le projet n’est jamais que de parler du même. Cf. :HARTOG, François. *Le miroir d’Hérodote: essai sur la représentation de l’autre*. Paris: Éditions Gallimard, 2001, p. 331-332.

esboçar a alteridade com que topara, ora invertia o sertanejo e sua terra, chamando-os de bárbaros, antípodas do civilizado, ora comparava-os a elementos que, normalmente, ecoavam uma primitividade: os jagunços eram “titãs bronzeados”, tinham a face “áspera como peles de múmias”²⁴⁶, nos assuntos da guerra, eram “instrutores selvagens”²⁴⁷, corporificavam o “mito extraordinário de Anteu”,²⁴⁸ as vias do arraial “não são ruas, não são becos, são como que encanamentos de esgoto, sem abóbodas, destruídos”²⁴⁹, e as casas, “como que uma paródia grosseira da antiga casa romana”²⁵⁰.

Voltando a James Clifford, a fim de ponderar a experiência empírica de Euclides e seus procedimentos de tradução, tem-se que, para o antropólogo norte-americano:

a observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução. Ela requer um árduo aprendizado linguístico, algum grau de envolvimento direto e conversação, e frequentemente um desarranjo das expectativas pessoais e culturais²⁵¹.

Esse trecho aponta para alguns matizes necessários para pensar a presença de Euclides em campo, por ele evocada, sobretudo, quando às voltas do problema retórico de convencer seus leitores da verossimilhança do relato. Preliminarmente, cumpre ratificar, para não se incorrer em anacronismos, que, à época em que o autor viajou para os sertões, os imperativos do fazer etnográfico não haviam sido institucionalizados de maneira plena, sendo a delimitação do campo acadêmico ainda precária.

Após este parêntese, quanto à experiência *in loco* de Euclides, as pistas coletadas ao longo de todo o capítulo, desde a descrição de suas linhas no caderno de bolso às reflexões teóricas, permitem entrever a postura do observador, o anseio de agarrar as minudências, de perquirir a natureza, o homem e as batalhas. Submetendo seus registros a um olhar mais crítico, depreende-se que seu trânsito nas paragens baianas, frequentemente impelido por uma verve de cientista, apartava-se de um “circular entre os ‘outros’, como eles circulam entre si”²⁵². Este “não viver como” e “não se sentir em casa” esmaecem, de algum modo, a profundidade da observação. Ademais, ao enveredar-se pelos vilarejos, acompanhado de militares, como noticiado por ele e por

²⁴⁶ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2000, p. 76.

²⁴⁷ Id. Ibid., p. 167.

²⁴⁸ Id. Ibid., p. 144.

²⁴⁹ Id. Ibid., p. 164.

²⁵⁰ Id. Ibid., p. 177.

²⁵¹ CLIFFORD, James. Op. cit., 2002, p. 20.

²⁵² O'DONNELL, Julia Galli. *De olho na rua: a cidade de João do Rio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 89.

colegas correspondentes, carregava, diante do “outro”, a identidade das forças republicanas, enviadas para esmagar o arraial. A respeito dos informantes, por vezes imbricados na figura do interrogado, a verticalidade dificilmente se dissipava, porque, ali, ouvia-se contar o inimigo, por mais comovedora que fosse sua tragédia.

Mesmo que se mitigue o envolvimento direto com os sertanejos, ondulam-se, na caderneta e nas missivas ao jornal, esperanças, expectativas e ilusões. Um enternecimento com as misérias daquela gente se enlaça nas folhas que trazia consigo e parece se adensar, em especial, a partir da entrada em Canudos. Já de volta para as bordas da civilização, ao principiar a escrita do livro que sairia em 1902, trocou-lhe o nome: *A Nossa Vendéia* deu lugar a *Os sertões*, talvez a conotar a passagem de um sertão distante e imaginado ao vivido. Talvez, ainda, para gravar mais incisivamente a sua estranha brasilidade, fazendo-o abandonar, pelo menos no título, a tão cara estratégia discursiva da comparação.

A estada de Euclides nos sertões baianos desvela, pois, o sentido das distâncias por ele experimentadas. Em um primeiro momento, a distância frente ao espaço incógnito fez saltar aos olhos a diferença até então incalculável entre as gentes daquelas porções de terra e o restante do país. Em um segundo plano, a distância entre o “eu” que desconhecia e o que “esteve lá” ensejou mudanças no próprio sujeito-viajante a redundarem em sua interpretação da alteridade²⁵³. A tradução da alteridade estava eivada, como dito acima, por fórmulas para inscrever o outro na cultura em que se fala, através de artifícios, como a inversão e a comparação, jogando, sobretudo com o tempo e o espaço neste decifrar.

Do outro lado do rio, a distância empalideceu a densidade participativa de sua observação, tornando imperioso se temperar essa experiência, que flerta com a etnografia, sobretudo, como uma metáfora do olhar. Por isso, a ideia de um margear o “outro”: segue-se pelas margens, anda-se pelas beiras, mas não se experimenta, efetivamente, o lugar do “outro”. Euclides exercitou, sim, a visão, mas por cima dos ombros.

²⁵³ Para as alterações do ponto de vista do viajante, após o estranhamento diante de uma paisagem outra, cf.: BELLUZZO, Ana Maria, “O viajante e a paisagem brasileira.” In: *Revista Porto Arte*: Porto Alegre, v. 15, nº 25, novembro, 2008.

III. AS SINUOSAS VEREDAS DA TRADUÇÃO DA ALTERIDADE SERTANEJA

A escrita d'Os sertões: notas sobre o estilo de um narrador sincero e dividido

É tarde... e já me abala o temporal das dúvidas
Aos dous polos da vida – o cêr'bro e o coração!...
Euclides da Cunha

Após a experiência de acompanhar *in loco* o desenrolar do evento em Canudos, Euclides regressou para São Paulo e, enfim, mudou-se para São José do Rio Pardo, onde morou de 1898 a 1901. Nas intermitências de seu trabalho de engenheiro, valendo-se dos estudos compilados, de sua caderneta e dos artigos produzidos durante sua cobertura jornalística na Bahia, dedicou-se a escrever *Os sertões*, que veio ao público em dezembro de 1902, pela Laemmert e Companhia Editores.

Desta forma, sua vivência em Canudos o motivara a redigir um libelo que se pretendia de denúncia a uma sociedade sanguinária, deixando revelar seu descontentamento e sua decepção com a República.²⁵⁴ O traço ambíguo de caracterização do sertanejo, que perpassa toda a narrativa, conota uma reflexão dividida, típica dos letrados da época.

Uma relativa empatia com os infelizes moradores da aspereza nordestina pode ser apreendida na abertura do livro, em que Euclides assume seu propósito de apontar para o caráter criminoso daquela campanha. Ao citar o historiador francês Hippolyte Taine, resgata a tópica do narrador sincero – e, consecutivamente, evoca Tucídides -, já presente em sua caderneta de campo de 1987, e fornece indícios de sua metodologia cindida, que, entre os bárbaros, almeja sentir-se como tal, e, entre os antigos, como um antigo²⁵⁵.

Como outrora mencionado, Euclides também tomou emprestada de Taine a divisão em raça, meio e momento, subvertendo, porém, a sequência de apresentação desses ditames analíticos²⁵⁶. Na primeira parte, dedicou-se à formação geológica, à fauna e à flora, primordiais para a convergência da seca endêmica daquelas paragens. A definição do espaço geográfico auxilia na composição da tese euclidiana, porque dele

²⁵⁴ VENTURA, Roberto. Op. cit., 1996.

²⁵⁵ O trecho de Taine sobre o narrador sincero a que Euclides faz referência: “Il s'irrite contre les demi-verités, qui sont des demi-faussetés, contre les auteurs qui n'altèrent ni une date, ni une généalogie, mais dénaturent les sentiments et les mœurs, qui gardent le dessin dès événements et en changeant la couleur, qui copient les faits et défigurent l'âme: il veut sentir en barbare, parmi les barbares, et, parmi les anciens, en ancien.” Ver: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 67.

²⁵⁶ Sobre esta inversão, cf.: LIMA, Luiz Costa. Op. cit., 1997, p. 99.

desponta um inimigo físico, o qual moldará as peculiaridades de sua gente. Da configuração desértica, o autor passou às origens do sertanejo e de sua miscigenação, para avaliar-lhe o comportamento e a gênese de líderes como Antônio Conselheiro. Por fim, cuidou da impiedosa batalha travada, responsável por dizimar parcela significativa da população baiana, ocasião em que se teriam combinado fatores naturais, étnicos e históricos.

Imiscuídas às teorias do determinismo climático e biológico, às ideias científicas e evolucionistas e aos vestígios românticos que formavam a convicção pessoal de Euclides, cruzaram-se a tradição oral, recolhida durante sua permanência na Bahia, e a escrita, para a elaboração de seu registro e para o amálgama de estilos. Por isso, há n’*Os sertões* observações diretas do autor, derivadas de suas anotações pessoais na caderneta de campo, agregadas a relatos de viajantes e de etnógrafos que atravessaram o sertão²⁵⁷, reportagens de jornais²⁵⁸, comunicações de militares, relatórios de autoridades e fontes orais, como poemas populares, profecias religiosas e testemunhas locais.

Imerso na discussão enredada na dicotomia litoral/sertão e preocupado em desenhar um perfil para o povo e uma identidade para a nação, Euclides, mostrava ao restante do país um brasileiro esquecido em suas terras recônditas, que exercia sobre ele fascínio e repulsa, traduzidos em uma linguagem antitética, característica da poética de contrastes romântica²⁵⁹. Uma reflexão partida se desvela na fusão de contrários e na adjetivação do sertanejo, descrito, simultaneamente, como bravo e desenxabido, desgracioso e torto, a verdadeira “rocha viva da raça”²⁶⁰, ou um “retrógrado”²⁶¹, sentenciado pela marcha civilizatória ao definhamento. Tratava-se, em suma, de um “Hércules-Quasímodo”²⁶², ou um “centauro bronco”²⁶³.

Essa ambivalência, nos interstícios de uma proposta científica de história e de floreios literários, produziu uma interpretação do sertanejo repleta de rispidez e

²⁵⁷ A contribuição dos viajantes e naturalistas do século XIX para a elaboração d’*Os sertões* pode ser consultada em: SANTANA, José Carlos Barreto de. Op. cit., 2009, p. 161-178.

²⁵⁸ Sobre a importância dos jornais e periódicos à época, para Euclides da Cunha, ver: BERNUCCI, Leopoldo M. Op. cit., 1995, p. 53; 80.

²⁵⁹ Cf. BERNUCCI, Leopoldo. Op. cit., 2003.

²⁶⁰ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 766.

²⁶¹ Id. Ibid., p. 203.

²⁶² Id. Ibid., p. 207.

²⁶³ Id. Ibid., p. 210.

poeticidade, sensibilidade e determinismo. Na próxima etapa deste estudo, serão problematizadas as oscilações euclidianas na tradução desta alteridade.

Um agreste labirinto: a ambivalente tradução euclidiana da brasilidade sertaneja

Tu que conviveste o Sertão
quando no sim esquece o não,
e sabes seu viver ambíguo,
vestido de sola e de mitos
João Cabral de Melo Neto

Ao perquirir detidamente outras fontes de Euclides, constatou-se a abordagem das paragens sertanejas, em deslizamentos semânticos entre uma visão idílica, em especial em seus poemas e cartas, e uma perspectiva sombria e sublime, notadamente, durante e após a estada em Canudos.

Esta seção dedicar-se-á, assim, a examinar o modo como o sertão e sua gente foram apreendidos por Euclides e como essa tradução, em sua obra mestra, operou-se, mormente, a partir da articulação da raça e meio. Este recorte justifica-se pelo próprio objetivo a que Euclides pretendia circunscrever seu livro, qual seja o de examinar as condições da etnicidade dos sertanejos, expresso na *Nota Preliminar*, a qual, embora já comentada, merece o reforço:

Escrito nos raros intervalos de folga de uma carreira fatigante, este livro, que a princípio se resumia à história da Campanha de Canudos, perdeu toda a atualidade, remorada a sua publicação em virtude de causas que temos por escusado apontar. Demos -lhe, por isto, outra feição, tomando apenas variante de assunto geral o tema, a princípio dominante, que o sugeriu. Intentamos esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil. E fazêmo-lo porque a sua instabilidade de complexos de fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tomam talvez efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento ante as exigências crescentes da civilização e a concorrência material intensiva das correntes migratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra²⁶⁴.

A partir da complexidade que a alteridade sertaneja ganhou com leituras científicas e, primordialmente, com a experiência empírica no arraial, as tentativas de conferir inteligibilidade a este “outro” brasileiro e “outro” geográfico depararam-se com

²⁶⁴ CUNHA, Euclides da. 2001, Loc. cit.

alguns impasses que forçaram Euclides da Cunha a produzir acomodações nas teorias em voga.

A crença na ciência e na inescapável potência civilizacional, aliada a certa reverência a modelos analíticos deterministas, tais como o de Henry Buckle, exasperava o dilema de parcela dos intelectuais à época. Se estivesse correta a concepção do autor de *History of Civilization in England*, segundo a qual a natureza e o clima tropical eram óbices à prosperidade, ao impulso industrializador e à elevação das artes, o Brasil seria incompatível com o progresso. Aos intelectuais como Euclides coube a tarefa de matizar o peso dos ingredientes mesológicos, de modo a superar os empecilhos para o ingresso brasileiro na modernidade.

No esforço de esboçar a espacialidade sertaneja como núcleo da nacionalidade, o autor fluminense não se despreendeu completamente das hipóteses do historiador inglês, porém, a partir de uma lógica por vezes ambivalente, inverteu os sinais negativos do condicionamento geográfico na composição do sertanejo. Note-se que na principal obra de Euclides, o sertão é mobilizado como uma categoria contraditória que ora seduz o observador pela imponência, ora o aterroriza diante de seus perigos. Frequentemente associados ao deserto, em virtude do abismo geográfico e de uma população dispersa, os aspectos naturais no agreste martirizaram o homem e desafiaram-no em lutas perenes²⁶⁵. A aridez do solo e do clima, na ótica euclidiana, ao insurgir-se contra os sujeitos que ali habitavam, esculpiu-lhes a existência, convertendo-os em reflexos ríspidos e ferozes da vida sem tréguas nos territórios ermos do país.

Assim, a afirmativa de Euclides de que “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”²⁶⁶ expressava seu anseio de solver o impasse das sentenças de Buckle, dentre outros parâmetros deterministas, que relegavam ao Brasil a marginalidade dos desenvolvimentos humanos. O trecho abaixo d’*Os sertões* corrobora o empenho de Euclides em preencher de heroísmo os gestos daquele diante das adversidades:

Perfeita tradução moral dos agentes físicos da sua terra, o sertanejo do norte teve uma árdua aprendizagem de reveses. Afez-se, cedo, a encontrá-los, de chofre, e a reagir, de pronto. Atravessa a vida entre ciladas, surpresas repentinas de uma natureza incompreensível, e não perde um minuto de tréguas. É o batalhador perenemente combalido e exausto, perenemente audacioso e

²⁶⁵ Sobre o modo como Euclides evocou a imagem do deserto para definir os sertões baianos e a selva amazônica, ver: VENTURA, Roberto. “Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha.” In: *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 1998, p. 133-147.

²⁶⁶ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 207.

forte. (...) Reflete, nestas aparências que se contrabatem, a própria natureza que o rodeia — passiva ante o jogo dos elementos e passando, sem transição sensível, de uma estação à outra, da maior exuberância à penúria dos desertos incendidos, sob o reverberar dos estios abrasantes. É inconstante como ela. É natural que o seja. Viver é adaptar-se. Ela talhou-o à sua imagem: bárbaro, impetuoso, abrupto...²⁶⁷

Aos argumentos relativos à simbiose entre a terra e o homem, Euclides articulou razões históricas com vistas a fornecer uma resposta para o que detectava como permanências na cultura sertaneja. Para o autor, a desertificação teria gerado indivíduos aptos a acomodar-se às intempéries e às circunstâncias “primitivas” e o insulamento ter-lhes-ia poupado do contato com etapas sociais “superiores”, para as quais não estavam preparados.

O abandono em que jazeram [nossos rudes patrícios] teve função benéfica. Libertou-os da adaptação penosíssima a um estádio social superior, e, simultaneamente, evitou que descambassem para as aberrações e vícios dos meios adiantados.²⁶⁸

Não obstante as amarras evolucionistas que a citação acima deixa transparecer, frise-se que Euclides procurava no sertão os pressupostos simbólicos para engendrar um Brasil genuíno. Os desatinos e desvios a que se refere estariam materializados no litoral, fugidio aos problemas da nação e poroso apenas às trocas culturais com a Europa, mormente, com a França. Por conseguinte, enquanto o sertão fundiu-se à ideia de raiz e de origem, o litoral foi caracterizado por sua artificialidade e excessiva abertura ao estrangeirismo. Esta oposição é condensada nas palavras do autor:

Vivendo quatrocentos anos no litoral vastíssimo, em que pelem reflexos da vida civilizada (...), iludidos por uma civilização de empréstimo; respigando, em faina cega de copistas, tudo o que de melhor existe nos códigos orgânicos de outras nações, tornamos, revolucionariamente, fugindo ao transigir mais ligeiro com as exigências da nossa própria nacionalidade, mais fundo o contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles rudes patrícios mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa.²⁶⁹

O tom ácido de Euclides demonstra sua crítica mordaz à sociedade que se constituiu na costa, mais identificada com a Europa, do que com o Brasil “profundo” e “real”. Dirige, ao longo d’*Os sertões*, uma especial censura à *Belle Époque*, cujo modelo a capital dedicava-se a implantar. Esse prisma combina-se com seus dados

²⁶⁷ Id. Ibid, p. 214-215.

²⁶⁸ Id. Ibid., p. 203.

²⁶⁹ Id. Ibid., p. 317.

biográficos e sua epistolografia, os quais salientam sua recusa às redes de sociabilidade do Rio de Janeiro, ao alvoroço de livrarias e cafés, por onde circulavam intelectuais, e o desejo de evasão, em uma preferência, retoricamente manifesta em seus escritos, pelas veredas da caatinga, em detrimento da Rua do Ouvidor²⁷⁰.

Essa interpretação restritiva da *Belle Époque*, como agitação cultural alienada, avessa à brasilidade, interessada somente no exótico e adepta de um cosmopolitismo tacanho, repercutiu na historiografia brasileira. Seus rastros negaram a inclusão das expressões tidas como tipicamente nacionais e da cultura popular na agenda de parte da elite intelectual da Primeira República, alegando que seu olhar deslumbrado e de ímpeto mimético voltava-se exclusivamente para o atlântico. É válido notar que essa rejeição à “civilização de empréstimo” e à cultura de imitação repousa em um princípio essencialmente romântico, o da originalidade.

Historiograficamente questionável, uma vez que o suposto gosto pelo exótico e pitoresco não escamoteou a inquietação com o delineamento da nação e de sua cultura, nem a recorrência da mestiçagem nos debates, a tese da *Belle Époque* como momento intelectual de europeização dos costumes e de repressão aos investimentos em uma matriz fundamentalmente brasileira ganhou fôlego, sem dúvida, com as contribuições de Euclides da Cunha.²⁷¹ Nesta operação intelectual, Euclides intensificou a conflitante relação entre litoral e sertão, ao atribuir ao primeiro uma receptividade maléfica e demasiada aos valores externos, ao passo que a impenetrabilidade do último teria configurado um fator de preservação dos traços originários e únicos da nacionalidade.

O complexo processo de construção da espacialidade brasileira, assentado na dicotomia entre litoral e sertão, incidia, para Euclides da Cunha, nas dualidades de sua gente e de suas dinâmicas de miscigenação. Em sua obra mestra, *O Homem* trata da personagem humana central, o sertanejo, que, espelho da terra e da mescla de certas “raças”, constituiu-se firme e valente. Nas disputas simbólicas em que se encontravam a costa e o interior, novamente, Euclides inclinava-se mais favoravelmente ao último.

²⁷⁰ A ironia de Euclides em relação “ao verniz de cultura” que esconde “trogloditas completos”, na Rua do Ouvidor, está explicitada em: CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 500-501. Sobre sua repulsa à “civilização de copistas”, ver: LIMA, Nísia Trindade. “Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil.” In: *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 1998, p. 163-193; VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha* Op. cit., 2003.

²⁷¹ Para uma revisão crítica da historiografia que tendeu a homogeneizar a Belle Époque e a desconsiderar o problema da identidade nacional entre seus intelectuais, ver: DANTAS, Carolina Vianna. Op. cit., 2009, p. 56-79. Especificamente sobre a historiografia em torno da discussão da cultura e da música popular na Primeira República, ver: ABREU, Martha Campos. “Histórias Musicais da Primeira República.” In: *ArtCultura*, Uberlândia, UFU, v. 13, n° 22, 2011, p. 71-83.

O autor fluminense imputava à formação étnica um dos maiores dramas do Brasil, em razão da variabilidade prejudicial de componentes que se misturaram e da ausência de investigação séria que fosse capaz de prover respostas para o assunto. Enfureceu-se contra uma “meia-ciência difundida num extravagar de fantasias”, dominada por um “excesso de subjetivismo”, que não enxergava a dimensão dos cruzamentos biológicos e sua distinta distribuição no país²⁷². Desta maneira, considerava um exagero descabido as formulações que enalteciam tanto os indígenas, citando, inclusive, os “devaneios” de Gonçalves Dias (para quem, na juventude, dedicara um poema) quanto os negros africanos, nos arranjos do tipo brasileiro²⁷³.

Para Euclides, o erro crasso das pesquisas sobre a questão etnológica no Brasil era acreditar na uniformidade e em um amálgama perfeito. Ao asseverar que não existia “unidade de raça”, pretendia sugerir que a vastidão do território, as situações históricas e as diversas junções de brancos, índios e negros descambaram em heterogeneidades, as quais justificavam as dissonâncias entre os mestiços do litoral e do sertão.

Na faixa litorânea, segundo o autor, concorreram, preponderantemente, brancos e negros, que, todavia, já haviam se misturado na metrópole, desde o período colonial. O mulato, herança portuguesa, havia se multiplicado, sem, contudo, espriar-se pela *terra brasilis*, concentrando-se no litoral, devido ao tráfico negreiro e ao seu aproveitamento como mão de obra nas atividades econômicas da costa²⁷⁴. Com isso, Euclides não só destituiu o mulato de um caráter essencialmente brasileiro, uma vez que sua gênese se processara alhures, como também limitou sua presença a determinadas regiões. Aqui, há uma nítida confluência com a historiografia de Capistrano de Abreu, de quem Euclides foi leitor: o historiador cearense também propunha uma viagem para dentro do Brasil, para findar com a demasiada perspectiva litorânea e, assim, encontrar um novo sujeito, que não fossem os brancos e os negros, como núcleo da brasilidade²⁷⁵.

Embebido em um fatalismo racial quanto aos males da mestiçagem, Euclides vinculava aos mulatos do litoral uma fraqueza física e moral, resultado de uma degenerescência, causada pelos choques entre as diferentes fases evolutivas de seus

²⁷² CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 155.

²⁷³ Id. Ibid., p. 156.

²⁷⁴ Id. Ibid., p. 180-182.

²⁷⁵ GONTIJO, Rebeca. “Capistrano de Abreu, viajante.” In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 30, nº 59, 2010, p. 15-36. GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “Do litoral para o interior: Capistrano de Abreu e a escrita da história oitocentista”. In: CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. (Orgs.). *Repensando o Brasil do Oitocentos*. Cidadania, Política e Liberdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, v. 1, p. 269-292.

elementos constitutivos. Em famosa passagem de seu livro, abre um “parêntese irritante”, para expor sua credulidade nas leis da evolução, as quais tenderiam a expurgar, no decurso da civilização, as malogradas associações.

De sorte que o mestiço (...) é, quase sempre, um desequilibrado. (...) Mas o desequilíbrio nervoso, em tal caso, é incurável: não há terapêutica para este embater de tendências antagonistas. (...) Como nas somas algébricas, as qualidades dos elementos que se justapõem não se acrescentam, subtraem-se ou destroem-se segundo os caracteres positivos e negativos em presença. E o mestiço — mulato, mamaluco ou cafuz — menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos ascendentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores. (...) As leis naturais pelo próprio jogo parecem extinguir, a pouco e pouco, o produto anômalo que as viola, afogando-o nas próprias fontes geradoras. (...) É que são invioláveis as leis do desenvolvimento das espécies; e se toda a sutileza dos missionários tem sido impotente para afeiçoar o espírito do selvagem às mais simples concepções de um estado mental superior; se não há esforços que consigam do africano, entregue à solicitude dos melhores mestres, o aproximar-se sequer do nível intelectual médio do indo-europeu — porque todo o homem é antes de tudo uma integração de esforços da raça a que pertence e o seu cérebro uma herança —, como compreender-se a normalidade do tipo antropológico que aparece, de imprevisto, enfeixando tendências tão opostas?²⁷⁶

Portanto, para Euclides, o “raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral”²⁷⁷ diferia dos sertanejos, cuja “integridade orgânica” decorria da predominância de fatores étnicos inferiores, não os forçando a um padrão mais desenvolvido, para o que não estavam preparados. Fruto de um menor grau de embaralhamento inter-racial, em que confluíram índios e brancos - ideia já articulada em sua caderneta de campo -, os mestiços das terras ignotas contaram com a destreza daqueles e os caracteres mais maleáveis às adversidades dos últimos. Logo,

a índole incoerente, desigual e revolta do mestiço, como que denota um íntimo e intenso esforço de eliminação dos atributos que lhe impedem a vida num meio mais adiantado e complexo. (...) A sua evolução psíquica, por mais demorada que esteja destinada a ser, tem, agora, a garantia de um tipo fisicamente constituído e forte. Aquela raça cruzada surge autônoma e, de algum modo, original, transfigurando, pela própria combinação, todos os atributos herdados; de sorte que, despeada afinal da existência selvagem, pode alcançar a vida civilizada. (...) nos sertões a integridade orgânica do mestiço desponta inteiriça e robusta, imune de estranhas mesclas, capaz de evolver, diferenciando-se, acomodando-se a novos e mais altos destinos, porque é a sólida base física do desenvolvimento moral ulterior.²⁷⁸

²⁷⁶ Id. Ibid., p. 200-201.

²⁷⁷ Id. Ibid., p. 207.

²⁷⁸ Id. Ibid., p. 202-204.

Extrai-se, pois, da citação acima, o empenho de Euclides em relativizar as teorias científicas mais radicais a respeito do julgamento da mestiçagem. Seu jogo oblíquo de escrita, ao mesmo tempo em que condenava o fenômeno na costa, visava a afastar o fatalismo racial entre a gente que havia eleito como o símbolo da nacionalidade, não obstante seu estado embrionário, socialmente incipiente.

No que tange, especificamente, às somas étnicas que conceberam o sertanejo, Euclides refutou, em mais de uma ocasião, a participação do negro. Adstrito ao litoral, o sangue africano e mulato era tratado como irrelevante naquelas paragens. Entretanto, a assertiva euclidiana deve-se menos a uma idealização ingênua, do que a uma proposta consciente de alijar o negro da composição étnica sertaneja. Ora, sendo o homem do sertão o mais representativo do ser brasileiro, a rejeição do negro como partícipe de sua gênese implicava, por conseguinte, em seu descarte do núcleo da nacionalidade.

Ademais, o método de confecção d'*Os sertões* evidencia esse silenciamento, uma vez que, além da viagem ao interior da Bahia, que permitiu o contato direto com populações sertanejas, o autor teve acesso a informações provenientes de várias fontes. Sua visão contrasta com documentos à época, tais como recenseamentos²⁷⁹, relatórios de autoridades e fotografias a flagrar moradores e cenas do conflito no arraial²⁸⁰, em que negros e mulatos são figuras recorrentes.

Ressalte-se que, para Euclides, se o negro não forneceu substrato para o caldeamento a partir do qual nasceu o sertanejo, por sua vez, os indígenas e os brancos foram cruciais. Neste sentido, o especial destaque que confere aos bandeirantes revela a opção intelectual por uma história do interior, uma historiografia que valoriza a atuação destes, em oposição à história escrita na e a partir da capital²⁸¹. Antes mesmo das

²⁷⁹ Apesar de discordar de alguns pressupostos de Maria Beatriz Nascimento, sobretudo no que tange ao caráter primordialmente econômico e material conferido por ela ao evento de Canudos, seu artigo sobre o abolicionismo e o movimento de Conselheiro tem o grande mérito de enfatizar a presença de negros e escravos no arraial, incluindo, ainda, dados do recenseamento de 1872, segundo o qual estes representavam cerca de 60% da população nos 11 municípios da Bahia por onde Conselheiro estendeu sua atuação. Cf: NASCIMENTO, Maria Beatriz. "O movimento de Antônio Conselheiro e o abolicionismo: uma visão da história regional". In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Especial Negro Brasileiro Negro, nº 25, 1997, p. 261-267.

²⁸⁰ O acervo do Museu da República dispõe de fotografias registradas à época do conflito, a exemplo de *400 jagunços*, de Flávio de Barros, 1897. Há, ainda, uma edição do Instituto Moreira Salles com fotografias do arraial. Ver: CADERNOS DE FOTOGRAFIA BRASILEIRA. CANUDOS. Rio de Janeiro: IMS, número 1, dezembro de 2002.

²⁸¹ LIMA, Nísia Trindade. Op. cit., 1998.

páginas d'*Os sertões* em que enobrece os bandeirantes, Euclides solicitara, conforme outrora mencionado, material acerca desses viandantes das bandas distantes do mar²⁸².

Assim, derivados de dosagens étnicas e contextos históricos diversos, os sertanejos fizeram-se fortes, hábeis em driblar os infortúnios do meio, porque compatíveis com ele, e livres da mácula da degenerescência. No entanto, a descrição de Euclides não escapa às dubiedades, pois mesmo eximindo os homens do sertão de um erro biológico, imputava-lhes um deslocamento no tempo, ao considerá-los resquícios do passado no presente.

A percepção de que o sertanejo “é um retrógrado; não é um degenerado”²⁸³ e de que sua cultura é uma sobrevivência de tradições pretéritas autoriza a inferir que Euclides decodificou os sertanejos em outra dimensão do tempo. Para melhor compreender esta hipótese, mobilizar-se-á a chave teórica de François Hartog.

Segundo o historiador francês, a era dos descobrimentos descortinou a insuficiência da oposição entre antigos e modernos, além de fundar a atividade intelectual da comparação, a qual propiciou, na modernidade, a disposição dos elementos em um mesmo nível temporal, segmentados, porém por um “antes” e um “depois”. Esse raciocínio privilegiou os povos ditos civilizados, em detrimento daqueles que os antecederam, os não civilizados. Neste cenário, o selvagem configurou-se como primitivo, devido à sua condição de anterioridade à marcha do progresso.

Para Hartog, delineou-se, pois, um novo regime de historicidade, cujas texturas semânticas desembocaram no conceito moderno de história²⁸⁴. Esta experiência projetou os deslocamentos no espaço enquanto sinônimo de viagem no tempo, de modo que os selvagens passaram a ser vistos como documentos privilegiados para se acessar os primórdios da história²⁸⁵.

Essa breve digressão teórica permite confirmar a inserção de Euclides no modelo da historiografia oitocentista. Quando empregava a categoria de “selvagem” para designar os sertanejos, revelava-se um partidário do horizonte conceitual ocidental que, à época, centrava-se nos embates entre antigos, modernos e bárbaros. Em variadas

²⁸² CUNHA, Euclides da. “A Porchat – Belém do Descalvado, 15 de maio de 1895.” In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1997, p. 76.

²⁸³ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 203.

²⁸⁴ HARTOG, François. *Régimes d'historicité*. Présentisme et expériences du temps. Paris: Seuil, 2003. Para o moderno conceito de história, ver: KOSELLECK, Reinhart. Op. cit., 2006.

²⁸⁵ Cf.: TURIN, Rodrigo. Op. cit., 2004.

circunstâncias, como na passagem “não no-los separa um mar, separam-no-los três séculos”²⁸⁶, suas analogias com a diferença espacial deixam transparecer uma profundidade do tempo, na qual os sertanejos são vestígios vivos, porém em vias de desaparecimento, de um passado remoto.²⁸⁷ Mais claramente, a concepção de temporalidade tecida por Euclides denota um sertão fora da civilização e da escrita da história.

A grande aporia de sua obra mestra consiste, portanto, na tentativa de desenveredar o sertão e seus homens, para elaborar um desenho para a nação e um perfil para seu povo. O estilo antitético, as reinterpretações teóricas e os deslizamentos semânticos consubstanciam o instrumental de que dispôs para exprimir a dubiedade de um intelectual que identificou, nas recônditas trilhas agrestes, o que havia de mais genuíno, anacrônico, aterrador e vigoroso no Brasil. Cientificista com visada de romântico, patriota desiludido, Euclides escreveu ainda atônito sobre o cerne da nacionalidade, perdido nos intervalos da originalidade e dos impulsos incontornáveis do progresso, metaforizado em uma batalha que “não vence e em que não se deixa vencer”²⁸⁸.

Na próxima seção, este estudo volta-se para a análise dos desdobramentos da mestiçagem na religiosidade sertaneja, conforme a ótica de Euclides. Explorar-se-á a maneira pela qual o autor decifrou a convergência das raças, agora em uma perspectiva nociva, em práticas religiosas desvairadas e apartadas do tempo, que remontavam ao arcaísmo do sertão e avolumavam as ambiguidades euclidianas.

A religiosidade no agreste segundo Euclides da Cunha: predicados dissonantes e refluxo no tempo

O entupimento de passado presente futuro que bloqueia as existências calcificadas pela ilusão de movimento: eis o que encontrava ao término da viagem.

Italo Calvino

²⁸⁶ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 317.

²⁸⁷ Para uma perspectiva semelhante à que se traça aqui, ver: NICOLAZZI, Fernando. “O tempo do sertão, o sertão no tempo: antigos, modernos, selvagens. Leitura de *Os sertões*.” In: *Anos 90*, UFRGS, Porto Alegre, v. 17, nº 31, 2010, p. 261-285.

²⁸⁸ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 214.

A percepção letrada e urbana que se debruçou sobre o sertanejo tendeu a avaliar, sobretudo nos oitocentos e no início do século XX, a manifestação de sua religiosidade local em termos de fanatismo, desconsiderando o caldo cultural formado, a partir da absorção de elementos procedentes da atuação católica na região e da influência de indígenas e descendentes africanos.²⁸⁹ Frequentemente, rotulou seus movimentos religiosos como alienantes, sem conferir o devido valor às crenças e às práticas sertanejas, de tal sorte a não lhes creditar o estatuto de linguagem autorizada a organizar e reputar sentido ao mundo.

Euclides da Cunha abriu caminho para uma vertente histórico-literária que iria incorporar a devoção cega e obstinada à identidade do homem do sertão. Nos capítulos em que se deteve na religiosidade agreste, Euclides chocou-se com uma gente “transfigurada pela fê”²⁹⁰, para a qual seu horizonte de compreensão cientificista não fornecia uma justificativa racional. Embora fosse complacente com o drama dos belomontenses e denunciasse seu massacre, resistiu a imprimir-lhes legitimidade ao empreendimento e a sua leitura de mundo.

Se das páginas anteriores deste trabalho depreendeu-se o esmero de Euclides em minorar o aspecto danoso da miscigenação no sertanejo, ao tratar da temática religiosa, entretanto, o autor culpou justamente os entrecruzamentos étnicos por legar consequências nefastas aos habitantes da caatinga. Um povo mestiço produzia uma “religião mestiça”²⁹¹, acúmulo de predicados dissonantes, que ecoava em convulsões coletivas e confirmava a decrepitude da “raça”, bem como sua condição de desvio histórico.

Deste modo, a cultura local, cuja expressão mais singular estaria contida na religiosidade, pode ser apreendida como um ponto de inflexão da interpretação euclidiana. Aqui, o caldeamento de “raças” havia assumido contornos negativos para o autor, por ter propiciado uma religiosidade híbrida e indefinida, eivada de distúrbios e distante do projeto racional e civilizador.

²⁸⁹ A respeito dos elementos da cultura católica disseminados, na longa duração, pelas missões jesuíticas e capuchinhas no sertão, apropriados pelas práticas locais e somados aos ritos indígenas, ver: POMPA, Cristina. “A construção do fim do mundo. Para uma releitura dos movimentos sócio-religiosos do Brasil ‘rústico’.” In: *Revista de Antropologia*. São Paulo, vol. 41, nº 1, 1998, p. 177-211; Id. “O lugar da utopia: os jesuítas e a catequese indígena”. In: *Novos estudos*, Cebrap, São Paulo, nº 64, novembro, 2002, p. 83-95; Id. “Leituras do ‘fanatismo religioso’ no sertão brasileiro”. In: *Novos estudos*, Cebrap, São Paulo, nº 69, julho 2004, p. 71-88.

²⁹⁰ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 245.

²⁹¹ Nomenclatura utilizada pelo próprio Euclides da Cunha. Cf: Id. *Ibid.*, p. 237.

É curioso sinalizar que, com o fito de designar a interação entre diferentes tradições religiosas, Euclides não empregou a categoria de sincretismo, para a qual não se verifica sequer uma ocorrência em *Os sertões*, embora já constasse no vocabulário da época²⁹². A escolha de termos como “mestiçagem de crenças” e os esclarecimentos que lhes seguem sugerem o intento do autor de historicizar a religiosidade sertaneja, entrelaçando-a irremediavelmente com os processos de heranças e trocas étnicas, de acordo com o que se observa deste trecho:

Resumo dos caracteres físicos e fisiológicos das raças de que surge, sumaria-lhes identicamente as qualidades morais. É um índice da vida de três povos. E as suas crenças singulares traduzem essa aproximação violenta de tendências distintas. (...) Não seria difícil caracterizá-las como uma mestiçagem de crenças. Ali estão, francos, o antropismo do selvagem, o animismo do africano e, o que é mais, o próprio aspecto emocional da raça superior, na época do descobrimento e da colonização.²⁹³

A citação acima possibilita vislumbrar outra fenda na construção da etnicidade do homem das terras ignotas, operada por Euclides da Cunha. O argumento de que a participação de negros, oriundos da África ou nascidos no Brasil, foi quase insignificante na miscigenação de que resultou o sertanejo esmorece uma vez mais, pois o autor reconheceu, nessa e em demais passagens, sua presença e seus rastros na religiosidade do sertão. Contudo, ao fazer referência ao “fetichismo do africano” ou ao seu “animismo”, Euclides emprestava uma acepção lesiva a sua influência, porque configurava um contributo de um estágio evolutivo inferior, a tramar uma religiosidade primitiva e insana. Em suas palavras:

O círculo estreito da atividade remorou-lhe o aperfeiçoamento psíquico. Está na fase religiosa de um monoteísmo incompreendido, eivado de misticismo extravagante, em que se rebate o fetichismo do índio e do africano. E o homem primitivo, audacioso e forte, mas ao mesmo tempo crédulo, deixando-se facilmente arrebatar pelas superstições mais absurdas. Uma análise destas revelaria a fusão de estádios emocionais distintos.²⁹⁴

(...) os sertanejos, herdeiros infelizes de vícios seculares, saem das missas consagradas para os ágapes selvagens dos candomblés africanos ou poracês do tupi. Não espanta que patenteiem, na religiosidade indefinida, antinomias

²⁹² Para um estudo que percorre as variações da ideia de sincretismo, historicizando-as desde Nina Rodrigues à contemporaneidade, ver: FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Notas sobre o sincretismo religioso no Brasil. *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, Niterói, nº 11, p. 13-26, 2001.

²⁹³ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 238-239.

²⁹⁴ CUNHA, Euclides da, 2001, loc. cit.

surpreendentes. (...) há traços repulsivos no quadro desta religiosidade de aspectos tão interessantes, aberrações brutais, que a derrancam ou maculam.²⁹⁵

Logo, Euclides recaiu na tônica do fatalismo racial, por conceber a mestiçagem como junção incongruente de povos que, na direção oposta ao aperfeiçoamento, transmitia traços culturais inconciliáveis com a elevação exigida pelo monoteísmo e, mais gravemente, pelas sociedades laicas. Mesmo os indígenas, que em outros momentos figuravam positivamente no imaginário euclidiano, não escaparam, no que tange à religiosidade, da adjetivação pejorativa e em desalinho com a marcha civilizacional.

Nesta ambientação, Euclides qualificou Antônio Conselheiro, líder de um “misticismo estranho”²⁹⁶ e representante das aspirações de uma gente que professava sua fé em transe, como “grande homem pelo avesso”²⁹⁷, “documento raro de atavismo”, de recuo no tempo. Assim, em sua visão, o peregrino²⁹⁸ do agreste era um drástico caso de antagonismo com as forças da história e com o impulso para o progresso. Destoava daquele bravo sertanejo ideal, porque aglutinara, em sua personalidade, os malévolos ingredientes da “nota étnica”²⁹⁹ e os problemas sociais dela decorrentes.

Antiteticamente, a escrita escorregadia de Euclides, que afastara a degeneração entre os sertanejos, cominou a Conselheiro, profeta do retrocesso e portador de uma anomalia mística e mental, uma “degenerescência intelectual”³⁰⁰, que o incrustava no passado e o inabilitava para o acolhimento da modernidade. Todavia, essa situação era amenizada por se acomodar a um meio habituado a superstições e ao baixo grau de racionalização.

veio, impelido por uma potência superior, bater de encontro a uma civilização, indo para a história como poderia ter ido para o hospício. (...) Todas as crenças ingênuas, do fetichismo bárbaro às aberrações católicas, todas as tendências impulsivas das raças inferiores, livremente exercitadas na indisciplina da vida sertaneja, se condensavam no seu misticismo feroz e extravagante³⁰¹.

Parou aí indefinidamente, nas fronteiras oscilantes da loucura, nessa zona mental onde se confundem facínoras e heróis, reformadores brilhantes e aleijões

²⁹⁵ Id. Ibid., p. 242-243.

²⁹⁶ Id. Ibid., p. 245.

²⁹⁷ Id. Ibid., p. 255.

²⁹⁸ “O peregrino” era a alcunha a que se vinculou Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro.

²⁹⁹ Id. Ibid., p. 253.

³⁰⁰ Id. Ibid., p. 256.

³⁰¹ Id. Ibid., p. 252.

tacanhos, e se acotovelam gênios e degenerados. Não a transpôs. Recalcado pela disciplina vigorosa de uma sociedade culta, a sua nevrose explodiria na revolta, o seu misticismo comprimido esmagaria a razão. Ali, vibrando a primeira uníssonos com o sentimento ambiente, difundido o segundo pelas almas todas que em torno se congregavam, se normalizaram. (...) O fator sociológico, que cultivara a psicose mística do indivíduo, limitou-a sem a comprimir, numa harmonia salvadora. (...) Cristalizou num ambiente propício de erros e superstições comuns.³⁰²

Constante em toda a narrativa, a noção de atrito com as “exigências superiores da civilização”³⁰³ inscreveu o sertanejo e as suas práticas religiosas em um anacronismo, removendo-lhes do espaço-tempo presente, de maneira a transportá-los para outra experimentação de temporalidade. Tradução do inamovível, a religiosidade sertaneja apresentava resquícios de uma atmosfera encantada, isto é, de um passo anterior ao processo de secularização das formas de pensar e agir. Por isso, a conotação da vivência religiosa entre os homens do agreste foi acompanhada de epítetos de significação fantástica, tais quais “desvario místico”³⁰⁴, “viver misterioso”³⁰⁵, e “assombro supersticioso”³⁰⁶. Leia-se, abaixo, o excerto d’*Os sertões*:

Imóvel o tempo sobre a rústica sociedade sertaneja, despeada do movimento geral da evolução humana, ela respira ainda na mesma atmosfera moral dos iluminados que encaçavam, doidos, o Miguelinho ou o Bandarra. (...) O homem dos sertões — pelo que esboçamos — mais do que qualquer outro está em função imediata da terra. É uma variável dependente no jogar dos elementos. Da consciência da fraqueza para os debelar, resulta, mais forte, este apelar constante para o maravilhoso, esta condição inferior de pupilo estúpido da divindade. Em paragens mais benéficas a necessidade de uma tutela sobrenatural não seria tão imperiosa.³⁰⁷

A menção de Euclides de que, naquelas paragens, recorria-se às instâncias do maravilhoso pode ser destrinchada, a partir da chave teórica do (des)encantamento do mundo, desenvolvida por Marcel Gauchet, amparado na sociologia de Weber³⁰⁸. Faz-se, pois, fundamental delinear, sucintamente, este conceito, para depois compreender a leitura que Euclides empreendeu acerca da religiosidade sertaneja.

³⁰² Id. Ibid., loc. cit.

³⁰³ Id. Ibid., p. 254.

³⁰⁴ Id. Ibid., p. 311.

³⁰⁵ Id. Ibid., p. 267.

³⁰⁶ Id. Ibid., p. 403.

³⁰⁷ Id. Ibid., p. 241.

³⁰⁸ GAUCHET, Marcel. *Un monde désenchanté?* Paris: Les Éditions de l’Atelier/Éditions Ouvrières, 2004.

Conforme o francês Marcel Gauchet, o cristianismo seria uma “religião para a saída da religião”³⁰⁹, porque carregaria em si o germe para a introdução do pensamento secularizado. Por professar uma íntima correlação entre os preceitos divinos e a conduta humana, regida por uma consciência interna, o cristianismo teria incutido princípios éticos que confluíram para uma paulatina racionalização.

Uma vez interiorizada, a divindade se retiraria da natureza, onde estava “animisticamente” imiscuída. Dessacralizado e, portanto, naturalizado o mundo, inauguravam-se as condições para o aparecimento da ciência, para os encadeamentos intelectivos laicizados e para o deslocamento da religião para o domínio privado.

Esta saída ocidental da religião, efetuada, principalmente, após o século XVI, teria desembocado numa reelaboração da comunidade humana, apoiada no esvair do papel organizador e estruturante da religião. Sua retirada das formas nucleares de reflexão e ordenação social convergiria para a preponderância da lei sobre os costumes e da razão frente a fé, configurando o desencantamento do mundo e o ingresso em cena das ideologias, em detrimento de um pensamento litúrgico.

Por conseguinte, para Gauchet, haveria um recuo das instâncias do sagrado, visto que, mesmo para os crentes, seriam cada vez menores as manifestações do além materializado no espaço terreno, do aqui e agora. O afastamento entre o divino e o humano aos poucos acabaria por desacreditar a expressão concreta do sobrenatural em indivíduos, coisas ou lugares palpáveis.

As observações tecidas acerca da noção de encantamento do mundo indicam alguma consonância com a percepção de Euclides da Cunha sobre a persistência de uma aura enfeitiçada em Canudos.

Ao tatear as linhas d’*Os sertões*, capta-se que, segundo seu autor, a colonização portuguesa legara, sobretudo, um fervor religioso de um povo decaído, desorientado após a morte de D. Sebastião. Este “catolicismo incompreendido”, fruto de uma era distante da contemporânea, petrificou-se e, ao invés de agregar alguma virtude superior do branco, favoreceu a permanência de arrebatamentos religiosos primevos e a inclinação ao apelo pelo sobrenatural. Às modalidades arcaicas do catolicismo uniram-se as tradições indígenas e africanas, empurrando as práticas sertanejas para longe da rota da modernidade e do pensamento científico-racional.

³⁰⁹ Id. “La salida de la religión: del absolutismo a las ideologías.” In: *La condición histórica*. Conversaciones con François Azouvi y Sylvian Piron. Madrid: Editorial Trotta, 2007, p. 164-179.

A leitura empreendida por Euclides do evento de Canudos aproximou o arraial e a religiosidade sertaneja de um universo ainda em vias de enfeitiçamento, onde o sagrado e o profano cruzavam-se nas paisagens e nos ritos e onde os costumes eram pistas de arraigamento a um tempo pretérito.

Nestas circunstâncias de veredas indivisas, a circulação de estórias que embaralhavam as fronteiras da divindade e do mundano corroborava o tom depreciativo que Euclides lançava às expressões da cultura religiosa sertaneja.

As lendas arrepiadoras do *caapora* travesso e maldoso, atravessando célere, montado em caititu arisco, as chapadas desertas, nas noites misteriosas de luars claros; os *sacis* diabólicos, de barrete vermelho à cabeça, assaltando o viandante retardatário, nas noites aziagas das sextas feiras, de parceria com os *lobisomens e mulas-sem-cabeça* noctívagos; todos os mal-assombramentos (...), todas as benzeduras cabalísticas para curar os animais, para *amarrar e vender* sezões; todas as visualidades, todas as aparições fantásticas (...), todas as manifestações complexas de religiosidade indefinida, são explicáveis.³¹⁰

Em suma, uma perspectiva de história em reta ascendente e uma teleologia em que o desencantamento e a racionalização representavam formas mais acabadas de pensamento permearam a visão de mundo de Euclides da Cunha. Por este motivo, a fé híbrida dos sertanejos, enquanto elemento estruturante da sociedade, e os encontros etéreos entre o sagrado e o profano forjavam, na concepção do autor, uma vivência religiosa cristalizada em um espaço-tempo remoto, na contramão da laicização e do progresso, para onde caminhava a civilização.

³¹⁰ CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 238.

CONCLUSÃO

Esta dissertação ao propor refletir sobre o impacto da experiência empírica de Euclides da Cunha nos sertões baianos, para a elaboração de sua obra mestra, *Os sertões*, precisou sondar as distintas apreensões acerca das terras ignotas, desde a mocidade do escritor, com seus poemas e artigos, à maturidade, com o recrudescimento de suas leituras científicas.

Esboçando um retrato do autor quando jovem, notou-se um *fugere urbem* a contestar a imperiosidade dos ditames civilizacionais. Acossado pelo convívio urbano e pelos avanços técnicos, a postura romântica euclidiana enxergava com amargura e melancolia o embate entre o progresso e a natureza não lapidada, com o predomínio daquele na domesticação das paisagens.

Esses sinais românticos impeliram-no, ainda, a apreender de uma maneira reminiscente e edênica a natureza, a ressaltar a qualidade moral dos sertanejos, afastados da decrepitude das grandes cidades.

Mais tarde, o ingresso na Escola Militar parece ter sido crucial para o contato com uma cientificidade difusa, que destrinchava as populações rurais sob o signo da raça, do enquadramento no progresso e nos ditames da civilização. Assim, os sertões se desnudaram como espaço de desajustamento, de desconformidade com o ímpeto linear e ascendente da História.

Se os delineamentos do sertão não se isentariam de contrastes na produção de Euclides, oscilando, constantemente, entre cenário onírico, sobretudo nos poemas da mocidade, e espaço sublime e conflitante, a partir das leituras científicas, as menções às viagens e à intenção de percorrer o país, por seu turno, atravessam variados registros do autor. Seu ímpeto de peregrino, modo como chamava a si mesmo, justifica as numerosas referências a sua existência árabe, a sua profissão errante³¹¹ e esclarece o motivo por que perseverava na empreitada de lançar-se Brasil adentro, com a possibilidade de realizar a cobertura jornalística da guerra de Canudos ao jornal *O Estado de S. Paulo*.

A estada nos sertões baianos propiciou, em Euclides, o exercício de uma verve de cientista e um flerte com a etnografia, simultaneamente. Despejou em dois cadernos

³¹¹ Em suas correspondências, eram comuns essas alusões ao seu estilo de vida nômade, chegando a se comparar ao mito de Judas *Ahsverus*, por acreditar estar condenado a vagar, eternamente. Cf.: “A João Luís – São Paulo, 19 de novembro de 1895”; “A João Luís – São Paulo, 8 de dezembro de 1895”; “A João Luís – São Paulo, 23 de abril de 1986”. Id. *Ibid.*, p. 89-90, 90-91; 92-94.

de campo, um manancial de informações, a respeito de tudo o que soava curioso e digno de nota. No caderno abrigado na Casa de Cultura Euclides da Cunha, percebem-se notas atinentes à geografia local, às peculiaridades dos homens sertanejos e aos eventos da refrega. A segmentação nestes eixos temáticos reflete um observador de olhar seletivo, cujo trabalho de campo ressoou no modelo de composição d’*Os sertões*.

No outro canhenho que levava consigo Euclides lançou os esboços de reportagem e, fundamentalmente, suas observações e traços da cultura sertaneja, de sua relação com o meio e dos desenvolvimentos da peleja a que assistiu. Os indicativos do exercício de um olhar etnográfico e de um empenho em situar o “outro” no espaço e no tempo foram contemplados e ficou patente que, mesmo sem uma sequência cronológica, os assuntos acerca da natureza, do homem e da luta, embora emaranhados, já anunciavam as teses e a própria divisão de seu livro fundamental.

Estas cadernetas de Euclides evidenciam, portanto, o procedimento adotado para a produção de conhecimento a respeito da natureza dos sertões, de sua gente e do embate com as forças da República. Depreende-se de suas folhas o primado da visão do próprio investigador como observador. Aqui, percebe-se a construção de uma estratégia retórica que legitima o discurso devido ao apelo da visão. A operação de “ver” o “outro” era radicalmente contraposta ao estudo apartado, ao ouvir contar por bocas alheias. O testemunho do próprio observador e a coleta pessoal de informações de depoentes serviam como reforço de autoridade ao material produzido *in loco* que, por sua vez, constituía bases seguras para a elaboração do livro mais célebre de Euclides da Cunha. Assim, o autor fluminense dialogava com uma longa tradição de compreensão da história, cujo representante mais canônico seria Tucídides, mas que encontraria, no Oitocentos, outros adeptos que imbricavam o fazer histórico ao elogio da visão.

A estada em Canudos, desdobrada em uma experiência empírica, era entendida, pois, como o olhar que, dirigido ao objeto sob análise, demandava um esforço descritivo e acionava mecanismos de tradução. Esse esforço de tradução conduziu às indagações acerca dos procedimentos para tornar inteligível, ao público leitor do litoral, as particularidades da gente sertaneja.

Em sua obra mestra, nessa decifração da alteridade, afastou, por um momento, as teses deterministas que desacreditavam na possibilidade de um ambiente tropical prosperar, para conceber o sertão como meio de provação e desafio, o qual formava o sertanejo, adaptado às intempéries, e, portanto, um bravo, capaz de superar as

contrariedades. Na costa do país, por seu turno, a mestiçagem teria confluído para a constituição de um homem física e moralmente fraco.

Esta oposição entre litoral e sertão que atravessa a narrativa d'*Os sertões*, se desdobra nas variações dos processos etnológicos no Brasil. Segundo Euclides, enquanto no litoral, a heterogeneidade dos arranjos raciais, com destacada presença de brancos e negros, gerou o mulato, no sertão, o insulamento produziu uma mescla do europeu com o indígena.

Na perspectiva do autor, para os mulatos do litoral convergiram todos os malefícios do encontro de desiguais patamares étnicos. Ao decorrer da obra, fica evidente o desprezo de Euclides endereçado aos “exageros” da mestiçagem e subjaz às suas considerações uma noção de cultura equacionada em termos de perdas e sobrevivências. Daqueles cruzamentos em que se esbarravam “raças” muito diversas nasciam mestiços com prevalência de traços inferiores, cujos caracteres seriam gradualmente apagados, porque estavam destinados ao esmagamento pela ação do progresso humano. A passagem abaixo sintetiza claramente esta ideia:

Volve do caso vulgar, do extermínio franco da raça inferior pela guerra, à sua eliminação lenta, à sua absorção vagarosa, à sua diluição no cruzamento. E durante o curso deste processo redutor, os mestiços emergentes, variáveis, com todas as nuances da cor, da forma e do caráter, sem feições definidas, sem vigor, e as mais vezes inviáveis, nada mais são, em última análise, do que os mutilados inevitáveis do conflito que perdura, imperceptível, pelo correr das idades. É que neste caso a raça forte não destrói a fraca pelas armas, esmaga-a pela civilização.³¹²

Não obstante a idêntica condição de mestiço, o sertanejo livrou-se da mácula de degenerado, na construção simbólica tracejada por Euclides. Em seu caso, combinaram-se elementos não tão díspares, o que permitiu uma porção de homogeneidade aos homens fortes do agreste. Neste ponto, um silenciamento importante pode ser verificado: ao alijar o negro da composição étnica do sertanejo, Euclides o excluía também do tipo humano mais representativo do ser brasileiro, do cerne da nacionalidade.

O que fica latente nessas descrições é o acionamento por parte de Euclides da Cunha de uma retórica da alteridade, para estabelecer pontos de convergência, similitude e diferença sobre o “outro” do sertão. As operações intelectuais da inversão e

³¹² CUNHA, Euclides da. Op. cit., 2001, p. 203-203.

da comparação foram, desta maneira, privilegiadas, para dar conta dessa alteridade, a partir de um universo conceitual familiar àquele que se coloca na posição de intérprete. Isso explica as inúmeras ocorrências de aproximações com exemplos da Antiguidade, nesta busca para traduzir o “outro”.

A preocupação de Euclides com o ingresso da nação brasileira na rota do progresso, em sua passagem de quimera a plano viável, suscitava uma indagação a respeito da cultura sertaneja e seu lugar em uma sociedade civilizada. Apesar amenizar o peso das teses deterministas ao delinear este “outro” sertanejo, Euclides não os poupou do anacronismo. A interpretação euclidiana enxergava nos habitantes daquelas terras ignotas uma pausa estéril no motor da história ou, mais drasticamente, um retrocesso nos encadeamentos da civilização.

Ao avaliarem-se as impressões gravadas n’*Os sertões* sobre a religiosidade sertaneja, sentiu-se que, em desacordo com o julgamento que diluía os aspectos danosos na miscigenação no sertanejo, Euclides associou às práticas religiosas locais o influxo do desvario próprio ao somatório de tendências étnicas destoantes. Ademais, ao apreciar aquelas paragens em uma teleologia, na qual o sertanejo, suas crenças e práticas estariam arraigados a uma atmosfera encantada e enraizados no passado, Euclides desprezava aquele discurso religioso, por ser primitivo e não se enquadrar na linha ascendente dos desenvolvimentos humanos.

O sertanejo estaria incrustado em uma tensão que pendia ora para a essência da nação, ora para práticas culturais que implicavam um refluxo no tempo. O diagnóstico euclidiano traduz uma indecidibilidade: o sertanejo, insulado no espaço e, por isso, genuíno, estaria situado nos interstícios da originalidade brasileira e da decadência em virtude da marcha progressiva da história. Assim, as interpretações euclidianas, longe de lineares, estão repletas de veredas labirínticas, a expressarem a dubiedade de um intelectual que, procurando o presente do Brasil, para usos do futuro, encontrou-o perdido no passado.

Em síntese, o ponto de partida para a escrita de Euclides se deveu à viagem às solidões interiores do Brasil. Nestas paragens, foi o olhar etnográfico dirigido à realidade circundante que conduziu o escritor e o impeliu a historiar a natureza, a gente e as lutas destas terras desoladas. As fontes de Euclides desvelam, pois, o exercício de um olhar etnográfico a desembocar em uma história que se fez à beira de veredas sobre

os desertos ignotos da nação, os quais, por sua vez, se encontravam à margem da história.

Essa dissertação, a partir dos apontamentos acima relacionados, questionou-se, em suma, como Euclides da Cunha, em sua viagem pelo deserto baiano, viu o “outro” sertanejo e o “outro” geográfico do sertão e quais foram os mecanismos de inteligibilidade adotados nesta tradução da alteridade. Esta chave teórica abriu brechas, ainda, para uma importante problemática: a retórica do olhar em Euclides, vincada pela égide da distância, além de criar hiatos entre os sertanejos e o restante da “civilização” brasileira, definia o “outro” a partir de uma generalização, não obstante um contato real, mediante a experiência *in loco*. Por isso, resta como “intriga histórica” a pergunta sobre em que medida Euclides de fato operou uma individuação do “outro” sertanejo. Assim, embora inquestionável o flerte com o olhar etnográfico em sua escrita, na interpretação dessas populações, Euclides oferece indícios de que as representou menos a partir uma alteridade singular e, mais, desde uma categoria uníssona, difusamente deslocada no tempo. E, de novo, a metáfora da margem: Euclides margeou o “outro”, mas, ladear não deságua em experimentar.

FONTES:

1) Impressas

CUNHA, Euclides. *Caderneta de Campo*. ANDRADE, Olímpio de Sousa (Org.). São Paulo; Brasília: Cultrix, 1975.

_____. *Obra Completa*. COUTINHO, Afrânio (Org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. I, 1996,

_____. *Diário de uma expedição*. GALVÃO, Walnice Nogueira. (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Os sertões: (campanha de Canudos)*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. *Poesia reunida*. BERNUCCI, Leopoldo M.; HARDMAN, Francisco Foot (Orgs.). São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (Orgs.) *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1997.

Por protesto e adoração: In Memoriam de Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: Edição do Grêmio Euclides da Cunha, 1919.

2) Manuscrita

CUNHA, Euclides da. *Caderneta de campo*. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha Campos. “Histórias Musicais da Primeira República.” In: *ArtCultura*. Uberlândia, UFU, v. 13, nº 22, 2011, p. 71-83. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF22/abreu.pdf>

ABREU, Martha; GOMES, Angela de Castro. “A nova "velha" República: um pouco de história e historiografia.” In: *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF. Niterói, v. 13, p. 11-24, 2009. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/v13n26a01.pdf

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Angela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão. (Orgs.) *De sertões, desertos e espaços incivilizados*. Rio de Janeiro: FAPERJ: MAUAD, 2001.

ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: A geração de 1870 na crise do Brasil- Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. “Apropriação de Ideias no Segundo Reinado.” In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. (Orgs.). *O Brasil Imperial*, vol. III: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 83-118.

_____. “Arrivistas e decadentes: O debate político-intelectual brasileiro na primeira década republicana”. In: *Novos estudos*. São Paulo, n. 85, novembro, 2009, p. 131-148.

ARAÚJO, Ruy Magalhães de. “Comentários sobre as várias edições d’*Os sertões*, de Euclides da Cunha”. In: *SOLETRAS*, ano II, nº 04. São Gonçalo: UERJ, julho-dezembro, 2002. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/soletras/4/05.pdf>

ARAÚJO, Valdei Lopes de. “Henry Thomas Buckle - Apresentação.” In: MARTINS, Estevão de Rezende. (Org.). *A História Pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 217-225.

AUERBACH, Eric. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

_____. (Org.). *Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. “Euclides e sua *Ars* poética.” In: *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Fase VII, ano XV, nº 59, abril-junho, 2009, p. 179- 199.

BOLLE, Willi. *grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. São Paulo : Duas Cidades, Ed. 34, 2004.

BUCKLE, Henry Thomas. “Introdução geral à História da Civilização na Inglaterra – 1857.” (Tradução Valdei Araújo). In: MARTINS, Estevão de Rezende. (Org.). *A História Pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 226-245.

CADERNOS DE FOTOGRAFIA BRASILEIRA. CANUDOS. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, número 1, dezembro de 2002.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Edição especial, comemorativa do centenário de *Os sertões*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, números 13 e 14, dezembro de 2002.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. Edição especial, comemorativa de 10 anos. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, números 20 e 21, dezembro de 2006.

CALASANS, José. “Euclides da Cunha nos jornais da Bahia”. In: *Revista de Cultura da Bahia*, n. 4, julho-dezembro de 1969. Disponível em: <http://josecalasans.com/downloads/artigos/17.pdf>

CANDIDO, Antonio. “O homem dos avessos”. In: *Tese e antítese*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARDOSO, Eduardo Wright. “Presentificando a natureza: os enunciados descritivos da paisagem nacional como efeitos de presença na escrita da história oitocentista.” In: *História da Historiografia*, Ouro Preto, nº 8, abril, 2012, p. 107-125.

CARVALHO, José Murilo de. “O último dos românticos.” In: *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005, p. 434-439.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

DANTAS, Carolina Vianna. “O Brasil café com leite: debates intelectuais sobre mestiçagem e preconceito de cor na Primeira República”. In: *Tempo*. vol.13, nº 26, Niterói, 2009, p. 56-79. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042009000100004

DUARTE, Pedro. *Estio do tempo: romantismo e estética moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930*, v. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FERREIRA, Maria de Simone. *Museus imperiais: uma viagem às Imagens do Brasil na narrativa de Carl von Koseritz*. Rio de Janeiro: Cassará Editora, 2012.

FERRETTI, Danilo José Zioni. “Euclides da Cunha historiador: a reiventação do bandeirante em *Os Sertões*.” In: *Revista de História* (USP), São Paulo, v. 160, 2009, p. 261-284.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. “Notas sobre o sincretismo religioso no Brasil”. In: *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, Niterói, nº 11, p. 13-26, 2001.

FRANCHETTI, Paulo. “Gonçalves de Magalhães e o Romantismo no Brasil”. In: *Revista de Letras*, São Paulo, vol. 46, jul./dez. 2006, p. 113-130.

FREITAS, Marcus Vinicius de. “O polígrafo do sertão: ciências naturais e literatura na obra de Euclides da Cunha.” In: *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro: Fiocruz, v. 9, n.2, p. 427-430, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702002000200010&script=sci_arttext

GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais*. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *O império do Belo Monte: vida e morte de Canudos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

GAUCHET, Marcel. *Un monde désenchanté?* Paris: Les Éditions de l’Atelier/Éditions Ouvrières, 2004.

_____. “La salida de la religión: del absolutismo a las ideologías.” In: *La condición histórica*. Conversaciones con François Azouvi y Sylvian Piron. Madrid: Editorial Trotta, 2007, p. 164-179.

GOMES, Angela de Castro. “História, ciência e historiadores na Primeira República”. In: *Ciência, civilização e república nos trópicos*. HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2010.

GOMES, Gínia Maria de Oliveira. *A travessia de uma Terra ignota: leitura de Os sertões*, de Euclides da Cunha. Tese de doutorado em Literatura Brasileira. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

_____. “O viajante de Os sertões”. In: *Organon* (UFRGS), Porto Alegre, v. 17, n.34, p. 133-156, 2003. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/29981/18580>

GONÇALVES, Márcia de Almeida. “Histórias de gênios e heróis: indivíduos e nação no Romantismo brasileiro.” In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. (Orgs.) In: *O Brasil Imperial*, vol. III: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 427-463.

GONTIJO, Rebeca. “Capistrano de Abreu, viajante.” In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 30, nº 59, 2010, p. 15-36.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional.” In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 1, 1988, p. 5-27.

_____. “História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação”. In: *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*, vol. 7, nº 2, Rio de Janeiro, julho/outubro, 2000.

_____. Do litoral para o interior: Capistrano de Abreu e a escrita da história oitocentista. In: CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Repensando o Brasil do Oitocentos: cidadania, política e liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 267-291.

HARDMAN, Francisco Foot. “Brutalidade Antiga: Sobre História e Ruína em Euclides.” In: *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 10, n.26, 1996, p. 293-310.

HARTOG, François. *Le miroir d’Hérodote: essai sur la représentation de l’autre*. Paris: Éditions Gallimard, 2001.

_____. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

_____. *Régimes d’historicité. Présentisme et expériences du temps*. Paris: Seuil, 2003.

_____. “Les classiques, les modernes et nous”. In: *Revista de História*, Dossiê: Antigos, modernos, selvagens: diálogos franco-brasileiros de História e Antropologia, São Paulo: USP, 2010, p. 21-38. Disponível em:
http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/Especial_Antigos_e_Modernos/01_-_Franois_Hartog.pdf

HERMANN, Jacqueline. “Canudos Destruído em Nome da República: Uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897” In: *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1996, p. 81-105.

_____. “Canudos: a terra dos homens de Deus.” *Estudos Sociedade e Agricultura*, UFRJ, Rio de Janeiro, v. 9, 1997, p. 16-34.

_____. “Canudos: uma avaliação historiográfica.” *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 159, 1998, p. 331-352.

_____. “Religião e política no alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado.” In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano*, vol. 1, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 121-160.

HUMBOLDT, Wilhelm von. “Sobre a tarefa do historiador.” In: MARTINS, Estevão de Rezende. (Org.). *A História Pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 82- 100.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2006.

KUNST, Rafael Vicente. “O Sertanejo entre o mito e tragédia – usos da Antiguidade clássica n’Os Sertões”. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308166745_ARQUIVO_OSertanejoentreomitoetragedia-textoanpuh2011.pdf

LE MOS, Renato. “A alternativa republicana e o fim da monarquia.” In: *O Brasil Imperial*, vol. III: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 403-443.

LIMA, Luiz Costa. *Terra ignota: a construção de Os sertões*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1997.

_____. “A estabilidade interpretativa de *Os Sertões*.” In: *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, v. 59, 2009, p. 111-135.

LIMA, Nísia Trindade. “Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil.” In: *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 1998, p. 163-193. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701998000400010&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

MATTOS, Hebe. “Racialização e cidadania no Império do Brasil.” In: CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. (Orgs.). *Repensando o Brasil*

do Oitocentos. Cidadania, Política e Liberdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, v. 1, p. 349-391.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. “A Modernidade Republicana.” In: *Tempo*. Revista do Departamento de História da UFF, v. 13, p. 25-41, 2009.

MONTEIRO, Vanessa Sattamini Varão. “Órfãos do ódio”. In: *Revista de História (UFES)*, Rio de Janeiro, v. 01, p. 58-61, 2005.

_____. *Canudos: as crianças do sertão como butim de guerra.* Dissertação de mestrado em História. Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, PUC- Rio, 2007.

MURARI, Luciana. *Brasil, ficção geográfica: ciência e nacionalidade no país d’Os sertões.* São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig, 2007.

_____. *Natureza e cultura no Brasil. (1870-1922).* São Paulo: Alameda, 2009.

NASCIMENTO, José Leonardo do (Org.). *Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos.* São Paulo: Editora Unesp, 2002.

_____. FACIOLI, Valentin. *Juízos críticos: os sertões e os olhares de sua época.* São Paulo: Editora Unesp, 2003.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. “O movimento de Antônio Conselheiro e o abolicionismo: uma visão da história regional”. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Especial Negro Brasileiro Negro, nº 25, 1997, p. 261-267.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. “Brasil e Brasileiros: Interpretações Cientificistas, Ensaio de Caracterização.” In: *Revista de História*, São Paulo, n. 129-131, agosto/dezembro 1993 a agosto/dezembro 1994, p. 31-51.

_____. *Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro (1870/1920).* São Paulo: Annablume, 1998.

_____. *Cientificismo e sensibilidade romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2004.

NEVES, Margarida de Souza. “Ciência, civilização e República.” In: *Ciência, civilização e república nos trópicos*. HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto (Orgs.). Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2010, p.31-44.

NICOLAZZI, Fernando Felizardo. “O narrador e o viajante: notas sobre a retórica do olhar em *Os sertões*”. In: *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 2, 2009.

_____. “À sombra de um mestre. Gilberto Freyre leitor de Euclides da Cunha”. In: *História*, UNESP, v. 29, 2010, p. 254-277.

_____. “O tempo do sertão, o sertão no tempo: antigos, modernos, selvagens. Leitura de *Os sertões*.” In: *Anos 90*, UFRGS, Porto Alegre, v. 17, nº 31, 2010, p. 261-285.

OLIVEIRA, Ricardo de. “Ficção, ciência, história e a invenção da brasilidade sertaneja”. In: *Revista Ipotesi*, UFJF, Juiz de Fora, v. 4, nº 1, 2000, p. 37-53.

_____. “Euclides da Cunha, Os sertões e a invenção do Brasil profundo.” In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, nº 44, 2002, p. 511-537.

PAIVA, Wilson Paiva de. “A formação do homem no Emílio de Rousseau”. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 33, nº 2, p. 323-333, maio/agosto, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v33n2/a10v33n2.pdf>

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “A realidade como vocação: literatura e experiência nas últimas décadas do Império.” In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. (Orgs.). *O Brasil Imperial, (1870-1890)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, v. 3.

PEREIRA, Sonia Maria Couto. *Etnografia e iconografia nos registros produzidos por Hércules Florence durante a Expedição Langsdorff na Província do Mato Grosso (1826-1829)*. Dissertação de mestrado em História. Dourados, MS: UFGD, 2008.

POMPA, Cristina. “A construção do fim do mundo. Para uma releitura dos movimentos sócio-religiosos do Brasil ‘rústico’.” In: *Revista de Antropologia*. São Paulo, vol. 41, nº 1, 1998, p. 177-211.

_____. “O lugar da utopia: os jesuítas e a catequese indígena”. In: *Novos estudos*, Cebrap, São Paulo, nº 64, novembro, 2002, p. 83-95.

_____. “Leituras do ‘fanatismo religioso’ no sertão brasileiro”. In: *Novos estudos*, Cebrap, São Paulo, nº 69, julho 2004, p. 71-88.

ROMERO, Sylvio. *Cantos populares do Brasil*. Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1883. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/02459210#page/7/mode/1up>

_____. *Estudos sobre a poesia popular do Brasil (1879-1880)*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1888. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01614300#page/1/mode/1up>

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da educação*. São Paulo: Difel, 1973.

_____. “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.” In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SABINO, Márcia Peters. *Augusto dos Anjos e a poesia científica*. Dissertação de mestrado em Literatura Brasileira. Juiz de Fora: UFJF, 2006.

SANTANA, José Carlos Barreto. “Geologia e metáforas geológicas em *Os sertões*.” In: *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, v.5, n.1, Rio de Janeiro, julho, 1998, p. 117-

132. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701998000400007&script=sci_arttext#4

_____. “Naturalistas e cientistas: algumas fontes de *Os Sertões*”. In: *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Fase VII, ano XV, nº 59, abril-junho, 2009, p. 161-178.

SANTOS, Ademir Pereira dos. “Theodoro Sampaio, um aprendiz, um mestre e muitas lições.” In: *Horizonte Geográfico*, v. 138, p. 70-79, 2011.

SANTOS, Miriam de Oliveira. “Um olhar sobre as instituições escolares militares brasileiras do fim do século 19 ao início do século 20.” In: *RBEP*, Brasília, v. 88, n. 219, p. 310-330, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/499/510>

SANTOS, Ricardo Ventura. “A obra de Euclides da Cunha e os debates sobre mestiçagem no Brasil no início do século XX: Os sertões e a medicina-antropologia do Museu Nacional.”. In: *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 1998, p. 237-254. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59701998000400013&script=sci_arttext

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo, ou civilização e barbárie*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SCHNEIDER, Luiz Alberto. *Sílvio Romero: hermeneuta do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Natureza como paisagem: imagem e representação no segundo Reinado.”. In: *Revista USP*, São Paulo, n.58, junho/agosto 2003, p. 6-29.

_____. “A natureza como paisagem e como emblema da nação: uma reflexão sobre arte neoclássica no Brasil do século XIX e acerca da produção de Nicolas Taunay.” In: *Centre for Brazilian Studies*, University of Oxford, Working Paper, april/june 2003.

_____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SILVA, Edson Santos Ferreira da. “Rudes cronistas dos acontecimentos: fontes orais e a construção da narrativa de Os sertões.” In: V Encontro Estadual de História Anpuh-BA, 2010, Salvador. Anais do V Encontro Estadual de História Anpuh/BA, 2010. Disponível em: http://anpuhba.org/wp-content/uploads/2012/12/Edson_Santos_Ferreira_da_Silva.pdf

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. “O naturalismo de Euclides da Cunha: ciência, evolucionismo e raça em *Os sertões*.” In: *Revista de História e Estudos Culturais*, vol. 7, ano VII, nº 2, maio-agosto, 2010.

STARLING, Heloísa Maria Murgel. *Lembranças do Brasil: teoria política, história e ficção em Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Revam; UCAM; IUPERJ, 1999.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TURIN, Rodrigo. “Quando a etnografia faz história: o primado da observação e a construção da temporalidade em Sílvio Romero.” In: *XI Encontro Regional de História, ANPUH-RJ*, Rio de Janeiro, 2004.

_____. Narrar o presente, projetar o futuro: Sílvio Romero e a experiência historiográfica oitocentista. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, 2005.

_____. “Uma nobre, difícil e útil empresa: o ethos do historiador oitocentista.” In: *Revista de História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 2, 2009, p. 12-28.

_____. “A história profunda da nação: conjunções e distensões entre o etnográfico e o histórico (1870-1900).” In: *Intellèctus* (UERJ. Online), v. Ano 8, 2009, p. 1-36.

_____. “Entre antigos e selvagens: notas sobre os usos da comparação no IHGB.”
In: *Revista de História USP*, São Paulo, Edição especial, 2010, p. 131-146.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. “Euclides da Cunha e a República”. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, 10 (26), 1996, p. 274-291. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v10n26/v10n26a24.pdf>

_____. “Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na *urbs* monstruosa.”
In: *Revista de Antropologia*. Vol.40, n.1, São Paulo, 1997.

_____. “Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha.” In: *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 1998, p. 133-147. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01045970199800040000&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

_____. *Euclides da Cunha - Esboço Biográfico: Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*. CARVALHO, Mário César; SANTANA, José Carlos Barreto de (Orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ZILBERMAN, Regina. “Ferdinand Denis e os paradigmas da história da literatura.” In: *Desenredo*, PPGL/UPF, v. 2, 2006, p. 137-147.